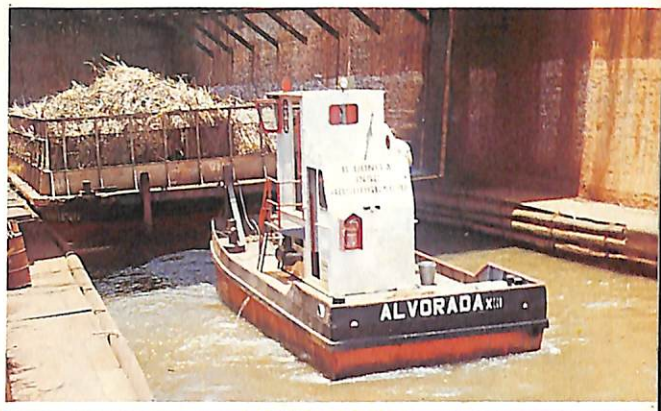
MARÇO/93 - Nº 533 - ANO 49 - Cr$ 70.000,00

a granja

A REVISTA DO LÍDER RURAL



HIDROVIA

Tietê-Paraná, uma interligação que unirá o Mercosul por via fluvial

SAFRAS

Os números sinalizam problemas de abastecimento interno

DEPOIMENTO

A Cooperativa que criou banco agrícola para resolver os seus problemas com as safras

MOSCA-DO-CHIFRE

Flagelo que anda à galope pelo Brasil, não está recebendo muita atenção

EDITORA CENTAURUS

CONTROLE DE QUALIDADE DA MASSA DE GRÃOS

DRYCO®

dryERATION
PORTO ALEGRE RS

BASTA DE PERDAS!

A produção agrícola demanda custos elevados e muito suor, sendo inadmissível, devido a uma má armazenagem, colocar em risco ou perder o resultado de um ano de trabalho. Portanto, torna-se imperativo eliminar toda e qualquer possibilidade de perdas, conservando a safra com total segurança.

Dentro desta realidade, a DRYERATION, com dedicação e anos de pesquisa junto às unidades armazenadoras, desenvolveu um sistema exclusivo de ''Controle de Qualidade da Massa de Grãos'', o DRYCO. É um gerenciador que racionaliza com absoluta segurança e sem riscos de qualquer perda, unidades armazenadoras existentes e em implantação.

Aliado aos princípios da tecnologia e bom desempenho, a manutenção da qualidade da massa de grãos é a solução que o DRYCO oferece ao mercado agrícola. A partir do seu lançamento, vem conquistando sólidos lucros aos seus clientes do Brasil e Exterior.

dryERATION

10 ANOS

mittler

JUNTOS PARA PLANTAR UM NOVO AMANHÃ

BANNER

RUA ZAMENHOFF, 71 - FONES: (051) 342.8577 E 342.8683 - TELEX: 513118 DRYE BR - FAX: (051) 342.5257 - CEP 90550-090 - PORTO ALEGRE - RS

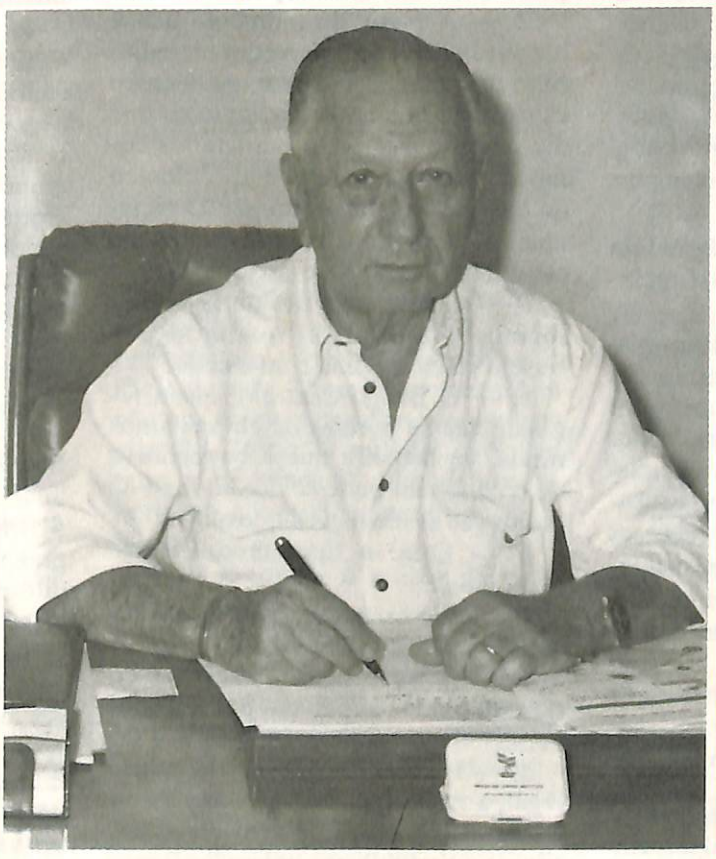
DEPOIMENTO

Dr. Isaac, um jovem administrador de 82 anos

Aos 82 anos de idade, o mineiro Isaac Ribeiro Ferreira Leite comanda a maior organização cooperativista especializada em café no Brasil: a Cooperativa Regional de Cafeicultores em Guaxupé Ltda, localizada na cidade de mesmo nome, com 40 mil habitantes e distante 500km da capital Belo Horizonte. Fundada há 35 anos, os 6.200 associados são responsáveis pela produção de 1,2 bilhão de sacas todos os anos, volume que gera uma receita de US$ 60 milhões (US$ 50 a saca). Além do café, os cooperados produzem frangos, cereais, grãos, ração e o leite, é claro.

O Brasil vai colher neste ano 21 milhões de sacas, porém engana-se quem pensa que o café hoje é um bom negócio, pelo menos nos últimos anos não o tem sido. O grande problema que o produtor enfrenta, explica o senhor Isaac, é não conseguir um maior valor pela saca porque o café não é beneficiado. "A matéria-prima não tem defesa, e o grão precisa ser submetido a qualquer processo que lhe agregue mais valia".

E numa tentativa de impulsionar o setor cafeeiro, que a exemplo dos demais segmentos da economia nacional também paga caro pelo dinheiro e as instituições bancárias andam desinteressadas em financiar o produtor rural, a Cooperativa Regional de Cafeicultores em Guaxupé resolveu abrir as portas para o homem do campo, criando o Agrocredi, o banco do café. "A maneira encontrada pelos países da Europa em financiar o setor rural nasceu com o Credit Agrícole de France, um dos maiores e fortes estabelecimentos do Velho Mundo", compara Isaac. A seguir, acompanhe o depoimento deste verdadeiro líder rural.



Dr. Isaac Ribeiro Ferreira Leite, um administrador que se orgulha da Cooxupé e de sua idade

Foto: Ass. Impr. Cooxupé

A Granja — O que levou a Cooperativa Regional de Cafeicultores em Guaxupé (Cooxupé) a organizar um banco agrícola?

Isaac Leite — A Cooxupé e agora a Agrocredi foram criadas com a finalidade de ajudar e beneficiar seus cooperados, cumprindo sempre uma missão de construção, progresso e melhoria de qualidade de vida. A história da entidade está aí para confirmar os propósitos traçados ao longo de 35 anos, com a implantação de uma cafeicultura moderna no Sul de Minas Gerais e Baixa Mogiana. Foram desenvolvidos tipos diferentes de comercialização, permanecendo sempre, lado a lado, junto aos associados na luta pelos principais interesses.

P — Quais as barreiras enfrentadas nas áreas privada e oficial para que fosse possível abrir as portas da instituição?

R — Os entraves decorrentes da

criação de uma cooperativa de crédito rural foram aqueles próprios da burocracia brasileira. Nos últimos tempos, estamos assistindo a um grande desinteresse por parte dos bancos, tanto de capitais privados como estatais, em financiar a atividade primária no Brasil, um segmento base para qualquer aspiração em desenvolvimento. Para tanto, vemos como a melhor alternativa a própria agropecuária se autofinanciar por meio das respectivas cooperativas de crédito. É bom lembrar que esta foi a maneira encontrada pelos países europeus em bancar a área rural, como foi o caso do *Credit Agrícole de France*, conhecido como um dos maiores e mais fortes bancos da Europa.

Com um corpo de 23 técnicos da área rural o Agrocredi sabe o que faz

P — Como foi criado o capital da instituição, bem como seu funcionamento e sócios?

R — O capital mínimo determinado é formado pela integralização das cotas-partes (que possuem um valor fixo) pelos cooperados. Para poder trabalhar com a cooperativa é indispensável ser ligado a ela e ainda subscrever um certo montante de recursos mínimos estabelecidos pelos estatutos.

P — Quando a Cooperativa de Crédito — Agrocredi — de fato passou a existir, e qual o volume de empréstimos concedidos?

R — A inauguração aconteceu no dia 6 de novembro do ano passado. Por causa de exigências legais, o banco só pôde começar a operar os empréstimos 30 dias após a abertura da agência. Da mesma forma, o associado só pôde buscar os recursos um mês depois de sua inclusão no quadro.

P — As garantias exigidas ao usuário são as mesmas de redes oficiais e particulares, ou há certas facilidades para quem é da casa?

R — Para aqueles que desejarem se credenciar como tomadores de recursos, além da condição básica de filiação, é imprescindível preencher os quesitos normais da praxe bancária.

P — A Agrocredi vai operar em faixas do tipo Finame Rural, entre outros modelos?

R — Nós estamos autorizados pelo Banco Central a utilizar as inúmeras linhas do Banco do Brasil, repassando-as por intermédio de convênios. Porém, até o momento, ainda não houve qualquer movimento por estarmos recém começando.

P — Quem será mais beneficiado quanto a aporte de capitais disponíveis: a agricultura ou a pecuária?

R — Conforme dissemos anteriormente, até o presente momento não registramos qualquer solicitação devido aos impedimentos de ordem legal.

P — A estrutura técnica do banco, na parte de agropecuária, dispõe de elementos próprios ou vai pedir socorro à Cooxupé?

R — A partir do momento que a luz verde das operações com o crédito rural for acesa, teremos um técnico especializado no assunto, tanto no que diz respeito à questão burocrática como de análise. Mas o corpo técnico do complexo é integrado por 23 engenheiros agrônomos que auxiliarão na completa assistência e fiscalização.

P — O prazo médio de financiamentos é estipulado tomando por base a safra ou dias comerciais?

R — O Banco Central é quem regulamenta as normas de empréstimos rurais, de maneira que a cooperativa de crédito não pode se dar ao luxo de promover as inovações que quiser.

P — Qual a taxa média a ser praticada?

R — Ela estará dentro dos limites do Banco do Brasil.

P — A instituição é regional ou tem planos de expansão para outras zonas?

R — Igualmente, por determinação legal, a Agrocredi não pode constituir filiais, bem como sua área de abrangência é limitada por ordem do Banco Central para que não haja invasão de territórios de uma agência sobre outra.

P — O banco presta aval para demais operações a seus correntistas, tais como carta de fiança, entre outros serviços?

R — Estamos falando a respeito de uma entidade de cooperados, dirigida e especializada ao crédito agropecuário. Não é uma simples carteira rural como se fosse uma instituição comercial. A nossa comunicação é simples e rápida, e o produtor sente-se à vontade para tratar de seus negócios. Ele está em casa e no seu próprio banco.

As cooperativas de crédito são mais uma esperança do agricultor brasileiro

P — Como o associado vê essa iniciativa da cooperativa?

R — Sendo a Agrocredi estreitamente ligada à Cooxupé, que é depositária e armazenadora da produção, a negociação de crédito fica facilitada. Nesse sentido, o produtor pode programar a venda de sua safra sem precipitação ou intermediários, participando das oportunidades do mercado e de acordo com suas necessidades. E, na condição de produtor rural, vejo com enorme esperança o desenvolvimento das cooperativas de crédito, assim que a nova lei lhe permita encontrar seu destino, como instituição de financiamento rural. Estamos no limiar das grandes transformações que o Brasil atravessa e espero, a médio prazo, leis atualizadas e úteis ao crédito para o homem do campo através das cooperativas.

P — Qual é o volume de sacas de café que a cooperativa movimenta em cada safra?

R — A Cooxupé trabalha com nada menos do que 1,2 bilhão de sacas de café por ano. A cotação média de uma saca gira em torno de US$ 50, o que multiplicado pelo total da produção anual gera um volume de US$ 60 milhões/ano, apenas com café. Há, ainda, a parte de grãos, frango, ração, etc, de modo que tudo isso provoca um movimento substancial. Então, temos que passar à Agrocredi, gradativamente, toda a parte financeira, o que não acontece da noite para o dia.

P — Se apenas com o café devem entrar nos cofres da instituição US$ 60 milhões, qual a soma total caso sejam considerados os demais produtos?

R — Não é bem assim. Eu diria

que grande parte deverá entrar na Agrocredi, que esperamos contar com 1.000 associados, enquanto a Cooperativa de Cooxupé tem 6.200 produtores. Esse contingente de produtores lidam com café, frango, grãos, leite, cereais, entre outras fontes de renda. A nossa estrutura de cooperativa já saiu da fase de organização e ingressou na de estruturação, que abrange o segmento de processamento de dados.

P — O Governo Federal, através do Ministério da Indústria e Comércio, está irrigando os cafezais com uma respeitável soma de Cr$ 1 trilhão, cuja parte é oriunda do Funcafé. Esse aporte é suficiente para tirar o café do vermelho?

R — Na verdade, essa é a nossa necessidade. O Governo Federal está propondo a liberação, só que aos poucos e de forma parcelada, mês a mês, até o final desse ano. No entanto, estamos contestando a forma com que o dinheiro chegará às mãos do cafeicultor, tendo em vista que em qualquer lavoura existem datas fatais. Desse jeito, não podemos ir a campo com recursos "conta-gotas". Quando chega a hora de adubar e plantar não há como protelar, ou cuidar de determinada praga, que não espera para atacar. Todos os prazos são sazonais e fatais. Mas nem tudo está perdido porque continuamos a discussão e procuramos ver se diminuimos as etapas.

P — E quando chegariam às mãos do produtor?

R — A primeira liberação é aguardada até o final de fevereiro, que deve ficar entre Cr$ 400 e 600 bilhões, numa distribuição uniforme para todo plantador de café brasileiro. Ainda não fomos notificados do montante que virá para a Agrocredi, e o próprio Banco do Brasil, até o último dia 10.02, não havia recebido o dinheiro do Banco Central, de modo que sequer fizeram um plano de repasse às cooperativas.

P — O produtor não tem receios em ir com sede ao pote, isto é, apanhar o dinheiro no banco e depois...?

R — Sem dúvidas estamos diante de uma questão extremamente delicada. Dado os custos financeiros exorbitantes, o pessoal está com o pé atrás em tomar os recursos e assumir mais compromissos. Ele está precisando de dinheiro, porque não tem como fazer a adubação, levar avante os tratos culturais e combater as pragas. Indispomos de meios para recuperar tais gastos na hora da venda do nosso produto, que está principalmente voltado para o mercado externo. Não existe uma facilidade de recuperar os preços como no caso do comércio ou indústria, que realinham de acordo com a inflação.

P — Mas o café não é regido sob a batuta do dólar?

R — Exatamente, porém ele ainda é inferior aos juros e custos reais do capital que você apanhar emprestado.

P — Há quanto tempo o produtor de café rema contra a maré?

R — Olha, faz uns três a quatro anos.

Temos que envidar esforços para que a exportação do café seja feita em pó

P — Quais os destinos e volume da produção do café brasileiro?

R — O Brasil, em 1993, deverá produzir em torno de 21 milhões de sacas de café. Levando em consideração um *carry over* de anos anteriores, com 25, 26 ou 27 milhões. No cômputo geral, temos 18 milhões para exportação e 9 milhões para o mercado interno.

P — E qual é o estado da cafeicultura nacional?

R — Há poucos dias, realizamos na Cooxupé uma reunião que contou com a presença de autoridades importantes, entre as quais o senador Ronan Tito, o ex-governador e cafeicultor Aureliano Chaves, o fundador da Companhia Vale do Rio Doce, Elieser Batista, homem de grande trânsito internacional (Europa e Japão), entre outras pessoas.Nesse encontro acertamos a busca por novas alternativas, não apenas de produção e qualidade, como de mercado. Hoje em dia, tudo está modificado e precisamos nos adaptar às transformações. E, acima de tudo, deixar de ser simplesmente um exportador de matéria-prima, procurando agregar valores a nossa mercadoria. Caso essa situação não seja alterada, as dificuldades persistirão no sentido de manter a própria atividade.

P — O que poderia ser feito para valorizar o café nacional?

R — A matéria-prima não tem defesa. O grão precisa ser submetido a qualquer processo que lhe dê mais valia. A saca de café está cotada em US$ 70 a 75. Amanhã, estes mesmos 50kg serão industrializados no exterior e, automaticamente, subirá para nada menos do que US$ 2,2 a 2,4 mil. É claro que existe uma série de custos embutidos nesse montante. Mas a matéria-prima não está representando mais do que 4%, o que é irrisório. É vital que criemos novas opções e viabilizemos projetos para participar um pouco mais do grande valor econômico que o café tem e não usufruimos.

P — O que falta para que haja um melhor aproveitamento?

R — Até agora, o preço puramente da matéria-prima, anterior à crise que comentei, era satisfatório. Com uma tranqüilidade fictícia, o pessoal sequer cogitou ou mesmo se preparou para enfrentar a situação agora vivida. Repito que é vital buscar uma maior remuneração ao produto. No Brasil, ele representa 4% da receita cambial, ao passo que na América Central, Colômbia e África chega a 80%, levando os governos a darem um tratamento especial, como uma série de vantagens entre subsídios e outras facilidades. Para o brasileiro fica até mais difícil de competir lá fora.

P — Os cultivares disponíveis aqui para o cafeicultor são adequados, seja em resistência a doenças como em produtividade?

R — Nós estamos ressentindo muito, porque a pesquisa, de uma maneira geral, em todas as áreas no País, está bastante reduzida por tremenda falta de recursos. Os pesquisadores fazem o que podem e, infelizmente, não conseguem atingir o desenvolvimento esperado. Por outro lado, o que já alcançamos é suficiente, por enquanto, para ir trabalhando. Amanhã, sem dúvidas, teremos necessidade de avançar. E, para finalizar, o principal obstáculo que enfrentamos é de ordem mercadológica e o custo do dinheiro.

EDITORA CENTAURUS

Editor e diretor-presidente: Hugo Hoffmann
Diretora comercial: Leoni Zaveruska
Diretor-executivo: Jorge Luzardo C. Silva

a granja

A REVISTA DO LÍDER RURAL

REDAÇÃO
Luiz Fernando Boaz (repórter), Betina Hoffmann (fotógrafa), Iara Salin Gonçalves (revisão). Colaboradores: Eduardo Hoffmann, Luiz Fernando Lemmertz e Thanira Chayb de Pillar.

COMPOSIÇÃO
Renato Fachel (supervisor), Paulo Nobre e José Xavier Neto (composição).

CIRCULAÇÃO
Antônio Correa Martins (supervisor de assinaturas), Sérgio Luiz Koan (supervisor de venda avulsa), Amália Severino Bueno (coordenadora).

PUBLICIDADE
Gerente: Jorge Régis Marques.

SUCURSAL DE SÃO PAULO
Praça da República, 473, 10º andar, conj. 102, fone (011) 220-0488, telex (11) 31567, fax (011) 220-0686, CEP 01045-001, São Paulo/SP - Gerente: Telma Gracia Gulla.

Representantes/Publicidade
DISTRITO FEDERAL - OBN - Organização Brasileira de Notícias, SDS Lote T8, Bloco M, Ed. Cine Venâncio Jr., 1º e 2º subsolos, telex (61) 2260, fone (061) 225-6248 e 225-5934, CEP 70394-900, Brasília/DF; PARANÁ - Spala - Marketing e Representações, Rua Conselheiro Laurindo, 825, conj. 704, fone (041) 222-1766, CEP 80060-100, Curitiba/PR; RIO DE JANEIRO - Lobato Propaganda e Marketing Ltda., Rua Siqueira Campos, 43, 8º andar, conj. 835, fone (021) 256-8724, CEP 22031-070, Rio de Janeiro/RJ; MINAS GERAIS - José Maria Neves - Av. do Contorno, 8000 conj. 1107 - fone (031) 291-7008 - CEP 30220-000 - Belo Horizonte/MG.

A Granja *é uma publicação da Editora Centaurus Ltda., registrada no DCDP sob nº 088, p.209/73. Redação, Publicidade, Correspondência e Distribuição: Av. Getúlio Vargas, 1556 e 1558, fone (051) 233-1822, telex (51) 2333, fax (051) 233-2456, Cx. Postal 2890. CEP 90150-004, Porto Alegre/RS. Exemplar atrasado: Cr$ 80.000,00.*

Saiba as vantagens de assinar
a granja
Ligue
(051)233-1706

ÍNDICE

NESTA EDIÇÃO

CONJUNTURA
O mercado interno espera muito de nossa safra 12

MANEJO
Mosca-do-chifre, um flagelo que veio a galope 23

TRANSPORTE
Um consórcio que faz as águas rolarem 30

SEÇÕES

Aconteceu 7
Caixa Postal 2890 8
Aqui Está a Solução 9
Eduardo Almeida Reis 10
Porteira Aberta 11
Flash 40
Mundo da Lavoura 41
Mundo da Criação 42
Hortas e Pomares 43
Agribusiness 44
A Granja Leilões 45
Escolha seu Trator 46
Novidades no Mercado 48
Ponto de Vista 50

Foto: A Granja

NOSSA CAPA

O "canhão" das colhedeiras nos faz pensar que já está ganha a "guerra" do abastecimento. Mas, da semente ao armazenamento e desta para a mesa do consumidor, muitas batalhas ainda deverão ser travadas

Foto: UD

Foto: A Granja

Trágica esculhambação

Desde o início do Governo Figueiredo assistimos ao caos administrativo, econômico e político do Brasil. Uma tragédia. Tudo sempre partindo a cabeça do Presidente da República de plantão. Assim, a próxima provável brilhante idéia do ditador das privatizações, nosso querido Itamar, por certo será oferecer uma linha de crédito especial, sem juros e correção monetária, com isenção total de impostos, inclusive o IPMF (Itamar Pede Mais Fuscas) para relançar e fabricar o saudoso penico. Enquanto isso, a cesta básica continuará atolada em impostos, assim como os insumos agrícolas, os tratores, as colheitadeiras, os implementos, os caminhões enfim todos os instrumentos que fazem o aporte da moderna tecnologia à disposição do grande, médio e pequeno produtor rural.

Nossa moeda está apodrecendo ao relento da inércia, mas nosso presidente com seu populismo "ridder", agride até as mentes menos esclarecidas, dizendo-se preocupado com a inflação como se ele, tão somente ele, não fosse o principal agente da deterioração do nosso poder de compra.

Perde-se tempo com abobrinhas, quando qualquer economista mobral está cansado de saber que a reversão da economia começa com a construção civil, construção de estradas e apoio à agricultura.

Ouro no horizonte

Enquanto os políticos vão se exibindo na mídia impressa, radiofônica e eletrônica para falar sobre o plebiscito, assunto prematuro, equivocado, inoportuno, com a opinião pública alheia à discussão e decisão sobre a forma de governar, a lavoura de soja antevê momentos de prosperidade para um largo segmento.

Os dados oficiais prevêem uma colheita ao redor de vinte milhões de toneladas. Mas, por incrível que pareça, segundo alguns "experts", este número deverá ter um acréscimo de cerca de 10%. O que importa mesmo é que a lavoura vai indo muito bem em matéria de chuvas e poucas pragas tanto na região Sul como no Centro-Oeste. Calcula-se que a produção será de 8% mais que a do ano passado e a produtividade será 6% maior.

Na safra passada, o produtor conseguiu na sua maioria, zerar suas dívidas, plantar com pouco dinheiro emprestado, apostar no investimento da terra e agora, é claro, vai lucrar, apesar da grande produção, porque a demanda externa está boa e tudo mostra que continuará estável nos próximos meses, com os preços negociados ao dólar do dia. Seguramente, a soja vai tirar do vermelho a quase totalidade dos produtores e cooperativas.

Quem planta bem colhe bem

As lavouras de soja do Brasil estão ai para dar a grande lição insistentemente abordadas pelas páginas d'**A Granja:** vale a pena investir na terra. Vale sim. Mas, com tecnologia. Para plantar bem é preciso investir. Evitar a erosão. Cuidar da rotação das culturas. Correção do solo. Adubação. Seleção de sementes. São alguns tratos necessários à boa colheita.

Mais e mais o produtor rural precisa pensar e agir profissionalmente, tecnicamente, no plantio direto, semi-direto ou convencional.

Hoje, o Brasil já tem o perfil de país urbano. Afinal, só 27% da população é rural. Este é um dado estatístico e essa mudança é inexorável, pois trata-se de uma tendência mundial. No ano 2000, essa taxa irá para algo em torno de 18%. Ou seja, 18% da população terá que eliminar o resto e ainda exportar. Sim, exportar, porque através da venda externa iremos buscar os dólares necessários ao nosso crescimento.

Não chores por mim Argentina

O austral dolarizado é festa no Brasil. Festa para o nosso turismo e agro-indústria. Mas festa também para o pecuarista e frigoríficos. O couro e a carne bovina brasileira estão com preços lá embaixo comparado com os da Argentina. Assim, embora o mercado de carne bovina esteja deprimido no mercado interno pela escassez de consumo e embora o produtor argentino seja de qualidade superior, o diferencial de preço é grande e até as próximas eleições, que irão ocorrer em setembro (Menem quer sua reeleição), tudo indica que o preço do boi vai correr mais que a inflação.

Mas, há um porém que se chama aftosa. Os governos federal e estaduais precisam entrar, com urgência, de sola na definitiva erradicação da febre. Parece que no momento somente São Paulo está agarrando este touro a unha, através da Fundajec, com cooperação da iniciativa privada, para o controle sanitário de bovinos.

Brasil: campeão mundial de impostos na agricultura

Enquanto isso, o Brasil continua sendo o campeão mundial de impostos indiretos na agricultura. Essa abusiva e burra carga tributária é duas vezes maior do que na Argentina. Acrescente-se a fantástica redução da oferta de crédito rural compatível ao valor de troca, principalmente para investimentos no solo, armazéns, silos, máquinas, implementos e temos um quadro extremamente injusto, onde a atividade ligada ao agribusiness arrisca tudo e muito pouco lhe é devolvido. A pergunta que cabe é essa: onde estão as chamadas lideranças que deixam esse quadro ao beleléu? Por que não botam a boca no trombone? Por que não acionam a mídia? Por que não fazem uso da bancada rural, o maior partido do congresso? Por que não pressionam o Planalto?

CAIXA POSTAL Nº 2890

O censo de jacarés

"Tomei conhecimento da matéria publicada na revista A Granja (nov.92), de autoria do articulista Eduardo Almeida Reis, sobre o projeto de levantamentos aéreos de jacarés e outros animais silvestres, que eu e colegas vimos desenvolvendo no Pantanal. (Apóiam o projeto de levantamentos aéreos: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Fundo Mundial para a Natureza (WWF/USA), Fundação Instituto de Preservação Ambiental (Conservation International do Brasil) e Sociedade de Defesa do Pantanal (Sodepan). O projeto conta, ainda, com o apoio institucional das Secretarias de Meio Ambiente do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul).

Gostaria de começar indicando que, como pesquisador, encaro o ceticismo do sr. Reis como uma qualidade sua, e que o fato de o trabalho de um pequeno grupo radicado na tão esquecida e isolada Corumbá, merecer o destaque que tivemos em diversos veículos da imprensa escrita e televisada, significa que, no mínimo, nosso trabalho não é trivial.

No nosso ramo críticas são vistas como necessárias e proveitosas, uma oportunidade para identificar os erros. O sr. Reis leu uma matéria que dizia que alguns pesquisadores fizeram uma amostragem de jacarés e outros "bichos" do Pantanal, a partir de um avião monomotor, voando a 60m de altura e a 200km/h, durante 99h de vôo. Que os estudiosos tinham observado uma densidade média de 2,3 jacarés/km^2, cerca de 17.500 ninhos de tuiuiús em todo o Pantanal, etc. Mas como enxergar todos os jacarés presentes numa área, a esta altura e velocidade? O sr. Reis ficou perplexo. Considero isso como um sinal de que a comunicação do pesquisador com o grande público foi imperfeita. Nenhuma novidade desde o Barão Frankstein. Ou melhor, a novidade é que a sociedade amadureceu e quer ser participada e opinar sobre o que deve e o que não se deve fazer em pesquisa, e por isso os pesquisadores devem se esforçar em abrir e aperfeiçoar canais de comunicação com o público. É que as vezes fica difícil no espaço curto das colunas de jornais.

Mas voltando ao nosso levantamento, como é possível enxergar todos os jacarés presentes numa área? O que o sr. Reis e, possivelmente, a própria imprensa não compreendeu é que nós não precisamos enxergar todos! O caráter mais importante destes levantamentos é que eles são uma ferramenta para o monitoramento destas populações. Quando eu falo monitoramento me refiro a um acompanhamento ao longo dos anos, para saber principalmente se estas populações estão estáveis, crescendo ou diminuindo. Esta é a principal informação para quem deseja manejar a fauna silvestre, porque se uma dada população estiver diminuindo vertiginosamente saberemos que medidas urgentes deverão ser tomadas se desejamos protegê-la. Alternativamente, se a população estiver estável ou crescendo poderemos pensar em fazer uso dela, na medida em que a lei permitir. Mas como monitorar populações quando não sabemos ao certo o seu tamanho? O próprio sr. Reis, com boa intuição, se aproxima da resposta quando escreve: "Se o observador vê jacarés é sinal de que existem jacarés".

Similarmente, se em anos consecutivos observamos cada vez menos jacarés, a despeito de termos usado um procedimento de amostragem rigidamente padronizado, será sinal de que a população está diminuindo. Se ao contrário, as contagens se mostrarem estáveis ou aumentando poderemos ficar mais tranqüilos quanto à conservação do jacaré e, quem sabe, pensar até no seu aproveitamento econômico."

Guilherme Mourão
Corumbá/MS

Mais jacarés

"Meu prezado Eduardo, como não escrevo de cotio, tive tempo de me informar, em detalhes, sobre o projeto da Embrapa de Corumbá, *Desenvolvimento de um sistema para monitorar o tamanho das populações naturais de jacarés nos diferentes hqbitats do pantanal.*

Acho que sua crônica de novembro/92, em A Granja, da qual sou assinante, foi irônica demais, certamente justificada pela desinformação, ridicularizando um trabalho sério e minucioso de uma das mais competentes instituições desse nosso Brasil, a Embrapa.

Como você, tenho também particular interesse e afeição pela Embrapa e pelo Pantanal: da primeira sou cliente, e na segunda sou criador de gado (Fazenda Alegria, na Nhecolândia), além de vice-presidente da Sociedade de Defesa do Pantanal (Sodepan).

Tenho também um terceiro interesse e afeição: sou leitor assíduo e antigo — já lá se vão várias dezenas de anos — de seus escritos, quer em revistas quer em livros (acho que tenho-os todos).

Mas vamos ao projeto: o investigador principal é o Guilherme Mourão, Centro de Pesquisa do Pantanal, Embrapa, caixa postal 109, Corumbá/MS, fone-fax 067-231-1430. O diretor do centro é o dr. Urbano Gomes de Abreu. Tenho certeza de que te enviarão os relatórios, metodologia empregada, enfim, todas as informações para que possas verificar a importância, seriedade e alcance de um projeto que conta com a assessoria de pesquisadores da vida selvagem internacionalmente conhecidos (dr. Clarence Abercrombie e dr. Lee Harper) e apoio de instituições como o Ibama, as secretarias do Meio Ambiente do MS e de MT, a WWF e a Sodepan, e que tem sido alvo de dissertação de mestrado na UFMG e objeto de publicação no *Wildlife Society Bulletin.*

A metodologia usada é uma adaptação daquela já comprovada na Austrália. E, o que é mais importante, trata-se de um projeto que, ao estabelecer índices que possam fornecer as tendências populacionais ao longo dos tempos, além de formar um grupo de especialistas locais em levantamento da vida selvagem, contribuirá para que possamos conhecer melhor a biodiversidade e o equilíbrio ecológico de uma das mais extensas e singulares áreas do nosso Planeta, para melhor poder conservar seu complexo e delicado ecossistema. Receba, Eduardo, o abraço do admirador."

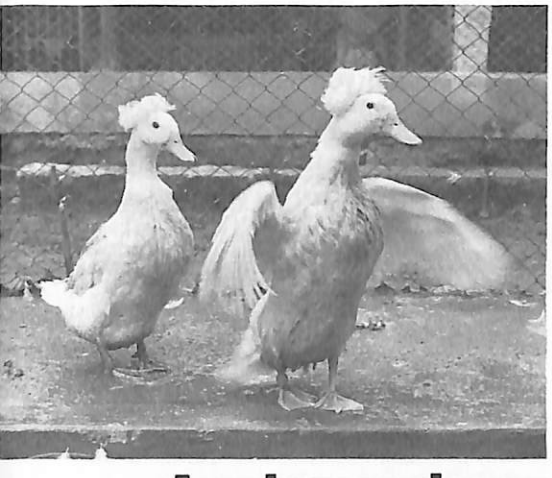
Heitor Moreira Herrera
Rio de Janeiro/RJ

Leite "A"

"Sou assinante da revista A Granja e lendo a reportagem veiculada na edição nº 526, de julho/92, sobre *Leite tipo A* produzido na Fazenda São José, localizada no município de Guaxupé, fiquei bastante interessado. Assim, gostaria de entrar em contato com essa propriedade para possíveis trocas de informações."

Paulo Henrique M. Locca
Descalvo/SP

R — *O endereço da Fazenda São José, de propriedade do senhor Olavo Barbosa, é Rua José Augusto Ribeiro do Valle, 1159, fone (035) 551-2800/3800, Guaxupé/MG.*

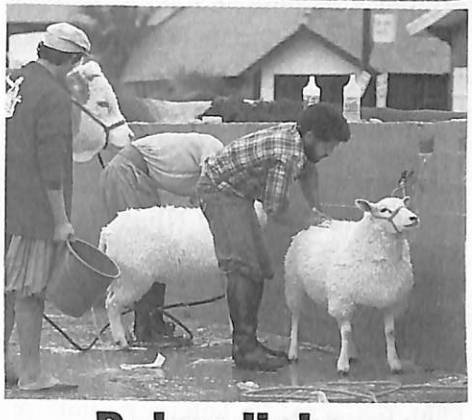


As plumas de Pequim

"Venho por meio desta, pedir informações sobre qual o melhor método para retirar as penas do marreco de pequim. Nós temos uma criação e encontramos dificuldades neste aspecto."

Ivonir Luís Schmitz
Três Passos/RS

R — *O gerente da Granja Quilombo, Francisco Coutro, de São Leopoldo/RS, informa que não existem muitas maneiras para a retirada da penugem dos marrecos. Na Quilombo, o método empregado consiste no seguinte: em primeiro lugar passe a ave por uma escaldadeira; em seguida numa máquina depenadeira, porém ainda se faz necessário um retoque manual com facas. Esse é para finalizar a operação e acabar com os sinais que ainda restarem da plumagem. Outras informações podem ser obtidas através do telefone (051) 592.5408.*



Dobradinha jersey & texel

"Na qualidade de assinante da revista A Granja gostaria de dizer que adoro suas matérias, principalmente quando trazem novidades no setor agrícola. Sou técnica agrícola formada pela Escola Técnica de Agricultura — ETA, em Viamão/RS desde 1985. Estou trabalhando numa cabanha de gado leiteiro jersey em Passo Fundo, e desejo saber como obter as normas para produção de leite A. E como gosto de ovinos texel, apesar de não termos aqui nesta região, tenho interesse em estudar sobre a raça. Então, peço a vocês que me indiquem onde encontrar alguma bibliografia sobre a raça. Aproveito a oportunidade para parabenizar a redação pela matéria sobre "Freio de Ouro" na edição nº 528, que traz uma entrevista com o ginete Wilson Souza. Gostei muito, parabéns."

Cláudia Pavanello
Passo Fundo/RS

R — *Em primeiro lugar, na questão do leite "A", o produtor Olavo Barbosa poderá te ajudar. Ele pode ser encontrado na Fazenda São José, Rua José Augusto Ribeiro do Valle, 1159, fone (035) 551-2800/3800, em Guaxupé/MG.*

Em relação à bibliografia sobre a raça texel podes consultar a Livraria e Editora Agropecuária Ltda, caixa postal 66, CEP 92500-000, fone (051) 480-3309, Guaíba/RS; e quanto a informações gerais o presidente da Associação Brasileira de Criadores de Texel, Luiz Fernando Nunes, pode ser encontrado na sede da Farsul (Pç. Prof. Saint Pasteus de Freitas, 125, CEP 90050-000, POA) ou pelo fone 228-9455 ramal 226.

Separador de esterco

"É com imensa satisfação que dirigimos a presente correspondência com a finalidade de comunicar-lhes que na edição de setembro/92, nesta mesma seção, foi veiculada uma matéria que traz um separador de esterco que desejamos adquirir. O problema é que o telefone da empresa Moraes & Correa Ltda, fabricante do equipamento, mudou e não conseguimos efetuar o contato. Queremos aproveitar a oportunidade para felicitar A Granja que é muito interessante e proveitosa para nossas atividades."

Jean Landivar B.
Santa Cruz/Bolívia

R — *A empresa paranaense Moraes & Correa Ltda está estabelecida na Avenida Brasil, 3080, sala 21, CEP 87013-901, fone (0442) 22-4289, Maringá/PR.*

EDUARDO ALMEIDA REIS

A importância do bezerro

Nessa virada de ano, andei procurando uns bezerros para comprar, que me ajudassem a consumir com o excesso de pasto que felizmente existe na Cachoeira Alegre. Excesso perigoso, vale notar, porque o pasto que sobra nas águas é o que vai faltar no final da seca. Ainda assim, acho que uma dúzia de garrotes não nos criará problemas, na quadra terrível do final de agosto.

Onde pensava encontrar bezerros, encontrei vacas de leite de montão, oferecidas a preço de corte. Não são vacas excepcionais, mas, de qualquer forma, são as que atendem, em nossa região, pelo nome de "vaca leiteira". E todas, com os bezerros ao pé, sendo vendidas a preço de corte. O bezerro, no caso, entra de lambujem.

Deus me livre de outras vacas, além daquelas que nos dão o leite, os queijos e as coalhadas do cotidiano. Não quero nem pensar em voltar a vender leite, para não pensar pequeno. Deu para entender? Pensar pequeno significa regular nossas vidas pelos preços do leite. E tudo, que já está caro, acaba ficando caríssimo, quando se compara com os preços do leite.

Se há tantas vacas à venda, vacas novas, com bezerros ao pé, a preço de corte, ninguém precisa ter PhD em economia agrícola para constatar que o negócio leiteiro, nesta quadra, não vai lá das pernas. Ainda me lembro que, no início da década de 70, vendi leite tipo B a 12 centavos de dólar, deduzidos carreto e Funrural. O negócio era ruinoso. E o dólar valia três vezes mais que o dólar atual. Depois disso, houve o choque do petróleo, numa década em que a moeda americana se desvalorizou prá burro. E, mesmo na década de 80, segundo investidores amigos meus, o dólar caiu pela metade, isto é, aquilo que valia US$ 1 milhão, em 1980, valia US$ 2 milhões, em 1992, pouco mais ou menos.

Pois bem: outro dia, os produtores de leite tipo C, aqui da nossa região, vendiam seu leitinho a 15 centavos de dólar atual. Daí o desespero de todos, querendo vender suas vacas para investir na poupança, com estes juros de 25% ao mês, que iludem tanta gente.

Depois de tantos anos escrevendo sobre agropecuária no Brasil, aprendi que o sujeito deve fugir das cifras, que se desatualizam em dois meses. Revendo artigos escritos há 20 anos, eu mesmo não consigo entender o que se passou com a nossa moeda. Quando esta matéria estiver circulando, é muito provável que o cruzeiro já tenha perdido três zeros.

Apesar da ressalva de que não se deve falar em cruzeiro, quando o assunto é agricultura (nem de cruzado, cruzado novo, cruzeiro novo ou milréis), peço licença para abordar aqui o problema do leite no final do ano que passou. E a importância de uma vaca leiteira produzir também um bezerro de corte.

Médias de 3 mil quilos de leite, por lactação, são excepcionais em nossa região. No Brasil inteiro, de modo geral, são muito boas. Ninguém deve confundir a realidade dos currais leiteiros com as médias obtidas em concursos leiteiros, ou em rebanhos leiteiros de vacas de elite.

Admitamos, só para efeito de cálculo, que a média leiteira de uma região seja de 3 mil quilos. Ora, o leite tem custos. E não são pequenos. Ração, mão-de-obra, impostos, vacinas, bernicidas, carrapaticidas, essas coisas todas que tanto nos desgostam na hora de pagar a fatura.

Admitamos, sempre para efeito de cálculo, que o lucro líquido da exploração leiteira seja de 20%, que corresponderiam a 600 litros de leite. Pois bem: em novembro, os produtores aqui da região receberam Cr$ 1.500,00 por litro de leite. Portanto, se uma vaca deixasse, de lucro líquido, 600 litros de leite, deixaria Cr$ 900 mil. Este era exatamente o preço de um bezerro de 60 quilos, para recria e engorda. Portanto, uma vaca que possa produzir 3 mil quilos de leite + um bezerro para recria e engorda estará produzindo, de fato, 6 toneladas de leite. Elementar, meu caro Watson.

Dir-se-á que um bezerro mama. E que o leite mamado por ele desfalca a produção da vaca. Isto é verdade, mas não é verdade verdadeira. Há tempos, dois ilustres pesquisadores da Universidade de Viçosa, em Minas Gerais, fizeram estudo detalhado provando por a + b que a manutenção de um bezerro mestiço, ao pé de uma vaca mestiça, não prejudica sua lactação. Deu para entender?

Se não deu, explico, que estou sendo pago para isso. A manutenção de um bezerro ao pé de uma vaca mestiça aumenta o leite produzido por ela (estímulo olfativo, maternal, hormonal ou coisa que o valha) de tal forma que, se deixarmos uma teta para criar o bezerro, o leite das outras três tetas será maior do que o produzido pelas quatro tetas de outra vaca mestiça, apartada do bezerro. Anos atrás, um dos maiores produtores de leite do Brasil, e grande ganhador de concursos leiteiros, me dizia que deixa o bezerro ao pé de suas vacas campeãs, nas exposições, porque acha que elas assim dão mais leite. Não se trata da opinião de um curioso, mas de um profissional da produção do leite, de família de larga tradição no ramo. E suas vacas de 50 ou 60 quilos diários, quando participam de concursos leiteiros, levam suas crias ao pé.

O depoimento desse profissional e os estudos dos ilustres pesquisadores de Viçosa (já consigo me lembrar de seus nomes: José Américo Garcia e Carlos Augusto Fontes. Eta memória que está ficando fraca!) não me deixam dúvidas quanto à necessidade de uma vaca leiteira, no Brasil, além do leite que possa produzir, desmamar também um bezerro viável para recria e engorda. Volto ao assunto qualquer dia destes. Meu espaço Zé Fini. Tchauzinho.

Porquinho-da-Índia na panela?

Os porquinhos-da-Índia, verdadeiros fósseis vivos, sobreviventes de uma espécie existente há 100 milhões de anos, até pouco tempo eram considerados como sinônimos de cobaia. Essa versão, no entanto, foi contrariada pelo zoólogo israelense Dan Graur, o qual afirmou serem, na verdade, péssimos instrumentos para a pesquisa médica. O cientista concluiu, após um trabalho sobre ADN (Ácido Desóxido Ribonucleico) em colaboração com a Universidade do Texas, que o porquinho não tem nada a ver com o gênero humano para servir como teste. Uma outra certeza é a carne ser bem melhor do que a bovina, além de conter menor taxa de colesterol. Com todos esses ingredientes, o dr. Graur recomenda o seguinte: ''que fiquem os bois para a medicina e os porquinhos-da-Índia para a panela''. E no vizinho Peru há um prato denominado *cobaya*, que nada mais é do que o tal animalzinho.

Aftosa nos deixa os miúdos

A febre aftosa continua com alta temperatura em termos de negócios internacionais, o que tem provocado um mal-estar tremendo naqueles pecuaristas temerosos pelo futuro das exportações brasileiras, bem como no próprio mercado interno. Um dirigente rural estava bastante preocupado porque o Mercado Comum Europeu está virando zona livre; o Uruguai já entro nessa, só que com vacinação (uma categoria que não existia); e a Argentina está fazendo um projeto para se tornar livre. Assim, desde o dia 15 de fevereiro último, o MCE passou a vetar a entrada de miúdos do Brasil em toda a Europa. E, esse processo vai continuar. Depois, acreditam, será a vez da carne desossada, em seguida a com osso e, finalmente, a saída completa do MCE. Mais do que nunca é vital a erradicação completa da aftosa de forma radical. Não somente o governo como também a sociedade e os sindicatos rurais precisam entrar de sola nessa guerra e sacudir o pecuarista, mostrando o que verdadeiramente está em jogo. Chegou a hora do brasileiro, que também paga caro, comer uma carne com a mesma qualidade que vai para o exterior.

Carne bovina massageada

Na recente viagem ao Japão, realizada pelo governo gaúcho, empresários e muitos convidados, entre os quais um criador que tem por hobby de viagem fazer comparação de preços do custo de vida de uma cesta básica por ele criada. Em todo e qualquer lugar que vá, sempre visita mais de dois supermercados. Diz ele que nada melhor para sentir a real situação de um povo do que uma visitinha aos grandes empórios de alimentos. No Oriente, não foi diferente. Entrou num super de Tóquio e fez uma checagem. Estava tudo mais ou menos dentro dos conformes quando, ao chegar no setor de carnes, levou um susto: o filé mignon custava a bagatela de US$ 800,00 o quilo. Imediatamente solicitou ao intérprete uma explicação para o fenômeno. A resposta veio na hora: ''Aqui no Japão o gado é tratado à cerveja e massagem diária *(relax for cow)*.

Foi então que nosso personagem, virando-se para um colega, lascou: ''Tchê, vão gostar assim de massagem na casa dos *carolis voadores**''.

Carolis voadores é uma família de acrobatas romenos, várias vezes campeões nos festivais de circo de Berlim, que praticavam de quatro a seis horas de sessões de massagens por dia

Sêmen só vem, não vai

As barreiras sanitárias estão impedindo qualquer venda de sêmen e embriões de charolês para canadenses, franceses e ingleses. A reclamação é de Mauro Weiand, presidente da Associação Brasileira de Criadores de Charolês, que esteve recentemente no Canadá, visitando a Agribition, uma das maiores exposições daquele país que exibe 250 exemplares da raça, entre outras. Após conhecer os plantéis na Europa, Weiand garante que ''se o charolês brasileiro não for o melhor, pelo menos está entre os principais, como por exemplo o da variedade mocha''. O dirigente ressalta as qualidades raciais do gado, lembrando que ele vai bem tanto no inferno equatorial como na intempérie polar. E para provar a liquidez, viu na Agribition o grande campeão ser negociado por US$ 50 mil, o que comprova ser um bom negócio também no Mercado Comum da América do Norte. Agora, só resta acabar o descaso oficial e o pensamento de que tudo o que é produzido *made in Brazil* não presta.

Safra não é

"Tem feijão seu Mané?" "Inda num chegou o caminhão do atacadista, minino." Diálogos como este se reproduzem em todo o país, seja no interior ou nas periferias dos grandes centros. Revelam, na sua singeleza, a falta de alimentos no mercado interno. Falta não só feijão, mas às vezes mandioca, azeite, arroz, trigo, etc. Este problema e muitos outros poderiam ser eliminados se tivéssemos uma política agrícola com leis claras e definidas. Vamos reconquistar o tempo perdido fazendo de cada produtor um reformista de seus próprios métodos

Nossa agricultura teve como base a intervenção do homem ibérico, que até hoje é avesso às novidades tecnológicas. Acrescente-se a isso à forma de colonização praticada no Brasil, que teve seu início no extrativismo predatório. Não podemos, de todo, atirar a culpa em cima da Coroa Portuguesa, pois não se deve esquecer que Dom João VI foi um dos primeiros monarcas a criar um código de preservação da natureza, quando colocou os mangues do Rio sob a proteção real, bem como listou uma série de espécies de árvores que até hoje chamamos de madeira de lei. Nosso erro básico, sem fazer sociologia, foi na forma da divisão territorial e, ainda, a maquinária empregada na lavoura, praticamente só a enxada e o arado primitivo.

O início do plantio se deu com lavouras voltadas à exportação (até hoje estamos nesta sina). Com esta tendência, praticamente atávica, vivemos a agricultura dos ciclos: o ciclo do pau-brasil, da cana, do café, da borracha, do cacau e, agora, o da soja.

Esta orientação política favoreceu sempre aos governos que, precisando de dinheiro, sempre tinham na exportação uma fonte tributária por excelência. Exemplificando: o preço da carne verde na Bahia, no ano de 1756, aumentou 450 por cento, a fim de ajudar à reconstrução de Lisboa, destruí-

brincadeirinha

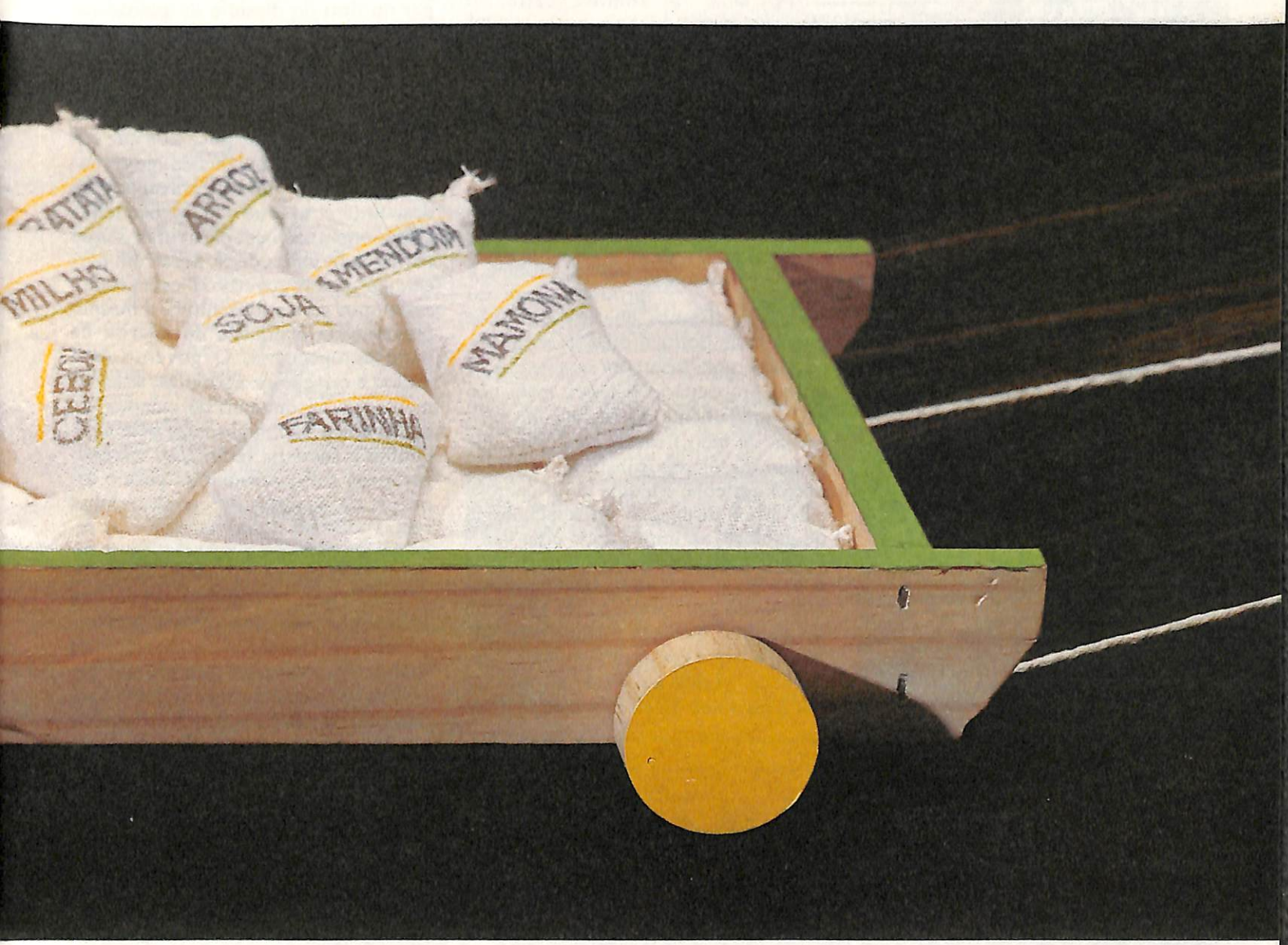


Foto: A Granja

da então por um grande terremoto. Desta data em diante sempre tivemos gravames em cima da produção, até o mais famoso dos últimos tempos, o confisco cambial da soja, durante um dos governos militares.

Por aí seguimos uma trilha não muito honrosa de nossas necessidades cambiais, pois a Alfândega do Rio já fora arrendada aos ingleses como garantia de empréstimo. Ou seja: os mandatários que ocuparam o território, hoje conhecido como Brasil, sempre manipularam a agropecuária em benefício da solução de problemas sazonais com culturas sazonais, persistindo até hoje a falta de uma política definida e moderna para o setor.

O melhor exemplo disso é constatar que apenas no ano de 1909 foi criado o Ministério da Agricultura, ainda assim ligado ao da Indústria e Comércio. E o ensino agrícola só veio no ano seguinte, mais precisamente no dia 20 de outubro. Antes deste marco, nossos candidatos às Ciências Agronômicas tinham que embarcar para o Velho Mundo ou seguir para os Estados Unidos. Dizem os cientistas sociais, que estudam a agricultura brasileira que também aí reside um nó górdio somente agora rompido pela geração de cientistas agrários nacionais: o preconceito de que trópicos e subtrópicos não produziam grãos nem carne. A luta ainda é muito grande,

A primeira crise do petróleo trouxe a nossa agropecuária um grande ônus, para o qual ela não estava preparada

PREÇOS PRATICADOS À NÍVEL DE PRODUTOR NO ANO DE 1992

Em US$

PRODUTOS	UNIDADE	MÍNIMO	MÉDIO	MÁXIMO
Arroz	60kg	7,68	10,29	12,53
Feijão	60kg	17,62	27,00	46,06
Milho	60kg	5,11	6,38	7,68
Soja	60kg	9,12	10,41	12,15
Algodão	arroba	3,23	4,32	5,26
Cana	tonelada	7,53	8,97	9,89
Café	60kg	38,44	43,67	53,65
Laranja	caixa	2,36	3,02	3,88

Fonte: Safras & Mercados — arroba 15kg / caixa de laranja 40,8kg

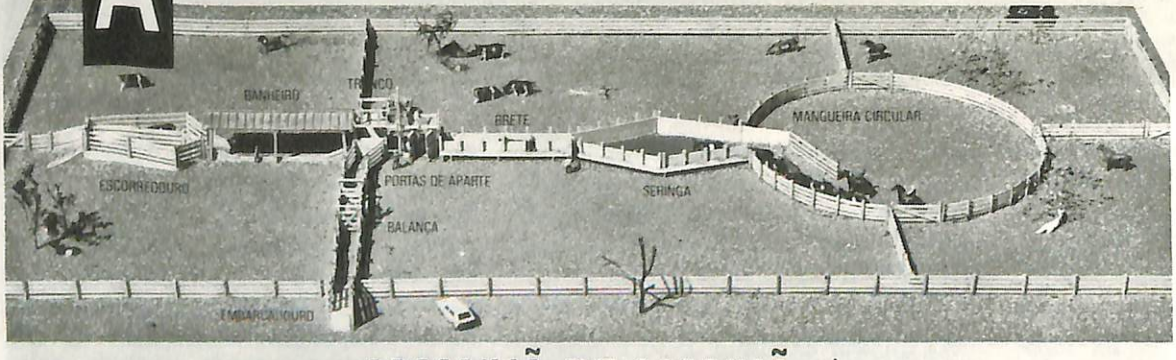
mas estamos vencendo principalmente o preconceito do nosso agricultor em relação às técnicas modernas desenvolvidas para nossas condições, bem como o melhoramento genético das sementes selecionadas.

Outro fator importante, que está agregado à nossa produção, é o maquinário, que hoje não deixa nada a desejar aos similares estrangeiros. Somos até pioneiros em plantio direto, com máquinas totalmente desenvolvidas nos seus aspectos técnicos-mecânicos para o clima e solo do Brasil. Da sacha à moderna capinadora, ou ao supertrator, nossa trajetória em mecanização foi curta podendo se afirmar, sem medo de errar, que este desenvolvimento se iniciou no governo de Juscelino Kubitschek, na década de 50. Era o famoso salto 50 anos em 5. Assim nasceu a esperança de colocar na trilha da produtividade o gigante adormecido em berço esplêndido.

Mas quando tudo começa a se engrenar, eis que surge do Oriente a primeira crise do petróleo e tivemos que pagar o ônus muito mais político do que econômico. Mais uma vez, com este baque, o setor agropecuário balança mais não cai. Rapidamente, se institui um programa de eletrificação rural para que o óleo diesel seja substituído na produção agrícola. Medida cara, onerosa e de difícil instalação. Aí, a tecnologia de gabinete se impôs mais uma vez à experiência daqueles que têm na terra o seu viver constante. Grandes associações de produtores rurais avisaram ao governo que esta medida seria demorada e que comprometeria a produtividade. Muitos até tentavam solucionar a escassez desenvolvendo tipos de máquinas para tração animal, bois, mulas e cavalos. Insensível, o burocrata mais educado sorria, e o mais agressivo gargalhava. E o plano de eletrificação rural foi implantado goela abaixo. Hoje, temos inviabilidade do uso da energia pelo seu alto custo. Graças aos árabes, o petróleo se estabilizou, não aqui, onde temos que pagar no litro do diesel e da gasolina o sonho do álcool combustível e de "otras cositas más".

Entradas e bandeiras no século 20 — O velho César Cantu, na sua obra monumental, explica-nos que entradas eram organizações governamentais que formavam caravanas para descobrir o interior. Já as bandeiras eram organizações particulares que partiam em busca de riqueza com percentual para o governo. Neste século, assistimos com a agricultura o mesmo processo de conquista do interior na parte agropecuária. O governo estimulou a criação de agrovilas, assentamentos, o nascimento de cidades em zonas ainda não exploradas pela agricultura e pecuária (entradas). As cooperativas sulistas rumaram para o esquema de compras de grandes glebas nestas mesmas zonas virgens e as repassaram aos seus associados (bandeiras). O primeiro movimento foi político e praticamente fracassou (era o "integrar para não entregar"). O segundo foi elaborado em virtude da grande concentração humana em pequenas glebas de terras sulinas. Esta "desova" do Sul para o Centro-Oeste

A MUTTONI REALIZA SEU SONHO DE ONTEM



AMANHÃ DE MANHÃ.

AS INSTALAÇÕES COMPLETAS **MUTTONI** OFERECEM QUALIDADE, RAPIDEZ E SEGURANÇA NO MANEJO COM BOVINOS, EQÜINOS E OVINOS. TODOS OS ARTIGOS SÃO CONSTRUÍDOS EM MADEIRA DE LEI TRATADA. ASSESSORAMENTO E ASSISTÊNCIA TÉCNICA. PROJETOS ESPECIAIS - MONTAGEM E INSTALAÇÃO EM TODO O BRASIL.

TRADIÇÃO MUTTONI DESDE 1879

GUSTAVO MUTTONI & CIA LTDA.

Fábrica: Rua Porto Alegre, 120 - BR 116 - Km 285 - Cx. Postal 04 Fones: (051) 481.3533 - 481.3764 - Fax (051) 481.3385 CEP 92990-000 - Eldorado do Sul - RS

ARTIGOS RURAIS MUTTONI MARCA REGISTRADA

e Norte fez com que as regiões começassem a produzir grãos em quantidades exportáveis, mas ainda é tempo de fazer com que a soja e produtos conhecidos no Sul possam conviver com produtos nativos da região sem deformar o equilíbrio natural destas novas fronteiras. Ou seja, sem comprometer a especificidade produtiva das novas áreas. Agora, mais do que nunca, está na hora de sair o famoso e esperado mapeamento agro-meteoro-ecológico, que servirá de bússola para um desenvolvimento orientado em cada região específica.

DADOS COMPARATIVOS DAS SAFRAS DE GRÃOS NO PERÍODO DE 1991 A 1993

PRODUTO	ÁREA (1000 ha)			PRODUÇÃO (1000 T)			PRODUTIVIDADE (1000 kg/ha)		
	1991	1992	1993*	1991	1992	1993*	1991	1992	1993*
SOJA	9.626,00	9.521,00	10.475,00	15.189,00	18.841,00	21.173,00	1,58	1,98	2,02
MILHO	12.748,00	13.455,00	12.734,00	22.768,00	30.011,00	28.000,00	1,79	2,23	2,20
ARROZ	4.394,00	4.672,00	4.706,00	10.045,00	10.280,00	10.913,00	2,29	2,20	2,32
FEIJÃO	5.525,20	5.724,40	5.550,00	2.901,00	3.170,70	3.083,00	0,53	0,55	0,56
TRIGO	2.151,30	2.136,00	2.120,00	3.142,50	2.820,00	2.950,00	1,46	1,32	1,39
CEVADA	95,00	93,00	97,00	182,00	195,00	205,00	1,92	2,10	2,11
AVEIA	254,00	277,00	285,00	307,00	403,00	390,00	1,21	1,45	1,37
CENTEIO	5,00	5,00	6,00	7,00	8,00	8,00	1,40	1,60	1,33
SORGO	195,00	169,00	185,00	294,00	290,00	320,00	1,51	1,72	1,73
ALGODÃO	1.940,00	1.970,00	1.624,70	716,90	705,10	564,00	0,37	0,36	0,35
AMENDOIM	88,00	97,00	95,00	139,00	163,00	158,00	1,58	1,68	1,66
MAMONA	240,00	181,00	195,00	135,00	115,00	130,00	0,56	0,64	0,67
CACAU	666,98	670,29	673,61	320,47	342,54	350,00	0,48	0,51	0,52
MANDIOCA	1.943,11	1.884,35	1.902,32	24.530,78	22.651,69	23.100,00	12,62	12,02	12,14
CAFÉ	8.720,00	2.320,00	1.940,00	28.000,00	19.000,00	22.000,00	3,21	8,19	11,34

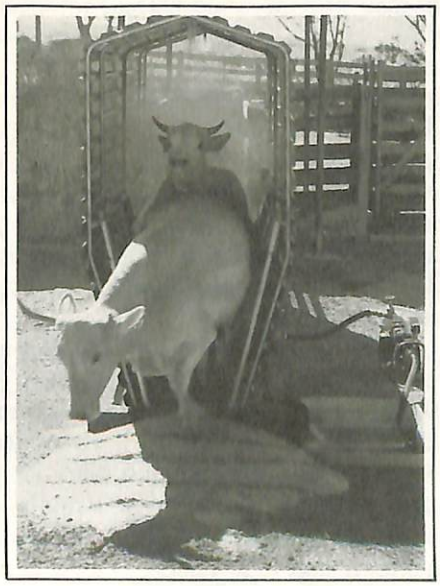
*Fonte: ETAC Mercados - * Estimativa*

Nossa produtividade agrícola é muito baixa, assim não podemos diluir custos

Produtividade — Quando o índio praticava sua agricultura primitiva, plantando de saraquá (madeira pontuda cravada no solo para fazer covas, a fim de colocar a semente, em terreno queimado), a preocupação com a produtividade limitava-se tão somente à necessidade de seu grupo tribal. Se nesta terra não dá mais, procura-se outra, num sistema que sempre, invariavelmente, preservava os solos já utilizados para o pousio restaurador. A chegada do europeu, com sua visão capitalista e o advento da posse de um determinado pedaço de terra, inverteu a situação. Era necessário explorar esta terra e daí tirar o seu sustento. É quando entra a adubação e a calagem, primeiramente com rejeitos orgânicos e, mais tarde, principalmente após a Segunda Guerra, com a ajuda de químicos. Só hoje os órgãos de financiamento oficial fizeram a nova classificação de adubos, corretivos e fertilizantes, tirando-os da rubrica investimento e passando-os para de custeio. Com isto, houve abertura de financiamento para estes produtos tão necessários ao aumento da produtividade. Ainda não será obtida uma resposta satisfatória nesta safra, pois é necessário um tempo de maturação para que o calcário, por exemplo, exerça sua ação benéfica sobre o ph do solo. O importante é que o nosso agricultor crie o hábito de analisar sua terra e corrigi-la, para que não tenha de sair em busca de novas fronteiras agrícolas. Terra mais barata é a que temos e a que já está quitada. Se assim não fosse, os colonos franceses, considerados os melhores do mundo, há muito já teriam fracassado na sua missão. Eles tratam sua terra com exagerado

BANHEIRO ZOOTÉCNICO DE ASPERSÃO

ACABA COM O CARRAPATO, MOSCA-DE-CHIFRE E BERNE



VANTAGENS NO USO:

Não há perigo de intoxicação ou afogamento Rapidez no banho Mão-de-obra reduzida Facilidade de instalação: moto-bomba elétrica, à gasolina ou acionada pelo trator Pode ser facilmente removido para outro local **"Economia"** no uso de defensivos com o retorno do produto para o tanque Sistemas de filtragem no produto que retorna ao tanque Bicos aspersores em material anticorrosivo Não causa stress nos animais Piso antiderrapante - não há perigo de quedas Banha uniformemente 500 animais em 1 hora Retorno do produto não utilizado para o tanque.

INDUTRON

Rua Sergipe, 240 - Carazinho - RS
Fone: (054) 331-2333 - Fax: (054) 331-1143

Instalamos em qualquer parte do Brasil

Já estamos vendo chegar uma nova geração de agropecuaristas que tem "gana" de mudar o anacrônico

amor telúrico, principalmente, evitando a erosão.

O crédito nosso de cada dia — Com raras exceções, o nosso produtor agropecuário "trabalha" com dinheiro financiado pelo Banco do Brasil ou por alguns bancos particulares. Este proceder tem motivações diferentes. Uma, a necessidade real. Outra, a necessidade meramente especulativa de aproveitar "um dinheirinho" subsidiado, para não arriscar seu próprio capital. A velha historinha de que o produtor rural compra seu carro e utilitário no balcão da revendedora, mas o seu maquinário no balcão do Banco do Brasil é muito real e revela distorções e vícios até hoje não sanados.

DOTAÇÕES ORÇAMENTÁRIAS E GASTOS EFETIVOS COM O MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E REFORMA AGRÁRIA NO PERÍODO DE 1989 A 1993

US$ 1.000,00

ANO	DESPESAS AUTORIZADAS		DESPESAS REALIZADAS	
	% do / orç.		% do / orç.	
1989	1,04	2.006.119	1,30	2.428.189
1990	0,62	1.984.070	0,76	2.377.117
1991	1,64	2.277.232	2,03	2.282.665
1992	1,65	3.115.731		—
1993*	1,38	1.440.812		—

*Fonte: Comissão de Orçamento - Câmara dos Deputados - *Projeto de Lei*

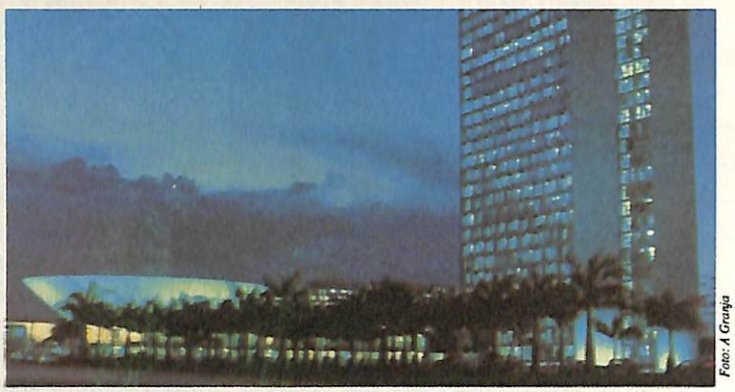


Foto: A Granja

Entretanto, a conscientização agrária está chegando nas novas gerações, que vêem a atividade primária como força propulsora de uma economia forte e saudável. Sai de cena a figura do Jeca Tatu, símbolo de um passado decadente, que não pode mais figurar como "gimmick" nacional do produtor agrícola.

Nossos números oficiais sofrem influência do medo tributário

Numerologia nacional — Até hoje, não foi possível incutir no brasileiro a seriedade dos números estatísticos. A culpa não cabe ao povo, mas aos governos manipuladores de dados, que fazem de seus "números" a realidade nacional. Os ingleses têm um adágio que bem demonstra a nossa confiabilidade nestes símbolos: "Figures don't lie, but liars make figures", ou seja: "Os algarismos não mentem, mas os mentirosos fabricam algarismos". Modernamente, com o advento da computação e do aprimoramento técnico dos especialistas em Ciência Estatística, estamos conseguindo, aos poucos, dar validade aos índices e percentuais fornecidos pelos órgãos do governo. A bem da verdade, nossas críticas a estes dados têm uma certa improcedência pois, em última análise, os números básicos para as estatísticas são os fornecidos pelos produtores. E assim caminham as nossas previsões de safras, rentabilidade e área plantada. A sondagem conjuntural na agropecuária está se aprimorando continuamente e seus dados já nos indicam caminhos a seguir e metas a traçar. Exceção, é claro, do governo anterior, que superestimou a safra brasileira para alimentar não o povo, mas sua própria política do "óleo canforado", para não dizer do "pó eufórico".

Pelo levantamento do sistema de produção agrícola, de dezembro de 92, elaborado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — FIBGE, o prognóstico para 1993, nas regiões Centro-Sul e Rondônia, entre 12 lavouras pesquisadas, apresenta os seguintes dados.

É de 28.105 milhões de hectares a área da lavoura nacional estimada para a safra 93. Este número é 2,41 por cento menor do que a área plantada na safra do ano passado (28.798 milhões de hectares). Considerando a área colhida (28.519 milhões de hectares), com a área plantada para a safra 93, observa-se uma redução de -1,45 por cento. Com relação à área plantada no exercício anterior, o quadro apresenta números negativos.

Aqui o pronunciamento oficial das safras que iremos colher

Em ordem alfabética, segundo os números que chegaram às planilhas dos técnicos do FIBGE, a situação destas 12 culturas ficou assim:

Algodão Herbáceo — O último prognóstico aponta, nas regiões Centro e Sul, uma área plantada de 823.961 hectares, inferior 32,83% à área colhida no ano passado. É esperada uma produção de 1.368.313 toneladas, 18,821% inferior à produção da safra passada, que rendeu 1.685.536 toneladas. A produtividade, porém, deve aumentar em 20,89% ficando em 1.161kg/ha. Um dos motivos apontados pelos técnicos para este grande crash na cotonicultura foi o preço pago pelo produto em 92, uma vez que os tratos culturais são dispendiosos e as operações que vão do desbaste à colheita elevam as despesas. Esta cultura, aliás, tende a confirmar sua tendência de queda e vai desempregar um contingente enorme de mão-de-obra não especializada em regiões de carência de fontes de empregos. Numa época de crise, emprego é como maná caindo no deserto.

Colheitadeira Brasileira.

A SLC é líder na comercialização de colheitadeiras no Brasil. Mas não é por acaso.

Para chegar à liderança do mercado, a SLC sempre esteve ligada ao desenvolvimento e à mecanização da agricultura brasileira. Desde o tempo em que fabricava ferramentas, depois trilhadeiras e colheitadeiras rebocadas, o que o produtor necessitava, a SLC tratava logo de criar. Ela fabricou a primeira colheitadeira automotriz brasileira, trouxe a qualidade e a tecnologia JOHN DEERE para o país e introduziu inúmeras novidades no mercado que ela mesma criou, o das colheitadeiras brasileiras: os motores turbo, a transmissão POSI-TORQ, plataformas maiores, transmissão hidrostática - HYDRO/4, peneiras com movimento em sentidos opostos, caixa de câmbio com 4 marchas, maior capacidade de armazenagem de grãos, maior área de separação e limpeza, entre outros. Hoje, o que o produtor procura, sabe que vai achar em uma colheitadeira SLC. E se não achar, pode ter certeza: a SLC vai dar um jeito de inventar.

SLC

S e u m e l h o r i n v e s t i m e n t o .

CAPOTAS
LOGAN'S
DO BRASIL

D-20

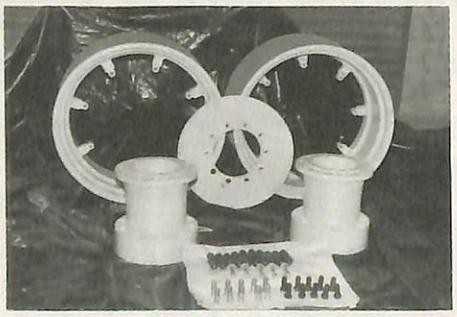
F-1000

Chevy

Fabricamos também capotas para:
Saveiro - Pampa - Fiat - D20 cabine dupla

CAPOTAS LOGAN'S DO BRASIL
IND. E COM. LTDA.
Rua do Rosário, 220 - Bairro Medianeira
Fone: (054) 225-1770 - 225-2153
CEP 95010-250 - Caxias do Sul - RS

KIT RODADO DUPLO
MM PARA TRATORES
E COLHEITADEIRAS



CARACTERÍSTICAS: - Não compactação do solo
- Elimina a patinagem do trator
- Aumento da tração do trator em 25%

MM METALÚRGICA MARINI LTDA.
Rua Alvares Cabral, 604
Fone DDD: (054) 313-1959 - Passo Fundo - RS

Amendoim de primeira safra — Levando-se em conta apenas as informações nos Estados de Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, prevê-se um plantio de 67.793 hectares (-6,10) e uma colheita de 124.329 toneladas de amendoim, um volume 8,52% menor do que o colhido no ano passado. Como se vê, também esta cultura não deve fazer bonito em 93. O maior produtor do país é São Paulo, que na safra passada colheu 63.600 hectares, obtendo uma produção de 125.000 toneladas. Esta safra, porém, deve reduzir sua área para 59.600 hectares, ou seja, menos 6,29%. Estes decréscimos, tanto na área como na produção, estão ligados às quedas de preço nominais do produto na época de intenção de plantio.

A produtividade do arroz irrigado ganha do sequeiro, na área plantada não

Arroz — Considerando as regiões Centro, Sul e Rondônia, os técnicos constataram que haverá decréscimo de 4,01% em relação à área colhida na safra 91/92, que foi de 3.093.342 hectares. Desta forma, a área a ser plantada na safra 92/93 deve ficar em 2.969.447 hectares, para uma produção estimada de 8.623.677 toneladas. Em comparação com o que foi colhido em 92, 8.546.707t, observa-se um discreto acréscimo de 0,90%. Este incremento na produção se deve à melhoria da produtividade média, que deve passar dos 2.763kg para 2.904kg em 93.

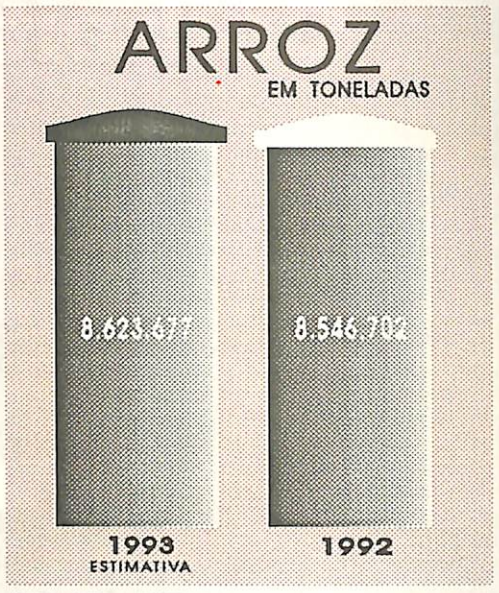


Foto: A Granja

Batata-inglesa de primeira safra — Pelos números de dezembro, os técnicos voltam a constatar a diminuição da área plantada, que deve ficar em 91.772 hectares. A produção, na região Centro-Sul, deve ser de 1.274.975 toneladas, também ao redor de 10% menor do que o volume obtido na primeira safra de 92. A exemplo das demais culturas abordadas, também o baixo preço pago pelo produto foi fator determinante na redução da área.

Foto: A Granja

Cana-de-açúcar — Considerando, também, a região Centro-Sul, a produção para a safra 93 será de 201.204.959 toneladas de cana, uma queda de 0,67% em comparação ao que foi produzido em 1992. A área destinada à colheita, de 2.820.361 hectares, sofre um decréscimo de 0,36%, principalmente em função da redução de área nos Estado de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul. Enfim, deve se manter nos mesmos níveis da produção a área do exercício anterior.

Cebola — A previsão de colheita para as regiões Sudeste e Sul é de 697.312 toneladas, 11,55% menor do que a obtida na safra 92, que alcançou 788.399 toneladas. A área plantada deve ficar em 58.544 hectares, para uma produtividade média de 11.911kg/ha. Enquanto São Paulo e Paraná apresentam uma expansão de área, esta se reduz em Santa Catarina e Rio Grande, em índices superiores a 20% A queda total de 14,23% na área plantada se deve aos baixos preços oferecidos na época de comercialização, no ano passado, o que desincentivou os cebolicultores.

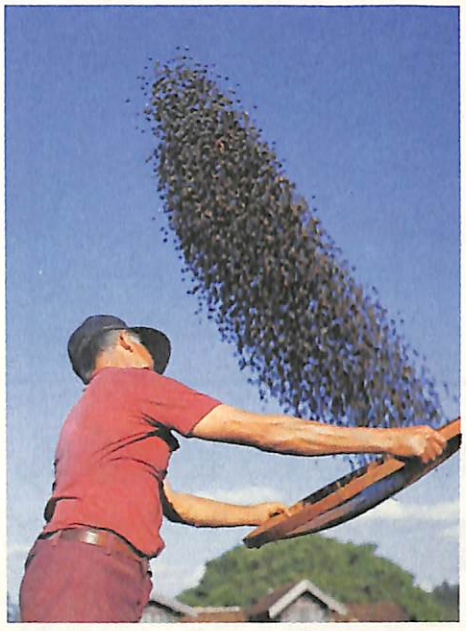
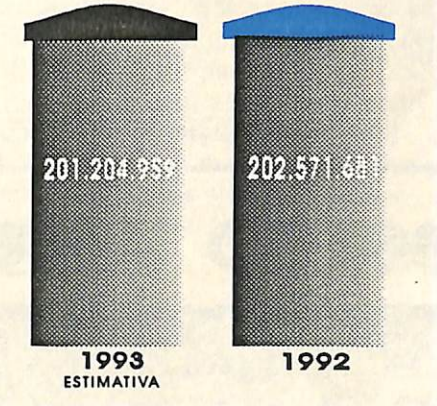
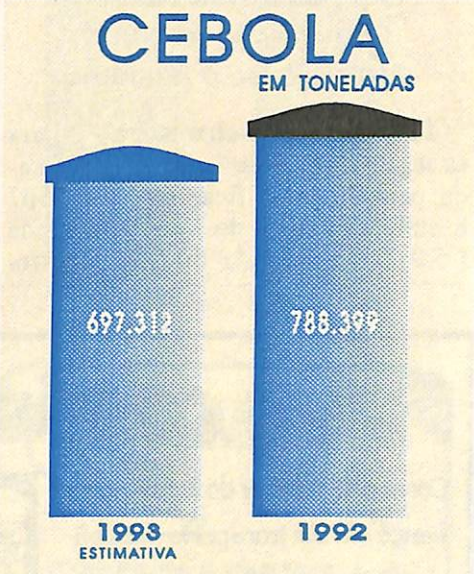
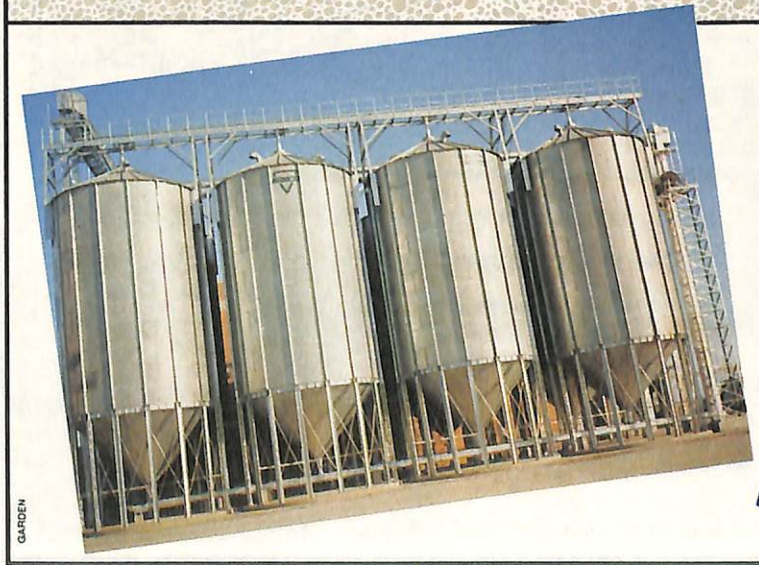


Foto: A Granja





SISTEMAS ARMCO DE ARMAZENAGEM



GARDEN

Uma supersafra de tecnologia e qualidade.

Tão importante quanto uma farta colheita é a armazenagem. A qualidade Armco assegura o que você precisa em sistemas de armazenagem.

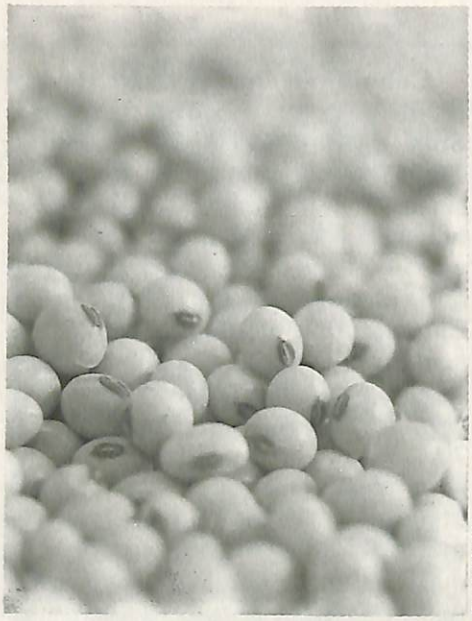
Silos galvanizados por imersão à quente e bicromatizados pós-conformação. Transportadores, secadores e máquinas de limpeza. Resistência, segurança e muita economia.

Em sistemas de armazenagem não deixe de ouvir a Armco, líder a quase um século no domínio do aço.

Tecnologia Armco a serviço de sua safra.
Consulte-nos.

ARMCO

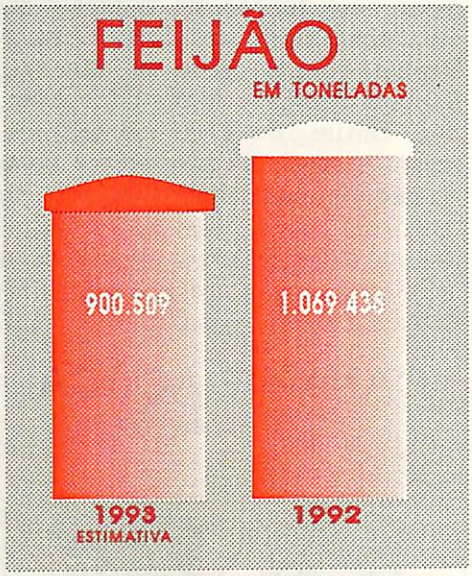
São Paulo - Escritório Comercial:
Tel.: (011) 915-7799/915-8898 - Fax: (011) 914-7324
Rio de Janeiro - Fábrica:
Estrada João Paulo, 740 - Tel.: (021) 372-8010 - Fax: (021) 372-1160



Fotos: A Granja

O feijão ainda vai ser, por muito tempo, o prato básico nacional

Feijão de primeira safra — Para as regiões Centro e Sul, a área plantada para 93 deve ficar em 1.347.562 hectares, menor do que a plantada (-5,91) e a colhida (-1,90) na safra passada. A primeira estimativa de produção aponta para 990.509 toneladas, para um rendimento médio de 735kg/ha. As condições climáticas desfavoráveis pelo excesso de chuvas em Santa Catarina e o descontentamento com o preço mínimo do governo podem ser apontados como os principais fatores de desestímulo.



Valores liberados em US$ pelos bancos * particulares no período 91/92		
Mês	1992 Valor (em mil US$)	1992 Valor (em mil US$)
01	137.994	216.215
02	158.003	565.273
03	203.297	86.312
04	230.127	72.435
05	321.053	187.059
06	287.510	156.904
07	295.040	271.565
08	269.672	59.435
09	376.670	113.890
10	325.137	63.235
11	260.718	98.040
12	123.864	82.755
Total	2.989.725	973.122

*FONTE: FEBRAN - São Paulo - * valores totalizados de 33 bancos*

Pelos caminhos do desenvolvimento.

Corre pelo interior do Brasil a confiança em um transporte mais eficiente para tudo o que esta terra produz.

A **Transportadora Tresmaiense** está presente em 11 estados para dar cobertura à melhor distribuição destas riquezas.

Com um seguro total para as mercadorias e a mesma freqüência programada de embarques em suas **95 filiais**, a Tresmaiense atende integralmente aos estados do **RS, RJ, SC, PR, SP, ES**

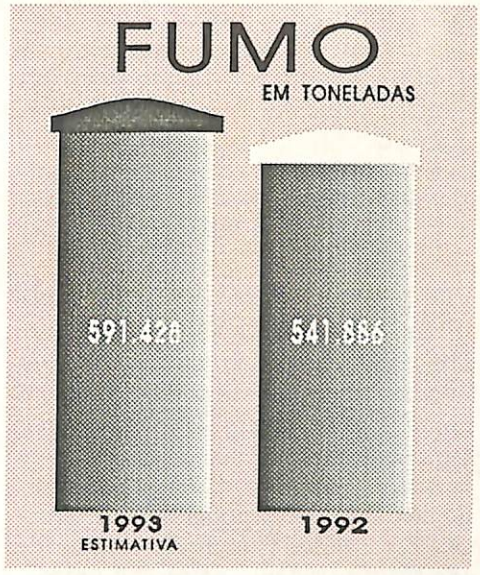
e **MS**, além dos principais centros de **MG, MT, RO** e **AC**. **Chame a Tresmaiense**. Ela passa cada vez mais pelos caminhos do desenvolvimento.

TRANSPORTADORA TRESMAIENSE LTDA

MATRIZ: Rua da Várzea, 481 - PABX e Fax (051) 341.6233 - Telex 51.2468 e 51.3372 - TRTM - Porto Alegre-RS

Plus

Fumo — Na região Centro-Sul, as perspectivas são muito boas para esta cultura. O plantio deve ocupar uma área de 326.011 hectares, superior em 9,63% à área colhida em 1992, que totalizou 297.386 hectares. Está prevista uma produção de 591.428 toneladas, volume superior em 9,14% à produção obtida em 92, que contabilizou 541.886 toneladas. Na esteira deste otimismo está a indústria fumageira, que dá grandes incentivos aos seus agricultores, sem considerar, ainda, a melhoria do mercado internacional, principalmente no leste Europeu.



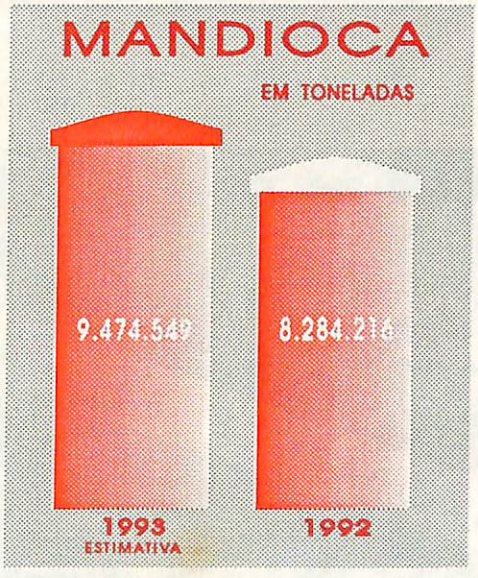
Custeio Agrícola

Créditos concedidos e área financiada - Principais Produtos
Comparativo do período Julho/Novembro 91/92

Produto	Créditos Concedidos (mil US$)		Plano Safra 92/93	
	1991	1992	área a financiar (ha)	% já financiado
Algodão	276.525	107.543	949.340	36,21
Arroz	625.610	450.346	2.793.800	59.79
Feijão	86.288	46.094	593.340	43.96
Milho	612.226	339.183	6.116.450	35.65
Soja	864.692	871.605	10.367.760	66.77
TOTAL	2.465.341	1.814.771	20.820.690	54,65

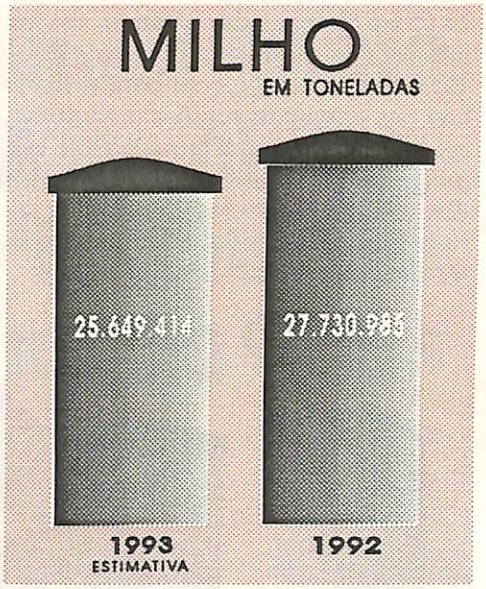
FONTE: Base de Dados ESCAI

Mandioca — Pelos números oficiais, esta é a cultura que mais deve crescer em 93. A área destinada à mandioca na safra 93, considerando as regiões Centro, Sul e Rondônia, ficará em 548.352 hectares, para uma produção estimada em 9.479.549 toneladas. Em resumo: a área cresce 12,40% e a produção 14,43%. O maior aumento no plantio se verifica na região Sul, com 16,92%. Os bons preços da raiz e seus derivados, verificados nos últimos meses, podem ser apontados como os principais responsáveis pelo estímulo à mandiocultura.

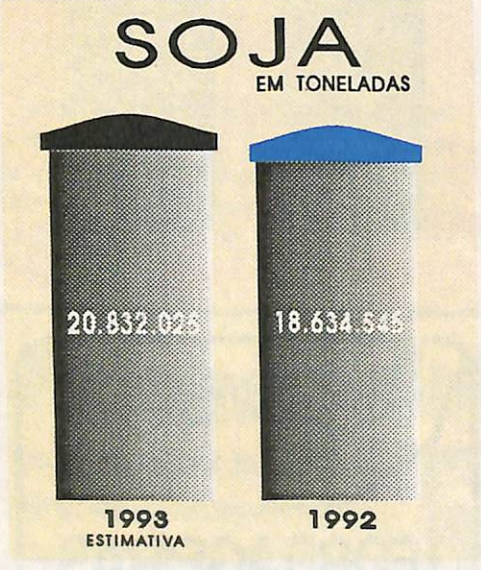


Fotos: A Granja

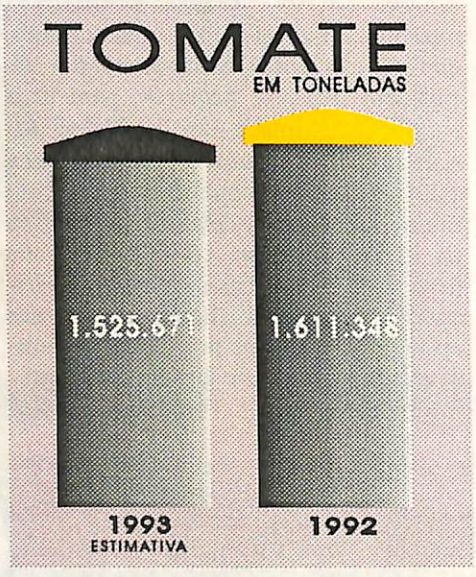
Milho de primeira safra — O prognóstico da primeira safra de milho 92/93, na região Centro-Sul e Rondônia é de que serão produzidas 25.649.414 toneladas, numa área plantada de 9.035.684 hectares. Foi constatada uma redução de área de 8,36%. A produção deve diminuir em 7,51% em relação à safra anterior. A produtividade esperada é de 2.839kg/ha. A área menor se explica pela preferência de plantio para culturas que remuneram melhor o produtor, como a soja, uma vez que não existem problemas graves climáticos ou de pragas.



Soja — Esta é outra cultura que deve ter bom desempenho em 92. Espera-se uma área plantada de 9.970.487 hectares, 9,59% maior do que a cultivada na safra anterior. A primeira estimativa de produção aponta para uma colheita de 20.832.025 toneladas, 11,79% maior do que a colhida em 92. A produção total de soja deve ser inferior, apenas, à safra 89, que chegou ao patamar de 24.051.673 toneladas. Vários são os fatores que culminaram nesta previsão otimista: tempo bom para agricultura nas principais regiões produtoras, crédito liberado em tempo hábil e a progressiva recuperação financeira dos sojicultores, beneficiados pela renegociação de dívidas com seus agentes financeiros.



Tomate — Considerando apenas a região Centro-Sul, os técnicos estimam um plantio de 34.879 hectares, redução de 2,93% na área plantada em 92. A produção esperada deve ficar em 1.525.671 toneladas, 5,32% menor do que a verificada no ano passado. São Paulo, o maior produtor, com área estimada em 15.100 hectares, deve colher algo em torno de 658 toneladas. Embora faça parte do elenco de produtos investigados no prognóstico do FIBGE, as projeções devem ser observadas com cautela, uma vez que a cultura permite ao longo do ano vários plantios e pode estar sujeita às sazonalidades do mercado.



Os números apontados pelo FIBGE não são nada alvissareiros para a produção nacional. Mas, como tudo são previsões, eles podem ser revistos e reavaliados com o decorrer do tempo. Duro mesmo é ter de conviver com a idéia de que 10 por cento do PIB brasileiro "escorre perna abaixo" por culpa das perdas pós-colheita. Estes números, sim, não são previsões, mas constatações reais auferidas pelos técnicos da Embrapa, entidade governamental de grande respeito no país e no estrangeiro. E o que dizem os técnicos sobre as perdas? No Brasil, as perdas anuais pós-colheita em hortaliças correspondem a todo o volume produzido pela Argentina, Chile, Peru e Uruguai. Mas não é só. O Brasil perde, anualmente, 20% do arroz, café e soja; 25% do milho; 30% do feijão; 40% das frutas e 40% de toda a madeira explorada na Amazônia.

Este quadro mostra que a luta pela produtividade está sendo comprometida por batalhas ainda perdidas fora da lavoura. É a perda da colhedeira até o caminhão, do caminhão até o armazém, do armazém até os processos de separação, limpeza, fumegação e ensaque etc. Não se pode admitir tamanha perda num país ainda carente de comida. O aumento da produtividade, neste caso, seria uma vitória de Pirro, que perde a guerra para o desperdício depois de ter lutado tanto para encher os silos.

SIVAM

- MAIS DE 60 ANOS DE EXPERIÊNCIA INTERNACIONAL
- 41 ANOS DE AVANÇADA TECNOLOGIA NACIONAL GARANTEM!

PRODUZIR QUALIDADE É ARTE DE POUCOS!!!

SUPLEMENTOS ● MINERAIS E VITAMÍNICOS
DESINFETANTES ● TERAPEUTICOS VETERINÁRIOS ●

SIL SIVAM

SÃO PAULO : Rua da Consolação, 57 - 5º andar - Caixa Postal 9054 - Tel.: 231-4100 (PBX) - Fax: (011) 231-4798
PORTO ALEGRE : Rua Dona Margarida, 1211 - Caixa Postal 2521 - Tels.: 343-1544 / 343-1050 - Fax: (051) 343-1544

Uma mosca incomoda muita gente. A do chifre incomoda muito mais

Mais uma vez, a burocracia paquidérmica ignorou os alertas sucessivos, "gritados" pelos experientes técnicos de campo. O flagelo, que poderia ter sido contido, cruzou o rio Amazonas por incúria administrativa e política, bem à moda avestruz. Neste caso, o que ficou a descoberto foi a sanidade do rebanho brasileiro. Por esta omissão, temos de conviver como flagelo, que chegou para ficar

A Guerra de Secessão trouxe problemas tanto para o norte como para o sul dos Estados Unidos, como já se pôde ver, e vibrar, às vezes, nas histórias de faroeste. Ocorre que um novo problema, para todo o país, estaria por vir, quando as autoridades resolveram repor os rebanhos dizimados pela guerra e dar a arrancada para a agricultura. Quando os criadores foram acertar a compra, na Europa, de matrizes e reprodutores bovinos, mal sabiam que estavam adquirindo uma praga de contrapeso. Os primeiros lotes chegaram entre 1884 e 1886, data que marca, mais ou menos, a entrada da *Haematobia irritans irritans* naquele país.

Esta mosca, que tinha sido praga em 1830 na França, foi classificada

Sem grande autonomia de vôo, a mosca-do-chifre, de gado em gado, viaja milhares de quilômetros

por Lineu (Carl Von Linné — 1707-1778), em 1758. Já em 1887, os norte-americanos entraram em pânico com a presença nociva do inseto. Com a Conquista do Oeste, a praga foi se expandindo, chegando a ocupar a maior parte dos Estados Unidos e do Havaí, no ano de 1898.

Dois anos depois, a mosca já viajava no lombo de bovinos em direção ao Canadá. E, no início do século, já estava no Caribe. Na década de 30, a Venezuela e a Colômbia, na América do Sul, tiveram os primeiros registros.

De mala e cuia no Brasil — A indesejável viajante, que por sinal não tem grande autonomia de vôo, chegou ao Brasil, ao que parece, via Guiana, com o gado comprado por criadores de Roraima. Isto lá por 1976 ou 1977. Três anos depois, técnicos do Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte — CNPGC — já coletavam amostras que definitivamente comprovaram a existência da *Haematobia irritans irritans* no território brasileiro. Nesse momento, dizem os técnicos, o Brasil perdeu a primeira batalha de confinar a mosca-do-chifre, pois com pequenas medidas profiláticas na movimentação do gado daria tempo suficiente para que eles pudessem aprofundar seus estudos práticos num parasita até então desconhecido do rebanho nacional. A falta de métodos preventivos, da índole política brasileira, e a descrença dos alertas sanitários, fez com que a mosca-do-chifre cruzasse o Amazonas (aqui houve a possibilidade da segunda "barrada"). Neste caso específico, os "gaiolas" amazonenses que singram aquele rio foram o veículo de livre trânsito para "desentocar" a *Haematobia* da região Norte. Já em 1987, os técnicos detectaram a mosca em rebanhos do Pará, Maranhão, Piauí e Ceará. Seguiu para o Acre e Tocantins em 1989 e alcançou Minas Gerais, Rondônia, São Paulo, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso em 1990. Desse ano em diante, a mosca conseguiu penetrar no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Os técnicos crêem que a rota da mosca chegará ao fim quando ela alcançar a Argentina e esbarrar no clima frio da Patagônia e nos contrafortes da Cordilheira dos Andes. Só neste momento é que este exército de "hunos alados" deve ser contido na sua saga expansionista.

Foi incrível a expansão da *Haematobia* após cruzar o rio Amazonas. O tempo que ela levou para dominar o hemisfério norte da América foi muito longo em comparação à sua proliferação no sul do continente.

RESUMO ESQUEMÁTICO DA MOSCA-DO-CHIFRE EM AÇÃO

Posição sobre o animal	sempre com a cabeça voltada para o solo
Localização sobre o animal	principalmente na região da cabeça, cupim e pescoço
Hábitos alimentares	sangue (hematófaga)
Espécies mais acometidas	principalmente bovinos; ocasionalmente eqüinos, ovinos, cães
Tamanho	2 a 3mm de comprimento
Hábitos	permanecem as 24 horas do dia sobre o corpo do animal e picam, para se alimentar, várias vezes neste período.

Fonte: SAA/RS - Serviço de Doenças Parasitárias

A "bixinha" tem preferências alimentares pelo gado europeu

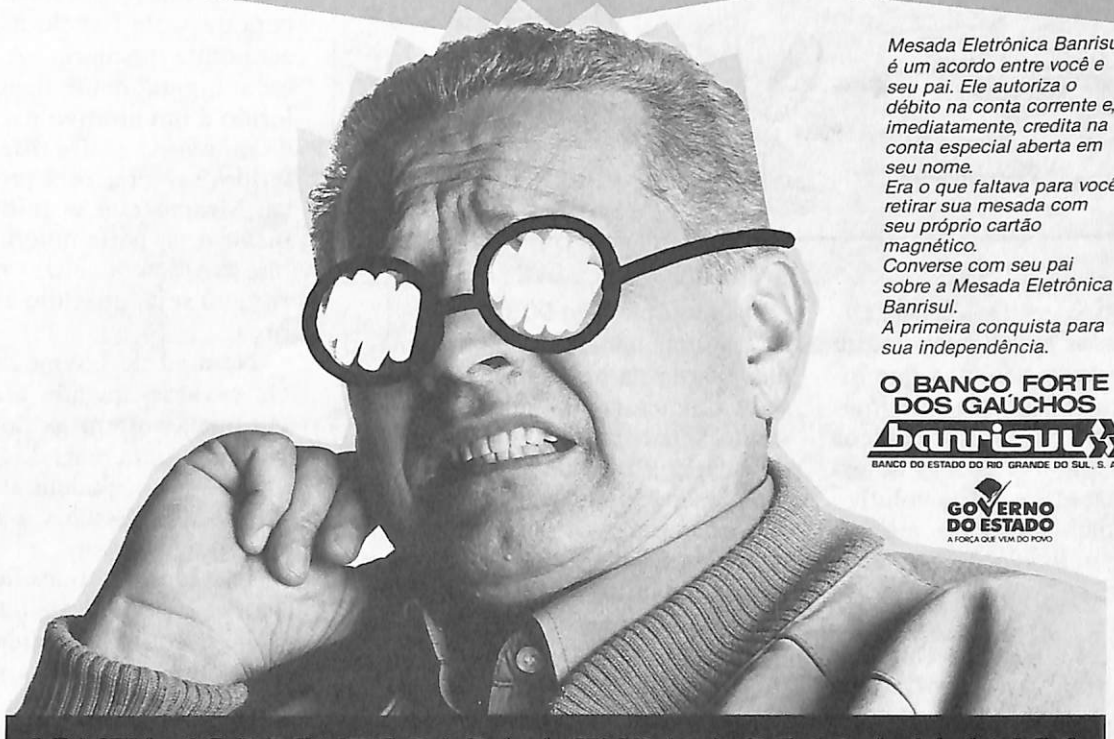
O bicho — Cientificamente, a *Haematobia irritans irritans* é um inseto da grande família musídeo (moscas). É menor do que a nossa conhecida mosca-doméstica. Voraz hematófaga, pois está sempre se alimentando de sangue, tem como característica a sua picada com as asas na posição de 60 graus e de bumbum pra cima quando suga, quase imitando um ataque "kamikaze". A sucção pode demorar de quatro a cinco minutos. As fêmeas, nesta operação, são mais vorazes do que os machos, pois necessitam de muita proteína para poder fazer a reprodução da espécie. Sua zona de ação no animal está diretamente ligada à parte indefesa. Explicando melhor: onde os movimentos da cauda não alcançam.

A denominação mosca-do-chifre se relaciona a determinados fatores de infestação que levavam estas moscas a se localizarem na base do chifre, pois nesta região, mais precisamente, na base do núcleo do chifre, existe uma irrigação sangüínea muito acentuada, alimentando o crescimento do tecido córneo. Como esta área é pequena, para uma grande infestação, as mesmas imigram para outras regiões próximas à cabeça do animal, onde vivem a maior parte de suas vidas.

No *Bos indicus,* ou mestiço, a região preferencial das moscas virgens e machos é o cupim, onde se processa o acasalamento. Após o acasalamento, as fêmeas migram para as partes baixas do animal (virilhas, coxas e pernas) esperando o momento oportuno da desova, que se dará nas fezes do próprio animal ou de um outro. A desova se dá nas margens do bolo fecal. Após, as fêmeas não voltam mais para o cupim, mas para o pescoço e parte da cabeça. Os ovos começam a penetrar na massa fecal, procurando uma profundidade regulada pela temperatura. Quanto mais quente, mais profunda será esta penetração. A pupa está contida num pupário marrom-escuro, situado na base da massa fecal, ou a até 3cm no solo, embaixo desta mesma massa. Larvas e pupas são difíceis de serem detectadas sem haver um peneiramento das fezes. A confirmação da mosca-do-chifre nas fezes é muito difícil de ser detectada, mas não há necessidade de sermos São Tomé: é só olhar a infestação dos animais com moscas adultas. ▶

SEU PAI VAI LEVAR UM CHOQUE.

CHEGOU A MESADA ELETRÔNICA BANRISUL.



Mesada Eletrônica Banrisul é um acordo entre você e seu pai. Ele autoriza o débito na conta corrente e, imediatamente, credita na conta especial aberta em seu nome.
Era o que faltava para você retirar sua mesada com seu próprio cartão magnético.
Converse com seu pai sobre a Mesada Eletrônica Banrisul.
A primeira conquista para sua independência.

O BANCO FORTE DOS GAÚCHOS

banrisul

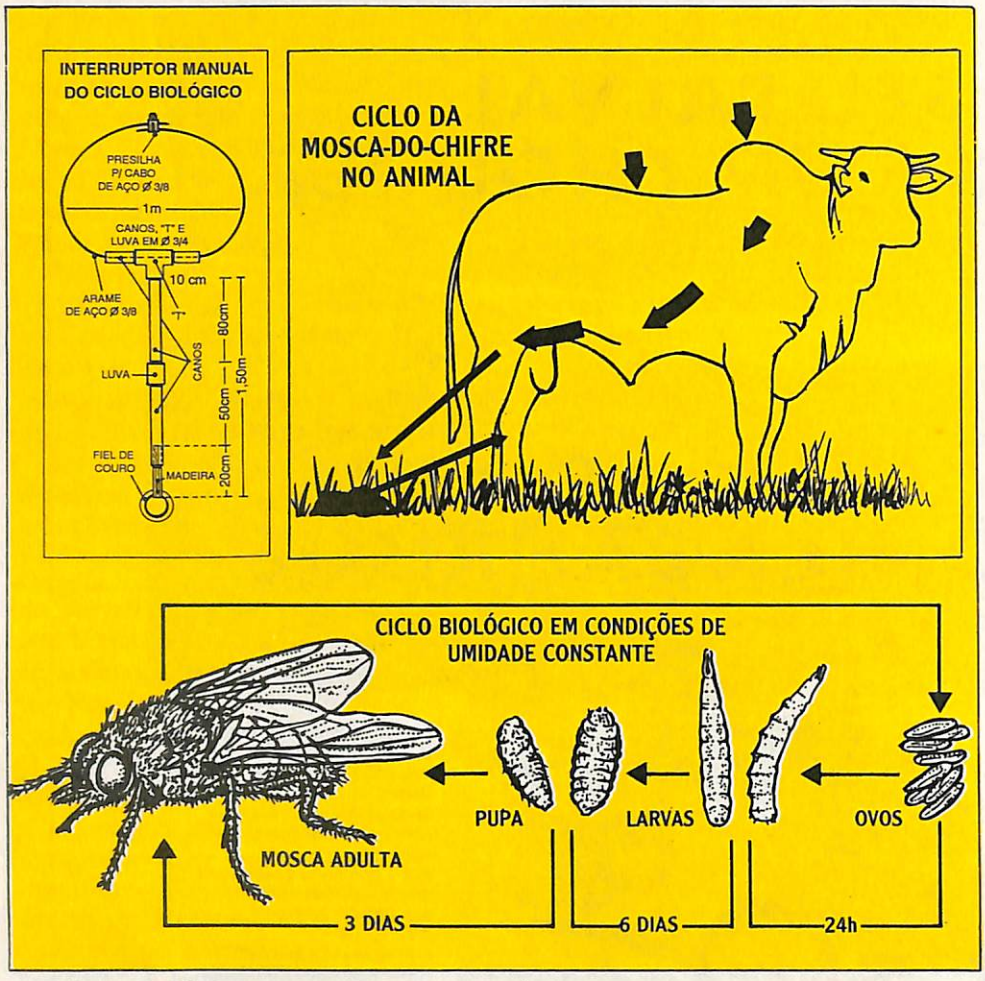
BANCO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, S. A.

GOVERNO DO ESTADO

A FORÇA QUE VEM DO POVO

CONTA CORRENTE PARA A TURMA DE 10 A 16 ANOS.

O ciclo biológico desta mosca necessita de umidade para ter seu processo acelerado



Fonte: CNPGC

Ciclo biológico — Qualidade nutricional da massa fecal, temperatura e umidade são os três fatores que influenciam no ciclo biológico da *Haematobia irritans irritans*. Os técnicos têm observado que nas épocas de escassez de pastagem, o ciclo evolutivo da mosca é mais lento. O mesmo ocorre quando a insolação é menor (dias curtos). No Brasil Central, este pode prolongar-se de 20 a 30 dias, na época de seca. Já na época chuvosa, este intervalo se reduz para oito ou nove dias. Não devemos esquecer que todo o desenvolvimento larval é realizado dentro da massa fecal, onde a temperatura e umidade não são as mesmas das condições exteriores. A vida de uma fêmea gira ao redor de 40 dias, sempre dependendo das condições ambientais, é claro. A produção de ovos neste período varia de 80 a 300 unidades, entretanto, para nossa sorte, a eclosão dos ovos é baixa e a mortalidade natural das larvas na massa fecal é muito grande, sendo estimada em mais de 90%. Os predadores naturais também dão uma "mãozinha" para esta baixa fertilidade do inseto. Calcula-se que o ciclo de ovo a inseto aconteça num período que vai de quatro a oito dias. Curioso, nisto tudo, é a forma como a mosca-mãe deposita seus ovos nas bordas líquidas da massa fecal. Ao chegar para a oviposição, vibra intensamente as asas para romper a tensão superficial do líquido. O motivo é simples: com estes movimentos, o ovo não fica "boiando", mas se deposita no fundo da matéria. Daí, recomeça o ciclo evolutivo da espécie.

Quem fica sabendo deste fato, pensa que a *Haematobia* tem uma relação muito íntima com as fezes do gado. Por incrível que pareça, ela repele este material, só se aproximando dele para depositar os seus ovos, diferente das demais moscas que transitam nos estercos e fazem destes locais o seu habitat quase permanente. Levando em conta esta particularidade é de se perguntar: não seria interessante pulverizar o gado com esterco ou produtos cheirando à "m....."? A proposição certamente pode não ser científica, ainda, mas não é impertinente.

Pele e pêlo escuros são atrativos para o ataque da mosca

Animal preferido — Estudos técnicos indicam que o *Bos indicus*, o nosso zebu, seria a espécie mais imune ao ataque da mosca-do-chifre. O mesmo não aconteceria com o gado europeu, o *Bos taurus* e suas cruzas. A explicação para este fato está na baixa transpiração do zebu, que concentra mais toxinas na sua superfície carnal. Seguindo este raciocínio, deve se esperar uma grande infestação nas regiões criadoras de gado europeu ou cruzado. Vai, aqui, um apelo às autoridades sanitárias dessas regiões, que enviem esforços humanos e materiais para que este flagelo não extermine a economia pecuária. A pigmentação escura, geralmente ligada ao pelo colorido é um atrativo natural de ataque da mosca-do-chifre. Mas, o local preferido, sempre, será próximo à cabeça. Mesmo que o animal tenha uma mancha na parte anterior do corpo, a mosca vai se localizar na parte posterior, ou seja, próximo ao pescoço, cabeça.

Nem só de bovinos vive a mosca. Os cavalos, quando atacados são os que mais sofrem as dores da picada. Não suportam mais de 25 moscas. Em alguns casos, podem até se tornar indóceis e agressivos a menor aproximação de alguém.

Atividade hematófaga — O mais nocivo aspecto deste inseto está na picada, dolorosa, repetida muitas vezes num dia, o que deixa os animais estressados. Como já foi dito, a fêmea, por ter mais necessidade de sangue, pica mais do que o macho. Pica até 40 vezes ao dia, enquanto seus parceiros ficam na média de 25 picadas. A quantidade de sangue retirada é muito grande. Calcula-se que, numa infestação de 500 moscas, o boi tenha uma perda de 600 ml de sangue por dia. É bom lembrar que foram constatadas infestações de 5.000 a 10.000 insetos por animal. É só fazer um cálculo simples, para saber a verdadeira sangria a que o gado está submetido. ▶

COLINA:

Através de um processo industrial avançado, a BASF lança no Brasil a Colina pó (a 50%) e líquida (a 75%), a vitamina B4 essencial para o crescimento, saúde e reprodução dos animais. A Colina é um complemento importante nos

A NOVA

fosfolipídeos e imprescindível no metabolismo dos lipídeos. Favorece a distribuição dos ácidos graxos pelo organismo animal, evitando uma sobrecarga lipídica ao fígado. Com esse suplemento alimentar, aves, suínos e outros ani-

FORÇA

mais apresentarão uma melhoria em seu desenvolvimento. Converse com um dos nossos técnicos a respeito da formulação, custo, garantia de qualidade e entrega de mais este lançamento na linha de nutrição animal da BASF.

DA BASF.

Rua Basílio da Gama, 77
9º andar
Tel (011) 258.8644
Telex (11) 37750
São Paulo

Nutrição Animal

BASF

É tão somente no esterco do gado bovino, que a Haematobia irritans deposita seus ovos

O peso também é prejudicado. Honner e Gomes calcularam, em 1990, que a perda de peso vivo, pela ação da mosca, é de 0,217 x 10^{-3}kg/mosca/dia, ou uma perda anual teórica de 0,0759kg/mosca.

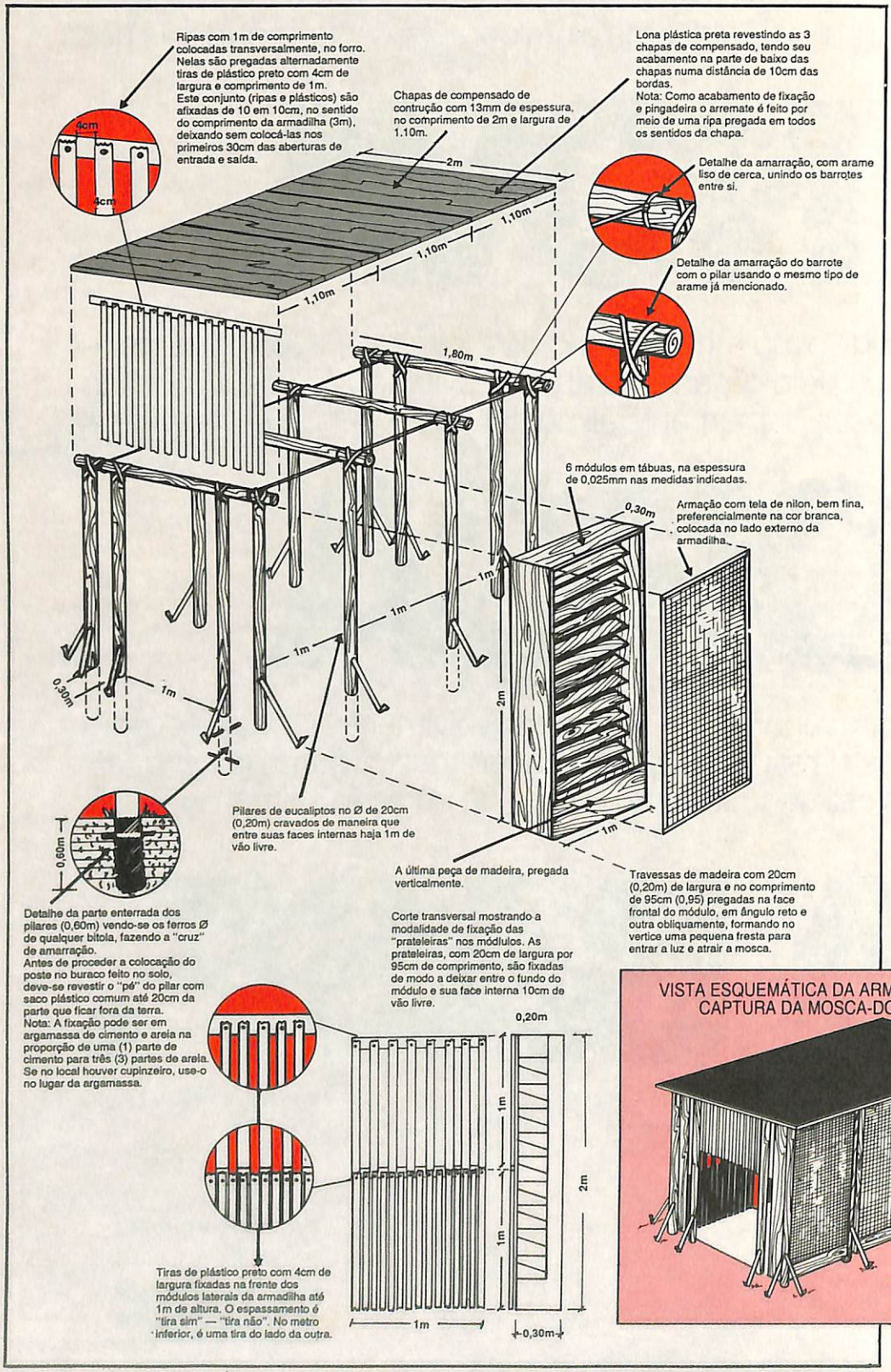
Estes valores nos indicam que um animal, com infestação de 500 moscas, perde 40kg de peso vivo por ano. Avançando nesta perspectiva, uma infestação de 5.000 moscas, teoricamente, faria o boi desaparecer do pasto.

O exército de picadores, como não poderia deixar de ser, faz seus estragos também no couro. As sucessivas picadas "desmontam" o processo elástico natural do couro, inutilizando-o para seu aproveitamento industrial. Além disso, a *Haematobia* deixa campo, ainda não totalmente comprovado, para certas doenças, como o carbúnculo hemático, leucose, anaplasmose e outras. Nos Estados Unidos, os cientistas já comprovaram que a expansão da Stefanofilária (um helminto) se deve à ação residual e nociva da mosca-do-chifre. No rebanho eqüino, a mesma é suspeita de transmitir a anemia infecciosa (AIE).

Os técnicos também estimam que muitas vacas cheias abortam porque foram atacadas pela mosca. Além do natural estrés das picadas constantes, o sangue que lhe é sugado produz uma anemia. Na vaca com bezerro ao pé, o efeito nocivo da mosca se dá também na escassez do leite, colocando em perigo a vida da cria. Nos touros, a libido baixa ao ponto de comprometer todo um planejamento reprodutivo no plantel.

Já na criação leiteira, estabulada, os estragos da *Haematobia* são mínimos. O manejo dos animais é norteado pela limpeza das instalações e retirada diária de fezes. As fezes, colocadas em estrumeiras, não oferecem condições naturais de proliferação da mosca.

Como enfrentar o problema — Antes de nos debruçarmos nas formas de combate à mosca, sejam naturais ou químicas, é interessante conhecer um pouco sobre a resistência dos organismos vivos. Existem nestas populações genótipos do tipo RR (homozigotos resistentes), RS (heterozigotos) e SS (homozigotos suscetíveis). Este diferentes genótipos respondem, diferentemente, às doses de produto químico aplicado. Doses muito altas não permitem a discriminação entre os genótipos, mas as condições de campo, falhas humanas, toxidade e, sobretudo, os custos de aplicação, levam ao uso inadequado da maioria dos produtos. As doses comerciais ou doses mais baixas, se-



Fonte: EMBRATER - Serviço de Extensão Rural Tecnologias adaptadas

lecionam primeiramente para os RS, e, após, para os RR, permitindo a sobrevivência de uma parte da população com o produto químico. Esta situação é agravada pelo fenômeno de resistência cruzada, que se origina por uso de produtos químicos de categorias diferentes. O alerta parte dos pesquisadores Michel Roner, Ivo Bianchini e Alberto Gomes, do CNPGC — Embrapa.

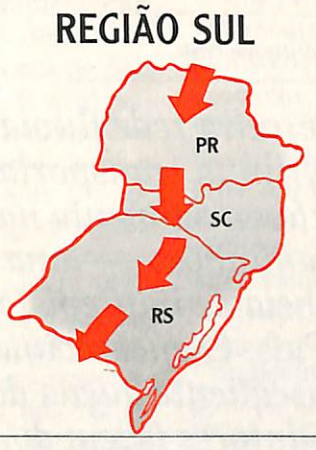
Na luta contra a mosca-do-chifre, o produto químico ainda é a principal arma, que deve ser utilizado com a assistência técnica de um veterinário ou biólogo e com produtos de laboratório com reconhecida capacidade científica. As doses químicas devem ser avaliadas de conformidade com um prévio levantamento da situação específica do rebanho. Não importa a dose que "cumpadre", amigo ou parente aplicou na sua criação. Importa, sim a palavra do técnico, após diagnosticar o grau da infestação no rebanho. Basta observar, hoje, o grau de eficiência dos brincos antimosca, que às vezes não dão o resultado almejado, porque o criador não fez a retirada dos mesmos após três meses. Esta retirada evita a resistência dos insetos ao inseticida contido no brinco.

Outra solução buscada pelos criadores é simplesmente banhar o gado com carrapaticida, que atua no controle da mosca. Esta modalidade de tratamento baixa a infestação das moscas, realmente, mas aumenta o grau de incidência de tristeza bovina. A explicação: ao se eliminar a mosca, elimina-se o carrapato e, com ele, a "vacina" da babesiose.

Como já vimos, está nas fezes o controle natural da mosca. Ocorre que muitos criadores aplicam inseticida diretamente no bolo fecal, o que resolve em parte o problema, pois esta prática só tem eficiência na fase de ovo. Na fase larval, a massa fecal protege o inseto da ação de inseticida. A maneira mais eficiente, mas também mais trabalhosa, seria o desmonte do bolo fecal por meios mecânicos no campo ou nos paradouros de gado, como saleiros, aguadas etc. O desmonte, nesses locais, é mais fácil com o uso de trator. Um conjunto de pneus usados, amarrados entre si e rebocados pelo veículo, apresenta alto índice de desmonte. Outra prática seria a do peão, munido de um instrumento, de cabo longo desmontado, tendo na ponta uma lâmina tipo enxadão, fazer o desmonte sem descer do cavalo (seria um "pólo" ecológico onde a "bola" seria o estrume).

Já, o controle biológico feito pelo besouro *Ontophagus gazella,* tem sido recomendado pelos meios científicos. Entretanto, como se trata de um inseto exótico (é africano), pode ocorrer que este se reproduza de forma descontrolada, se transformando numa nova praga nos campos. A corrente contrária ao uso do *Ontophagus* invoca a extensão do Brasil como fator impeditivo do uso desta opção. Temos, naturalmente, inimigos nacionais, como o famoso cascudo vira-bosta, mas de combate moroso.

Todos os métodos devem ser levados adiante e testados, pois, estoicamente, como tudo indica, vamos ter que conviver com a *Haematobia irritans irritans* durante muitos séculos.



A penetração da mosca-do-chifre na região Sul do país, deu-se nas seguintes datas: Paraná, em 09/90, no município de Perola; em Santa Catarina, em 10/91, no município de Dionisio Cerqueira e, finalmente, no Rio Grande do Sul, em 12/91, no município de Horizontina

PLATAFORMA HIDRÁULICA SAUR PARA DESCARGA DE GRANÉIS.

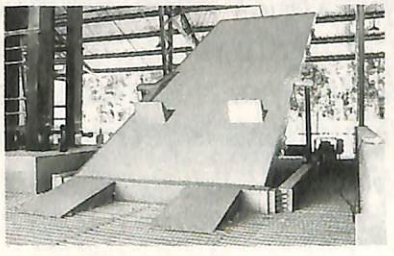
O cereal desce, o lucro sobe!

Proporcionando uma descarga rápida e segura de cereais a granel, a Plataforma Hidráulica Saur resulta num extraordinário ganho de tempo. E, você sabe:
especialmente em piques de safra, tempo e dinheiro.

LANÇAMENTO INÉDITO
Modelo GAF-30

Trata-se de um equipamento que dispensa a inconveniente adaptação das moegas para a instalação de plataformas convencionais.
A plataforma GAF-30 pode ser instalada em praticamente todas as moegas existentes com mínima mão de obra, tendo ainda a vantagem de poder ser retirada na entresafra ou ser trocada de moega.

Consulte nosso departamento de engenharia ou vendas técnicas para obter maiores informações



W&R

Metalsaur Equipamentos Ltda.

Acesso à BR-285, Km 1 - Cx Postal, 15
98280 Panambi - RS
Fone: (055) 375-2122 - Telex: 55.2385

Unidas, as bacias do Tietê-Paraná, já rendem dividendos

José Renato de Almeida Prado

Embora possua a terceira rede fluvial do mundo, o Brasil continua transportando suas cargas preferencialmente na carroceria de caminhões — uma alternativa cara e cheia de imprevistos — pelas estradas do País. O encarecimento dos fretes e a conseqüente queda dos lucros dos produtores fazem do escoamento da safra uma operação ainda bastante complicada, especialmente quando se trata de cobrir longas distâncias entre as áreas produtivas e as de consumo. Parte desse problema, entretanto, poderá ser atenuado nos próximos anos, quando estiver totalmente implantada a Hidrovia Tietê-Paraná, no interior de São Paulo. Estimativas mostram que o frete na navegação fluvial é, no mínimo, a metade do ferroviário e a terça parte do rodoviário

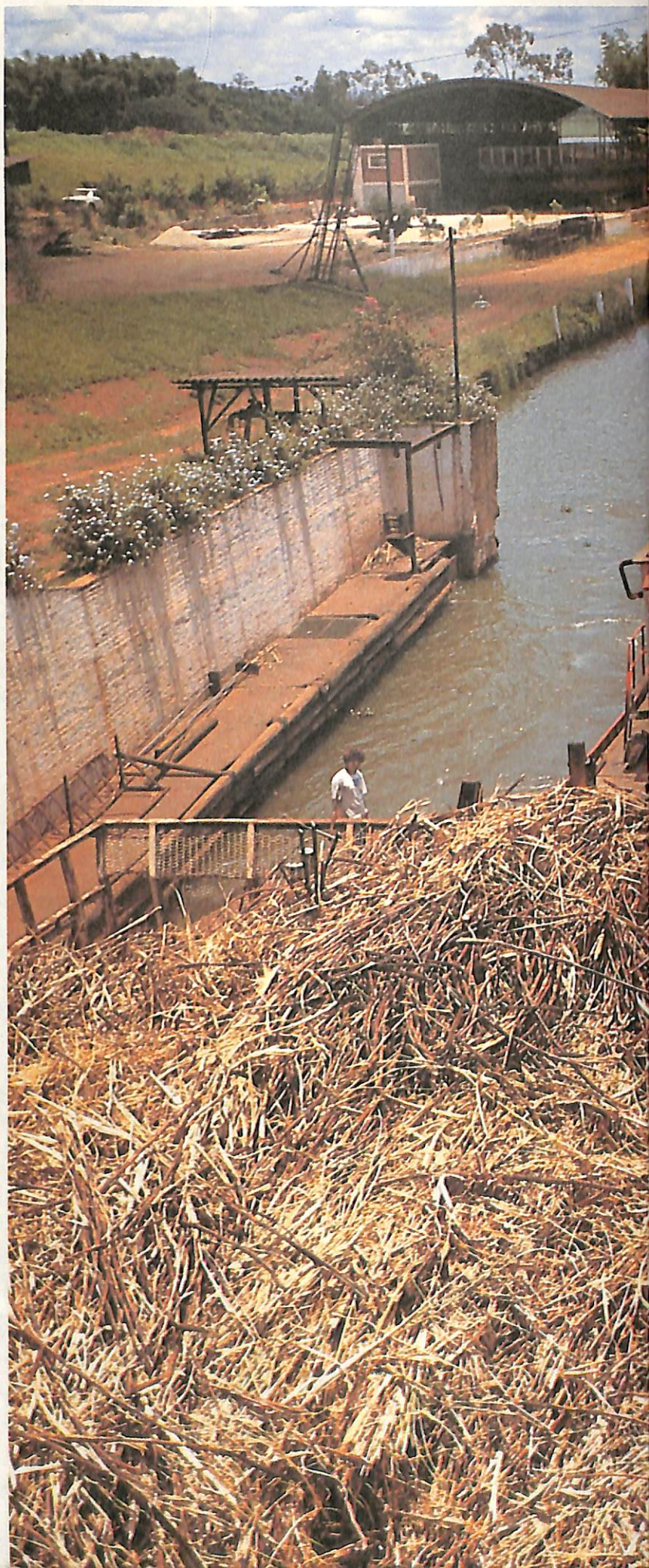


Foto: José Prado

Estudos realizados pela diretoria do Consórcio Intermunicipal da Hidrovia Tietê-Paraná, com sede em Jaú, 324km a oeste da capital de São Paulo, prevêem que a hidrovia será a maior responsável pelo desenvolvimento da região, nas áreas de transporte, turismo, lazer, e na industrialização do interior paulista. Sua implantação pela Companhia Energética de São Paulo (Cesp) tomou impulso há dois anos, com a criação da Diretoria de Hidrovias e Desenvolvimento Regional. Até agora, a Cesp investiu US$ 1,6 bilhão no aproveitamento dos recursos da bacia dos rios Tietê e Paraná, e já conta com a parceria da iniciativa privada na construção dos terminais intermodais (interligação de rodovia, ferrovia e hidrovia). Todo o complexo irá influenciar diretamente 760 mil quilômetros quadrados beneficiando, principalmente, no transporte de grãos, os Estados de Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná e São Paulo. Os empreendimentos hidrelétricos atingirão 25.000 megawatts.

Atualmente, a hidrovia já é navegável deste Santa Maria da Serra, no Rio Piracicaba, e Conchas, no Tietê, até a barragem hidrelétrica de São Simão, no Rio Paranaíba (Goiás) e de Água Vermelha, no Rio Grande, divisa com Minas Gerais, totalizando 1.040km de extensão. "Isso foi possibilitado a partir de 1991, com o término das duas eclusas da Hidrelétrica de Nova Avanhandava, do enchimento do reservatório de Três Irmãos e da inauguração do Canal de Pereira Barreto, que interliga o Rio Tietê ao tramo Norte do Rio Paraná, através do Rio São José dos Dourados", explica José Wagner Leite Ferreira, diretor técnico da hidrovia.

Em 1991, o volume de cargas movimentado nesse trecho atingiu 1,7 milhão de toneladas. O gênero embarcado em maior quantidade foi areia (890 mil toneladas), seguida pela cana-de-açúcar (568 mil toneladas), soja (131 mil toneladas), trigo (37 mil toneladas), álcool (36 mil toneladas), milho (6 mil toneladas), óleo diesel (4 mil toneladas) e outras cargas (4 mil toneladas). No ano passado, o volume chegou a 2,2 milhões de toneladas, "praticamente o dobro da carga transportada há dois anos", entusiasma-se Wagner Ferreira. "A navegação fluvial tem um custo muito baixo a longas distâncias, desde que o produto a ser transportado esteja próximo das margens da hidrovia", complementa.

Atendendo ao Mercosul — Até 1995, com a conclusão das eclusas de Três Irmãos e Jupiá, a hidrovia estará interligada ao já navegável "tramo" sul do Rio Paraná, alcançando a Usina Hidrelétrica de Itaipu e a cidade de Foz do Iguaçu, no Estado do Paraná, em um total de 2.400km. Transpostas essas etapas, será possível a integração do Brasil, Uruguai, Argentina, Paraguai e Bolívia, via hidrovia, com o término da construção das hidrelétricas de Corpus e Yacyreta, no Rio Paraná. "A Hidrovia Tietê-Paraná será, sem dúvida, a porta de entrada do Mercosul pelo interior, levando e trazendo produtos de um país a outro", garante Sigefredo Griso, ex-prefeito

Daqui a sete anos, a hidrovia poderá ter no seu leito navegável 5.000 barcaças e 1.000 empurradores

de Jaú e presidente do Consórcio Intermunicipal, com mandato até julho de 1993. "Para isso, é imprescindível que, além dos investimentos do governo e da parceria com a iniciativa privada, contemos com a vontade política dos prefeitos dos 73 municípios que fazem parte da calha do Tietê-Paraná", arremata.

A potencialidade da navegação fluvial na integração do Mercosul já despertou o interesse de empresários norte-americanos, que estiveram em contato com representantes da Agência de Desenvolvimento Tietê-Paraná (ADTP), em outubro, em Nova Iorque. O Departamento de Comércio dos Estados Unidos está investindo US$ 125 mil, em uma reunião que será realizada em Nova Orleans, Louisiana, nos dias 25 e 26 de março, entre 50 empresários brasileiros e 150 empresários americanos interessados em investir, em regime de parceria, nos segmentos de turismo, agroindústria, instalação e operação de usinas termoelétricas, terminais intermodais de cargas e comércio em áreas diversificadas. "Isso mostra que, na próxima década, a navegação pelo rio será o grande vetor de desenvolvimento do País", acredita Sigefredo Griso.

Sigefredo Griso, presidente do Consórcio Intermunicipal da Hidrovia Tietê-Paraná

Eclusa de Nova Avanhandava

Fotos: CIH Tietê-Paraná

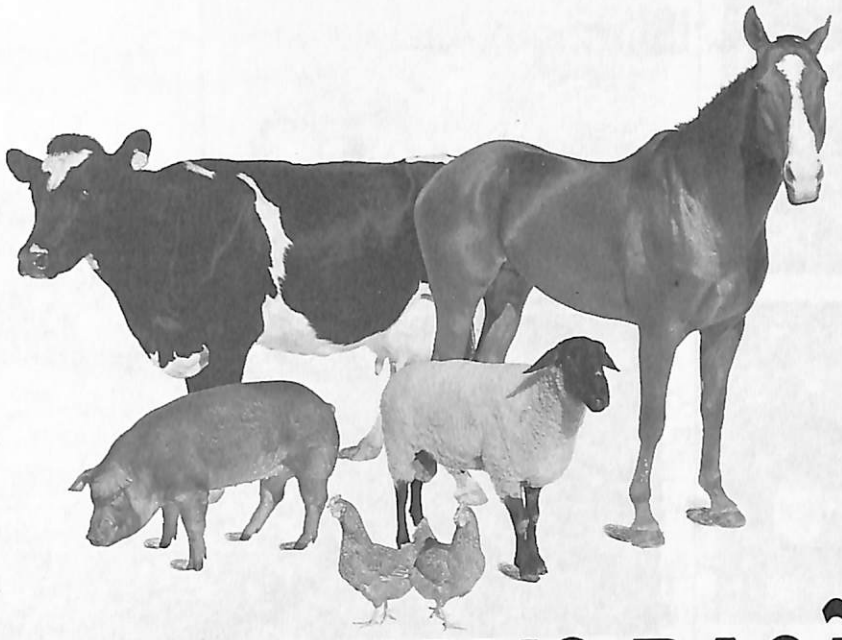
Transporte de cana para a Usina Diamante

Levantamentos preliminares feitos por técnicos do Consórcio projetam que, no ano 2000, a hidrovia poderá comportar, em toda a sua extensão, até 5.000 barcaças e 1.000 empurradores. Dos produtos transportados, os grãos aparecem como o gênero que será embarcado em maior volume daqui a sete anos: algo entre 4.300.000 e 6.298.560 toneladas. O transporte de calcário vem em seguida, com 3.779.136 toneladas; e o de farelos deve chegar a 1.600.000 toneladas. Os estudos prevêem também, em uma projeção bastante otimista, que a hidrovia terá capacidade para transportar, no início da próxima década, 833.929 toneladas de gado; 734.412 toneladas de álcool; e 612.220 toneladas de derivados de petróleo. Outros produtos como café, açúcar, cimento, aço e material de construção em geral, devem somar um volume de 2.519.424 toneladas. A estimativa é chegar ao ano 2000 com 15 milhões de toneladas de diversas mercadorias levadas pela hidrovia.

Portos Intermodais — Para atingir essa previsão, a Cesp tem trabalhado em várias obras ao longo do rio, especialmente nos terminais intermodais. Os dois primeiros estão sendo construídos em Pederneiras e Conchas, à beira do Tietê, com a união das iniciativas pública e privada, e está prevista a construção de mais nove terminais regionais. "Os terminais para embarque e desembarque de mercadorias serão privados, para evitar aqueles problemas de estiva que vemos freqüentemente nos portos de Santos e Rio de Janeiro", explica Wagner Ferreira. "Nos portos da Holanda são descarregados cerca de 25 contêineres por hora, enquanto, em Santos, se descarregam seis", constata o diretor técnico da hidrovia. "Esse corporativismo negativo dos estivadores, essa morosidade, nós vamos evitar na hidrovia porque os portos serão operados por grupos particulares".

Muitas dessas parcerias com empresas particulares já estão sendo feitas em pequenos terminais, no transporte de calcário, caso do terminal de Anhumas/SP, operado pela Companhia de Navegação Meca S/A, que venceu uma licitação feita pela Cesp. Foram também inaugurados terminais menores de calcário nos municípios paulistas de Jaú, em parceria com a Usina de Açúcar e Álcool Diamante, que já é pioneira no transporte hidroviário de cana-de-açúcar, Ibitinga e Araçatuba. O mesmo deve acontecer nos terminais de Panorama e Santa Fé do Sul, ambos no rio Paraná. ▶

AQUI TEM MAIS PRODUÇÃO.



AQUI TEM MAIS RAÇÃO.

Se produzir mais e melhor é o seu objetivo, Vitosan é a sua ração.
Vitosan é mais porque garante uma ótima rentabilidade.
A ração Vitosan é um alimento completo, desenvolvido pela Santista a partir das mais modernas pesquisas em nutrição, oferecendo o melhor rendimento para a criação de bovinos, eqüinos, ovinos, suínos e aves.
Se você põe qualidade acima de tudo, escolha Vitosan.
A ração de primeira.

Vitosan

Ração de 1ª

- PORTO ALEGRE - RS - Rua Voluntários da Pátria, 2817
  Fone: (051) 331.9244 - Fax: (051) 331.9639.
- JOINVILLE - SC - Rua Urussanga, 85 - Centro - Fone: (0474) 22.3188
  Fax: (0474) 22.3756.

GRANELEIRAS IBL

GS 140

AR 65

IBL Industrial Busse

Máquinas e Implementos Agrícolas ltda.
Rua Cel. Jorge Frantz, 845
Telefone: (055)359-1422 - Telex: HIBL 552576
Fax: (055) 359-1650 - CERRO LARGO - RS

TABAPUÃ

Dr. ALBERTO ORTENBLAD

CAMPEÃO DE TODAS AS PROVAS DE DESENVOLVIMENTO PONDERAL, DESDE 1975

RUSTICIDADE, FERTILIDADE E GRANDE GANHO DE PESO. TABAPUÃ, A RAÇA FEITA PARA O BRASIL.

Fazenda Agua Milagrosa
Cx. Postal 23 Tel.: PABX (0175) 62-1117
15880 - Tabapuã - SP

Foto: UD

Porto de desembarque da Usina Diamante

O processo de implantação industrial às margens da Hidrovia Tietê-Paraná deve aumentar consideravelmente nos próximos cinco anos. Cinqüenta indústrias, dos mais diversos ramos, já se encontram em fase variada de estudos e projetos para avaliar quais os benefícios e as oportunidades de negócios criados pela hidrovia. Só no ramo de grãos e insumos agrícolas, cerca de 16 empresas já têm áreas previamente reservadas.

No distrito agroindustrial de São Simão/GO, ligado ao terminal intermodal, já estão instaladas as empresas Granol, Comercial Quintella e Companhia Nova Roseira Armazéns Gerais. Outras empresas que finalizam estudos ou já se preparam para a implantação de suas unidades na hidrovia são a Cargill Agrícola S/A, Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro (Sambra), Matosul, Soccepar, entre outras, na área de grãos. Já na área de insumos agrícolas, aparecem a Empresa Brasileira de Calcário (Em-

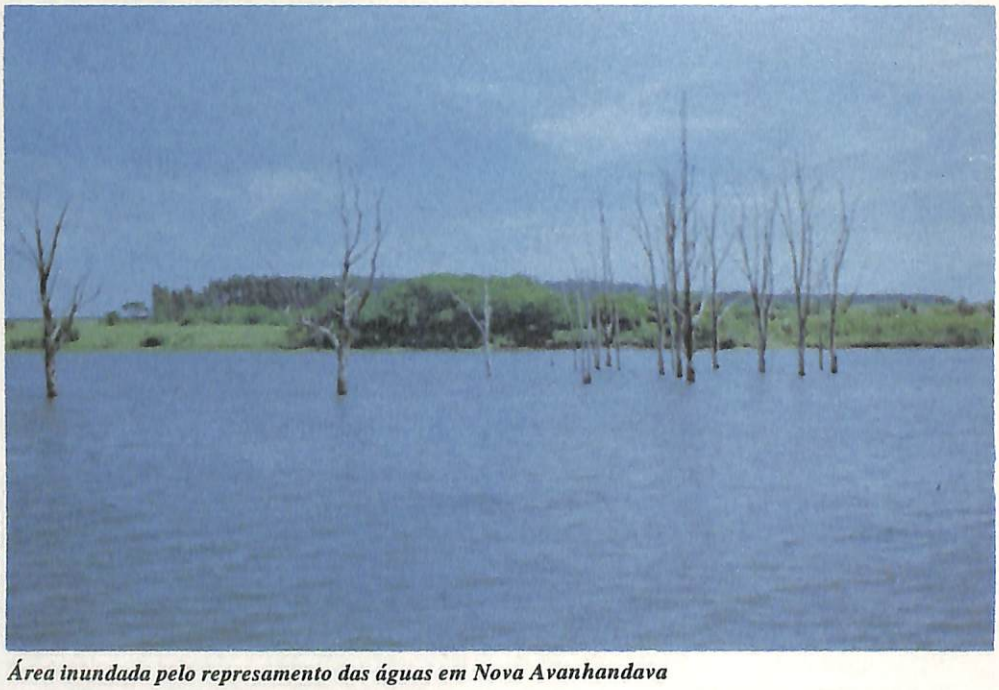


Foto: CTH Tietê-Paraná

Área inundada pelo represamento das águas em Nova Avanhandava

bracal), Argical, Minercal, Quimbrasil, Trevo, Fertical e Petrofértil.

A ligação hidro-ferroviária já está sendo prevista em bitola larga

Na intermodalidade, o melhor transporte complementar à navegação fluvial é o ferroviário, que também tem um custo baixo. A curto prazo, segundo dados da Cesp, a Hidrovia Tietê-Paraná será ligada à bitola larga da Fepasa (Ferrovias Paulistas S/A), em Pederneiras e Jaú. Quando se completarem os 18 quilômetros do ramal de Conchas, a região também estará conectada à bitola métrica da Fepasa. Com isso, a hidrovia vai alcançar São Paulo e Santos e estará ligada à Rede Ferroviária Federal S/A. Em Três Lagoas, ela se ligará à RFFSA e, em Santa Fé do Sul, à futura Ferronorte, ferrovia planejada pelo empresário Olacyr de Moraes, visando principalmente o transporte de soja. Em Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e Paraná, a ligação será feita por via rodoviária.

Usina — Muito antes do governo do Estado de São Paulo decidir investir no desenvolvimento através do Tietê, antigo caminho dos bandeirantes paulistas, um homem chamado Virgílio Franceschi profetizou a outros membros de sua família, proprietária da Usina de Açúcar e Álcool Diamante, em Jaú, que um dia ainda transportariam cana pelo rio. A profecia, feita na década de 40, acabou se cumprindo em 1980, ano em que foi implantado na indústria o projeto de navegação fluvial. Em 1991, com o crescimento do sistema, a empresa transportou 600 mil toneladas de cana-de-açúcar pelo rio. No ano passado, o volume foi um pouco menor, por causa de uma queda na produção total da usina, provocada pela falta de chuvas. Mas, ainda assim, chegou a 500 mil toneladas.

Antonio Franceschi Sobrinho, responsável pela navegação, conta que a indústria decidiu aproveitar o rio para movimentar sua produção depois de expandir as áreas de plantio, comprando fazendas em municípios onde o transporte rodoviário era muito oneroso. Aproveitando a localização da empresa, que fica próxima à mar- ▶

Está na hora de planejar a comercialização da sua safra.

SAFRAS & MERCADO

Garanta um ano de lucros na comercialização de seu produto.

Quando você faz uma assinatura de SAFRAS & Mercado, você está entrando num completo sistema de informações e análises de mercado.

Assine SAFRAS & Mercado o mercado na palma da mão e na ponta dos dedos

Preencha o cupom abaixo e remeta para Editora SAFRAS Ltda. Av. Otávio Rocha, 115 - 11º andar 90020 - Porto Alegre - RS

Se preferir, assine pelo telefone (0512) 24-7039 · P. Alegre

Cupom de Assinatura

(✓) - **SIM.** Quero receber a(s) publicação(ões) especializada(s) **SAFRAS & Mercado**, por um ano, que pagarei na forma indicada abaixo:

Publicação	Valor do Pagamento
SAFRAS & Mercado SOJA & Grãos (semanal)	Cr$ 4.348.750,
SAFRAS & Mercado MILHO (quinzenal)	Cr$ 2.573.750,
SAFRAS & Mercado ARROZ (quinzenal)	Cr$ 2.573.750,
SAFRAS & Mercado CARNES (quinzenal)	Cr$ 2.573.750,

☐ ANEXO CHEQUE NOMINAL A:
EDITORA SAFRAS LTDA.
Av. Otávio Rocha, 115/11º andar - CEP 90.020 - POA - RS

NOME: _____

EMPRESA: _____ CARGO: _____

ENDEREÇO: _____

CX. POSTAL: _____ CEP: _____

CIDADE: _____ UF: _____

CGC/CPF: _____

TELEFONE: _____ FAX: _____ TLX: _____

DATA: __/__/__ _____
ASSINATURA

gem do rio, e uma pequena baía, o Grupo Franceschi construiu um canal de 60 metros, que permite a entrada das barcaças até um terminal de descarregamento dentro da usina, onde grandes guindastes retiram a cana e a colocam diretamente dentro da moenda. "Pelo que temos conhecimento, somos pioneiros no mundo nesse sistema em que os barcos entram com a matéria-prima dentro da indústria, sem precisar de transbordo", assegura Franceschi Sobrinho.

Quando foi implantado o projeto de navegação fluvial, há 13 anos, a Diamante começou com seis barcaças ou "chatas" e dois empurradores. Hoje, a empresa opera com 18 chatas, 4 empurradores e 2 empurradores menores para o transporte de adubo. Para diminuir os custos, a usina passou a fabricar as próprias embarcações, além de fazer a manutenção e reparos, quando necessários. A cada quatro anos, todas as embarcações, sejam elas compradas de terceiros ou fabricadas na empresa, têm que passar por uma vistoria geral a seco e na água, feita pela Marinha.

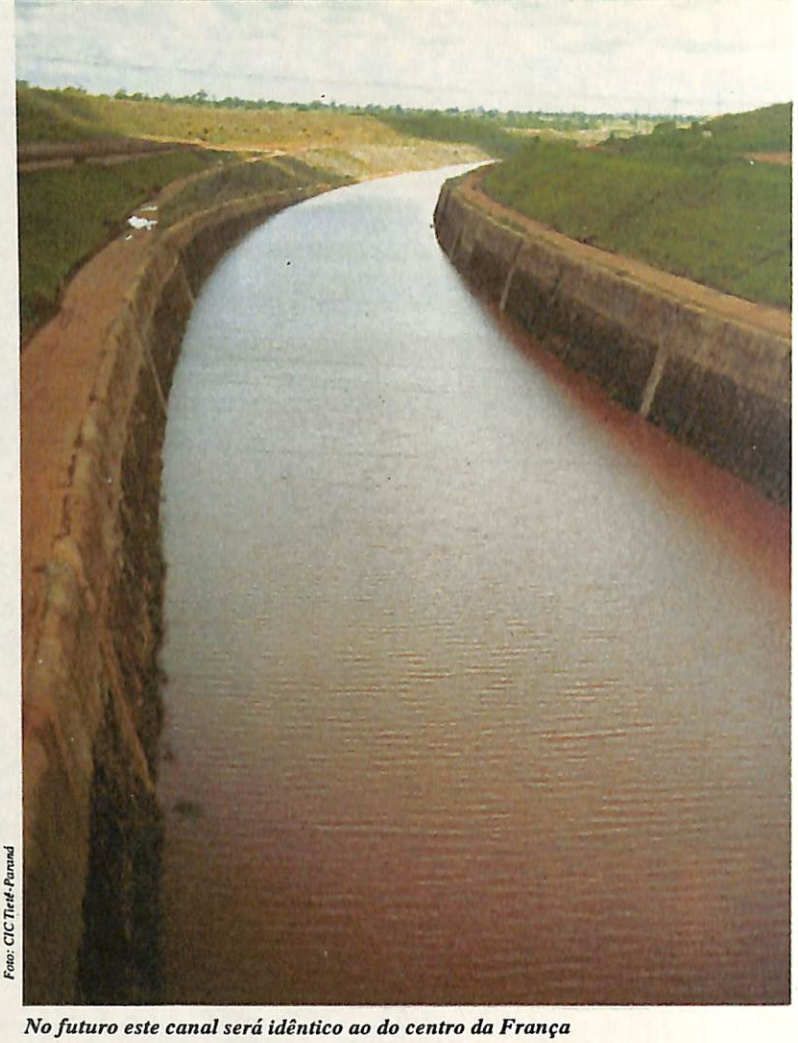


Foto: CIC Tietê-Paraná

No futuro este canal será idêntico ao do centro da França

Antonio Franceschi diz que a burocracia imposta pela Marinha muitas vezes atrapalha a vida dos empresários. "Algumas exigências, como a obrigatoriedade de bóias de luz em todos os rebocadores, são até boas", comenta. "Mas as vistorias chegam a ser exageradas", opina. Todo barco, depois de comprado ou fabricado precisa de uma vistoria, antes de ser lançado à água, além da vistoria geral à cada quatro anos. Toda vez que um barco é tirado da água para reparos, por mais de três dias, é preciso pedir autorização para levá-lo de volta ao rio. "E tudo isso tem que ser pago, e muitas vezes adiantado", declara.

Comboio de três chatas e um empurrador levam 1.200 toneladas de cana

Economia — O investimento com o transporte fluvial pode parecer caro, à primeira vista. O custo de um comboio do tipo Tietê é de aproximadamente US$ 2 milhões, mas a economia gerada pelo sistema é animadora. Cada chata, de 38m x 9m, tem capacidade para 400 toneladas de cana, com um custo cinco vezes menor que o transporte rodoviário. A Diamante trabalha com comboios de três chatas e um empurrador, o que permite levar até 1.200 toneladas de uma só vez, substituindo o trabalho de 76 caminhões. "Já temos um projeto para um comboio de quatro barcaças, com capacidade para 800 toneladas cada uma", adianta Franceschi Sobrinho. "O custo total, somado o preço do

15 anos
SERVIMED
SAÚDE LEVADA A SÉRIO

ATENDIMENTO
MÉDICO-ODONTOLÓGICO
AMBULATORIAL E HOSPITALAR
ÀS EMPRESAS E PARTICULARES.

FONE: 342-4242

empurrador, deve ser de US$ 5 milhões'', calcula.

As 18 chatas da usina trabalham dia e noite, navegando em quatro percursos, dos portos de Boracéia, Marambaia, Barreiro e Iacanga até a indústria. Os percursos de Boracéia e Marambaia até a Diamante têm cerca de 30 quilômetros e levam seis horas para serem navegados ida e volta. O trajeto mais distante é entre a usina e o terminal de Iacanga, de 75 quilômetros, que o comboio perfaz em 14 horas. ''A economia é bastante significativa, porque chegamos a puxar um terço de toda a produção que abastece as moendas da usina pelo Tietê'', acrescenta o empresário.

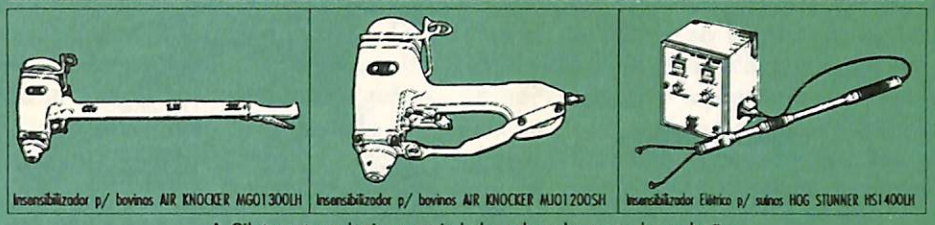
Satisfeitos com os resultados obtidos com a cana, os diretores do Grupo Franceschi pensam agora em investir no transporte de grãos produzidos em Goiás, construindo barcaças cobertas, apropriadas para esse fim. Para o futuro, o grupo admite até montar uma fábrica de extração de óleo de soja na barranca do rio. ''Temos também a intenção de transportar adubo, fertilizantes e combustível pela hidrovia'', afirma Ricardo Franceschi, diretor jurídico da empresa. ''Acreditamos na navegação fluvial como um grande fator de desenvolvimento e de redução de custos no transporte'', enfatiza. ▶

Foto: CIH Tiaraju

Parece recreio, mas é o controle de planctons no Lago de Promissão/SP

Quem tem problemas com o abate de suínos, agora já não terá mais: HOG STUNNER da Gil

Quem fabrica um dos melhores insensibilizadores para bovinos do mundo, decidiu fazer um insensibilizador definitivo para suínos.



Insensibilizador p/ bovinos AIR KNOCKER MG01300LH | Insensibilizador p/ bovinos AIR KNOCKER MJ01200SH | Insensibilizador Elétrico p/ suínos HOG STUNNER HS1400LH

A Gil tem tecnologia e seriedade sobrando para dar solução às suas necessidades em matéria de máquinas e equipamentos. Experimente!

FABRICAÇÃO E PROJETOS ESPECIAIS GIL FABRICAÇÃO E PROJETOS ESPECIAIS

AV BRASIL 192 TEL (016) 626 2800 FAX (016) 626 2098 TELEX 166 440 GIEQ BR 14 075-030 RIBEIRÃO PRETO SP

CATAVENTOS KENYA PARA ÁGUA E LUZ

Agora, fabricando também a Bomba Kenya para pequenas, médias e grandes profundidades

CATAVENTOS KENYA LTDA

ENCANTADO - RS - Rodovia RS 130 Km 14 Caixa Postal 111 End. Telegráfico Kenya Fone: (051) 751-1750 CEP 95960 Telex: 510115 Knya - Fac-Simile (55) 051 751-1471

ALAMBIQUES DE COBRE

·MOENDAS ·DORNAS ·TONÉIS

·MISTURADORES DE RAÇÃO

TREINAMENTO DE MÃO DE OBRA

INFORMAÇÕES:

CORREFRAN AGROPECUÁRIA LTDA.

CAIXA POSTAL 320 - CEP 13900 - AMPARO - SP

FONES: (0192) 70-6683 - 70-6729

CERCA ELETRÔNICA COM ALARME

SPECTRO

Vantagens

- Custo inferior a cerca convencional
- Vida útil superior a 20 anos
- Alarme contra roubo e mau funcionamento
- Eficiência superior pois cerca toda a fazenda, impedindo a entrada de pessoas estranhas, animais predadores e cerca ovelhas, cabras, cães, porcos, gado, cavalos, etc.

RGP Indústria Eletrônica Ltda.

Rua Marquês do Herval, 1562 CEP 95020

Fone: (054) 2218189 e 2212978 Fax: (054) 2212978 Caxias-RS

TELAS PARA AVIÁRIOS

KI-TELA INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE TELAS E ALAMBRADOS LTDA.

RODOVIA SP 95 - km 45 - Bairro do Martírio - 13.900 Amparo - SP - Fone: (0192) 70-5882 - Caixa Postal 262

SEMENTES FISCALIZADAS CRA

cra

FORRAGEIRAS • ADUBAÇÃO VERDE • CEREAIS • HORTALIÇAS • ANÁLISE DE SEMENTES

Consulte nossos preços especiais (051) 481 3377

CENTRAL RIOGRANDENSE DE AGROINSUMOS

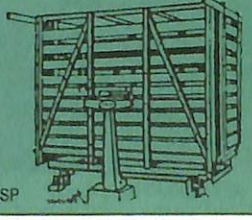
Estrada da Arrozeira, 90 - Cx. Postal 30 CEP 92990-000 - Eldorado do Sul - RS

BALANÇAS

QUALIDADE QUE PESA EXATO DESDE 1951

BALANÇAS: Bovinas, Suínas, Eqüinas, Rodoviárias e Industriais

Troncos (Bretes)

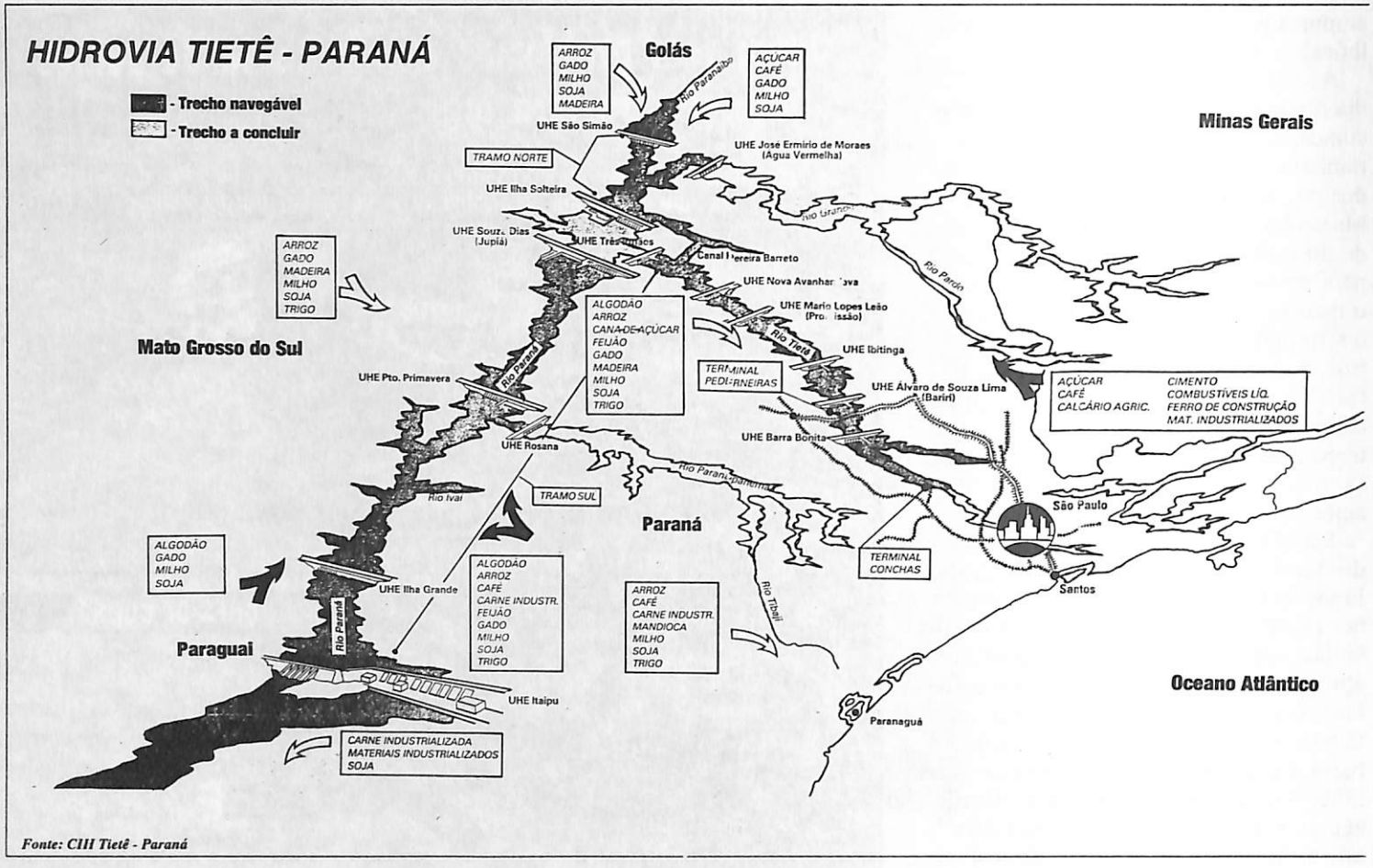


COIMMA

Rodovia Comandante João Ribeiro de Barros - km 646 (0188) 21-2555 Telex: 182637 - DRACENA/SP

PARA ANUNCIAR AQUI DISQUE PARA:

RIO GRANDE DO SUL E SANTA CATARINA	(051)233 1822
PARANÁ	(041)222 1766
SÃO PAULO	(011)220 0488
RIO DE JANEIRO	(021)256 8724
BRASILIA	(061)225 6448 e 225 5934



Fonte: CHI Tietê - Paraná

Com muito entusiasmo Franceschi afirma: "O futuro é aqui"

Turismo — Outro setor que despertou o interesse do Grupo Franceschi com a implantação da Hidrovia Tietê-Paraná foi o de turismo. A Usina Diamante já tem um projeto para a instalação de um moderno complexo turístico, com postos de serviço para abastecer os barcos, um restaurante, uma marina, um hotel ao lado da Rodovia SP 225, e de uma embarcação para o transporte de até 150 pessoas. O investimento para tudo isso é alto: algo em torno de US$ 10 milhões, "mas estamos empenhados em recrutar todo o tipo de financiamento e parcerias, para que possamos viabilizar o projeto rapidamente", comenta Ricardo Franceschi.

Outro projeto, já definido pelo grupo, é o da implantação de um complexo industrial hidroviário à beira do Tietê. Para isso, a usina destinou uma área de sua propriedade com 73 alqueires paulistas (1.766.600m²), para lotear às empresas que tiverem interesse em instalar suas unidades no município, e aproveitar os recursos do rio. "Os lotes variam de 2 a 5 mil metros quadrados, ou de acordo com as necessidades da empresa", explica Ricardo. Para esse projeto, a Diamante vai contar com o apoio da Cesp e da Fatec, através de um sistema de parceria. "Com a formação de técnicos especializados pela Fatec, há possibilidade de trazermos para cá outras indústrias que tenham interesse na navegação fluvial", arremata Franceschi. "O futuro está realmente aqui".

Foto: UD

Um empurrador da Usina Diamante em ação

Uma lei de ocupação e preservação do solo já está sendo elaborada

Anteprojeto de lei — A implantação definitiva da hidrovia vai incrementar também o desenvolvimento do turismo ao longo das margens dos dois rios. A região deve atrair um grande número de empresas do setor de serviços hoteleiros, navegação turística, clubes e marinas. Para que isso se torne realidade, o Consórcio Intermunicipal dos Vales Tietê-Paraná e o Centro de Estudos de Administração Municipal (Cepam) vêm trabalhando em um projeto que visa conciliar a idéia de desenvolvimento com a preservação ambiental. O primeiro passo está sendo a elaboração de um anteprojeto de lei de ocupação e uso do solo.

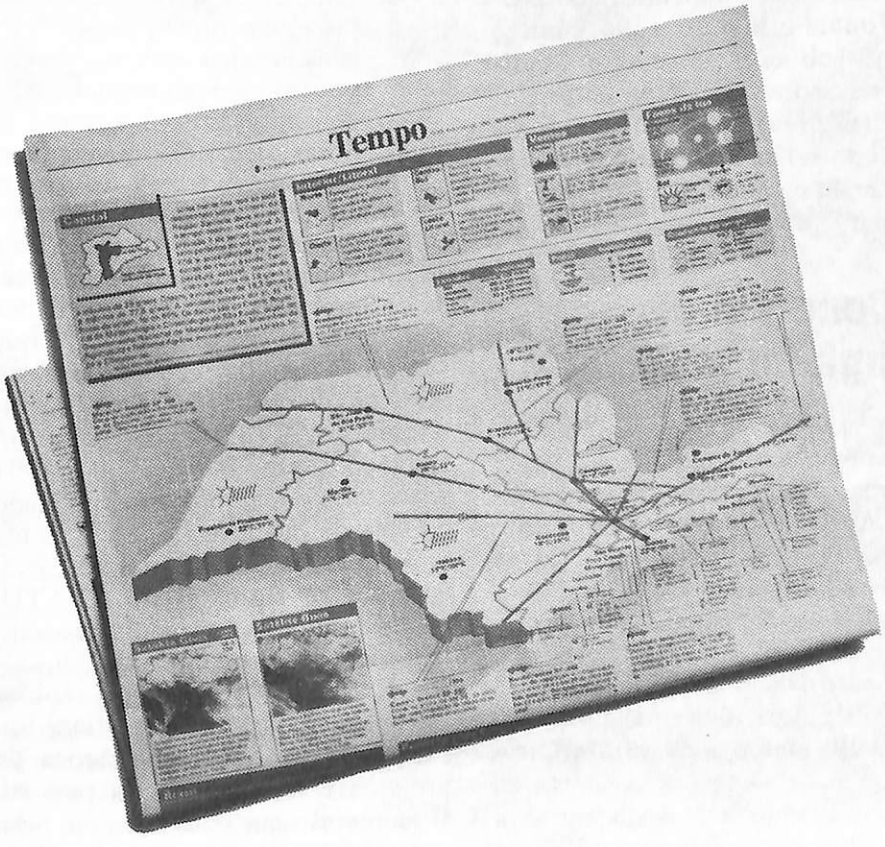
Por meio de imagens de satélite, a equipe técnica está levantando os problemas da região, e a vocação de cada município pertencente ao consórcio. Esse monitoramento vai permitir um mapeamento global dos maiores focos de poluição, das áreas ocupadas indevidamente e dos pontos de maior destruição da mata ciliar. "Com uma lei de uso e ocupação do solo, as prefeituras consorciadas terão embasamento para elaborarem seus planos diretores, chegando a um ordenamento territorial adequado para o progresso industrial e turístico", explica Sigefredo Griso, presidente do Consórcio.

Jaú está se tornando o maior centro brasileiro no ensino da navegação fluvial

Fatec — O município de Jaú deve ser, nos próximos anos, o maior centro de apoio técnico e tecnológico da Hidrovia Tietê-Paraná. Um convênio entre a Universidade de São Paulo (USP), Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), Universidade Estadual Paulista (Unesp), e a Universidade de Liège, da Bélgica, possibilitou a instalação da Faculdade de Tecnologia Fluvial na cidade, a Fatec de Jaú — a primeira escola de navegação fluvial do Brasil, e a quarta do mundo.

A Fatec oferece hoje dois cursos em áreas distintas: administração de empresas de transporte fluvial e construção de embarcações. A primeira turma da escola se forma em agosto de 1993 e, segundo Wagner Leite Ferreira, estará apta a prestar apoio técnico em todo o sistema hidroviário do País. "Estamos reunindo em Jaú o melhor corpo de professores de navegação fluvial do Brasil", garante.

A faculdade também está construindo um campo de provas, às margens do rio Tietê, onde serão testados modelos de embarcações em escala real. Além de servir para pesquisas e projetos de empresas que queiram desenvolver a navegação, o campo de provas poderá ser utilizado pela Marinha em perícias de embarcações, avaliação e laudos para terceiros, e pela própria Cesp. "Um campo como esse só existe na Alemanha", assegura Ferreira.



Leitura obrigatória para quem não tem Seguro Rural.

Se o tempo estiver bom, você não precisa se preocupar. Mas se o tempo fechar, é muito mais seguro fazer un Seguro Rural Cosesp.
O Seguro Rural Cosesp garante estabilidade no período do plantio até a colheita e você não tem um pingo de preocupação.
Você encontra a sua segurança nas inspetorias da Cosesp em todo o Estado de São Paulo.

cosesp Seguros
25 ANOS
É MUITO MAIS SEGURO
GOVERNO DE SÃO PAULO
CONSTRUINDO UM FUTURO MELHOR

PARTICIPE DO DESENVOLVIMENTO DE SÃO PAULO

Faça seu seguro aqui: Casas da Agricultura • Sindicatos Rurais • Cooperativas de Produtores Rurais • Nossa Caixa Nosso Banco • Banespa • Banco do Brasil.

Há três décadas em campo

Falta crédito da foto

Saraiva: preocupação em oferecer produtos de avançada tecnologia

A Massey Ferguson completou, recentemente, 30 anos de atuação ininterrupta na fabricação de tratores agrícolas no Brasil, evidenciando a forte presença da marca desde o início da mecanização. Responsável por mais da metade da frota em circulação em solo brasileiro, o desenvolvimento desses produtos, concebidos no País pela Iochpe-Maxion, caracterizam-se pela modernização tecnológica, aprimoramento da qualidade e melhoria da produtividade.

A unidade fabril está instalada numa área de 240 mil m2 em Canoas/RS, contando com 1.000 funcionários e uma capacidade instalada de 30 mil tratores/ano. A linha de tratores MF (de 50 a 130cv) é inteiramente produzida pela Divisão de Máquinas Agrícolas e Industriais da Iochpe-Maxion, e complementada pelos modelos Maxion em outras faixas de potência (150 a 160cv).

Segundo Paulo Saraiva, diretor-superintendente da Divisão de Máquinas Agrícolas e Industriais, esse reconhecimento se deve à permanente preocupação da empresa em oferecer produtos com alta tecnologia disponível, tais como a colheitadeira MF 6845; o trator autocarregável A-130 de uso florestal; a empilhadeira de pátio MX 3000 e, ainda, os diversos modelos de tratores das marcas Massey Ferguson e Maxion.

Venda histórica — As Usinas Costa Pinto e Santa Bárbara, de Piracicaba, propriedades de Celso e Rubens Silveira Mello, efetuaram há poucos dias a maior aquisição individual de tratores da última década junto ao grupo Iochpe-Maxion: 143 unidades das marcas Maxion e Massey Ferguson. A abertura de crédito do Finame Rural, com a intermediação financeira do Bradesco, garantiu a transação que movimentou US$ 4 milhões.

A intenção dos empresários é substituir a antiga frota por máquinas modernas e eficientes, que proporcionam elevado rendimento, mesmo sob as mais severas condições de uso. A distância entre Canoas (fábrica) e Piracicaba é de 1.500km, e será necessário um comboio de 40 caminhões para transportar a carga ao seu destino.

Cone Sul discute impacto ambiental

Um *workshop* internacional sobre "Recursos Naturais e Sustentabilidade Agrícola" é o tema do evento promovido pelo Procisur (Programa Cooperativo para el Desarrollo Tecnologico Agropecuario del Cono Sur) e pelo IICA, com organização do Centro Nacional de Pesquisa de Defesa da Agricultura, da Embrapa, de 29 de março a 2 de abril, em Campinas/SP. Entre os assuntos na pauta dos trabalhos destacam-se a conceituação da sustentabilidade agrícola, a situação atual das instituições nacionais e regionais frente a este novo conceito e os resultados concretos de estudos com este enfoque desenvolvidos nos países do Cone Sul.

O evento é aberto à participação de pesquisadores e técnicos de instituições, sejam oficiais ou não, e demais interessados na proposição de projetos de pesquisa conjuntos com os países do Cone Sul. A comissão organizadora informa que as inscrições estão abertas e o número de vagas é limitado a 100 participantes. Outras informações podem ser obtidas através do fone (0192) 97-1721.

Banco florestal

O Centro de Pesquisa Agroflorestal da Amazônia Oriental (CPATU), da Embrapa de Belém do Pará, acaba de implantar uma base de dados bibliográficos em disco laser, o que vai provocar uma redução em até 95% de determinadas revisões bibliográficas. O programa reúne informações que vão de 1939 a 1991 sobre tudo o que tem sido publicado na área de recursos florestais, conta o pesquisador José Natalino Silva, engenheiro florestal do CPATU. "Esse programa vai facilitar bastante a vida dos estudiosos da Amazônia. E a maior vantagem é a rapidez na obtenção das bibliografias, imprescindíveis nas formulações de projetos e atualização do pessoal. Uma revisão que demorava um mês, agora é feita em apenas um hora".

Soja: potássio evita cancro da haste

O Centro Nacional de Pesquisa de Soja (CNPSO) da Embrapa, de Londrina/PR, está fazendo um alerta sobre a carência de potássio na cultura de soja nos campos brasileiros, fato que poderá ocasionar o surgimento de inúmeros patógenos causadores de doenças, especialmente o *Diaporthe phaseolorum f. sp meridionalis*, agente responsável pelo cancro da haste. Tudo isso é conseqüência da falta absoluta de uma adubação adequada há alguns anos, ficando, assim, esgotadas e sem condições de fornecer nutrientes essenciais ao crescimento e desenvolvimento de plantas sadias.

O pesquisador Clóvis Manuel Borkert, do CNPSO, dispõe de dados que evidenciam a existência de uma relação entre a disponibilidade de nutrientes no solo e a incidência de doenças. Isto é, com os níveis de potássio e o aparecimento do cancro da haste encontrado atualmente desde Balsas, no Maranhão, até Pelotas, no Rio Grande do Sul. "Enquanto a pesquisa não conseguir variedades resistentes a essa enfermidade, os produtores devem procurar as técnicas e práticas que, se não evitam, pelo menos minimizam os efeitos de incidência. E entre estas alternativas está a nutrição do solo em potássio".

Testemunhos — Borkert é um especialista em adubação, e um de seus trabalhos de pesquisa — desenvolvido em três lavouras no Norte do Paraná — evidenciou que a disponibilidade de potássio está diretamente relacionada ao grau de infestação das plantas pelo cancro da haste. Em duas plantações havia alta incidência da doença, justamente onde a presença de potássio estava abaixo de 50-60ppm (partes por milhão) na camada arável. Por outro lado, a terceira área apresentou 82ppm, em média, o que impediu um ataque mais forte.

De acordo com o pesquisador, os solos deficientes não são capazes de fornecer alimentos indispensáveis às plantas, que acabam crescendo debilitadas e sem condições para resistir ao ataque de agentes patógenos. "É justamente isto que acontece nas diferentes regiões de soja do Brasil. Os produtores, há algum tempo, tentam baixar os custos de produção exatamente em itens que resultam em prejuízos, ao invés de economia".

Borkert recomenda que não se deve programar qualquer tipo de adubação para as lavouras sem que antes seja procedido uma criteriosa análise das condições de solo, bem como o histórico da área. Aqui estão incluídas informações das aplicações de calcário, adubo e produção alcançada em anos anteriores. As indicações quanto a colocação de potássio, por exemplo, devem levar em conta que sua disponibilidade precisa ser mantida acima de 60ppm e nunca próxima ao ponto crítico que é 40ppm. "A soja extrai muito potássio da terra e sempre há perdas deste elemento por lixiviação e erosão".

Prevenção — Como forma de manter os níveis de adubação, o pesquisador recomenda a colocação de 25kg de K2O por tonelada de grão produzido. Caso a disponibilidade de potássio esteja crítica — menor do que 40ppm — aí a saída é fazer uma correção de 80kg a 100kg de K2O, preferencialmente a lanço e incorporada ao solo, sem deixar de lado a de manutenção. "É fundamental a coleta de amostras de solo para análise, retirando-as de várias partes da lavoura, em pequenos talhões. Assim, o produtor faz uma adubação racionalizada, dando à terra apenas os produtos e doses que realmente ela necessita".

Foto: A Granja

Tâmaras brasileiras — O Laboratório de Cultura de Tecidos da Universidade Federal de Viçosa (UFV) obteve a primeira muda de tamareira no Brasil. A agrônoma Elisonete Ribeiro disse que os estudos foram iniciados em 1986, e a técnica empregada chama-se embriogênese somática, desenvolvida totalmente na UFV. Num primeiro passo da pesquisa, a planta será introduzida no norte de Minas Gerais, porém o alvo principal é a região Nordeste. A tamareira é altamente resistente à seca, se desenvolve em clima quente e seco, podendo suas raízes atingir uma profundidade de até seis metros no solo para captar água. O fruto é rico em açúcar, sais minerais e vitaminas e, além de poder se transformar em subsistência para o nordestino, tem excelente aceitação no mercado externo.

Gelbvieh busca espaço nacional

A Associação Brasileira dos Criadores de Gelbvieh recebeu, em dezembro passado, do Ministério da Agricultura e Reforma Agrária (Mara), os livros para registro genealógico dos animais da raça, ficando, desta forma, homologada e reconhecida. Neste curto espaço de tempo, a entidade já conta com 24 associados, dos quais 12 estão no Paraná, e o restante distribuídos entre Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, São Paulo e Santa Catarina. Em Goiás, Rio Grande do Sul entre outros estados existem criadores que, aposta a ABCG, em breve ingressarão na entidade.

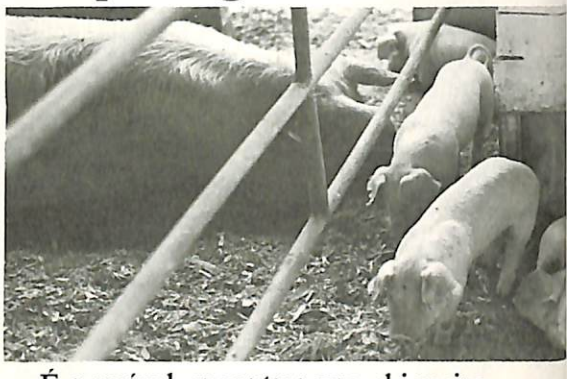
O Herd Book Collares tem confirmado o registro de 500 exemplares, informa Arnaldo Coelho do Amaral Filho, dirigente da ABCG. Segundo ele, há cerca de mais 300 registros a confirmar e outros 200 num curto espaço de tempo, fechando em 1.000 exemplares. Esse gado, de origem alemã, apresenta como aptidão principal a carne, no entanto, a produção de leite das vacas puras vai de 15 a 20 litros, enquanto as meio-sangue ficam de 12 a 15. O período de lactação é de 300 dias. Na Europa, a raça é selecionada e registrada desde 1810, onde tem periodicamente se destacado em todos os concursos.

Rusticidade — Para Arnaldo, os cruzamentos com gelbvieh apresentam excelentes resultados, exemplificando com os resultados oficiais do recente confinamento da Embrapa de São Carlos/SP. Os novilhos (gelbvieh-nelore) tratados à base de silagem de milho e sorgo, abatidos aos 20 meses, registraram um ganho de peso de 1,61kg/dia. "Como os ventres meio-sangue também apresentam uma bela produção leiteira, o desmame com o gado a campo é sempre superior aos 200kg, o que viabiliza a atividade".

Uma das principais metas da associação, explica o dirigente, é difundir a raça nacionalmente para que as virtudes do animal sejam conhecidas. "O grande trunfo do gelbvieh é ser rústico, adaptando-se bem em climas tropical ou subtropical. E como o gado é totalmente pigmentado na cor amarela, queremos atingir os grandes plantéis de bovinos de corte que estão no Mato Grosso e Goiás. Nas regiões mais frias, como Sul, o sucesso é garantido. É uma questão de tempo para ocorrer uma maior difusão, sendo uma opção natural como ocorreu com o nelore há 30 anos".

Uma oportunidade rara para quem quiser ingressar na raça será no próximo dia 18 de abril, no 4º Leilão em Londrina, oportunidade em que desfilarão em pista 20 lotes de animais PO, entre machos e fêmeas, bem como um lote de ventres meio sangue para iniciar os cruzamentos. Além da mostra paranaense estão confirmadas, também, no MS, MT, GO e SP. O criador que desejar obter outras informações sobre o gelbvieh pode ligar para (0432) 38-5276, em Londrina/PR.

Chiqueiro não, pocilga sim!



É possível encontrar um chiqueiro sem aquele cheiro característico do porco, que acaba impregnando até o tratador? A Intech Engenharia e a Nova Biotécnica, de Santa Catarina, acabam de lançar o "Bactostim", um produto líder de mercado na Europa e que promete revolucionar o manejo de rejeitos na suinocultura nacional. Trata-se, na verdade, de um processo biológico que evita a produção de liquame (mistura das fezes, urina, água e restos de alimentos) no criatório de suínos, proporcionando boas condições sanitárias aos animais.

A ação do produto biológico, que é "aspergido" sobre o piso, evita a emissão de amônia e de gás sulfídrico, causadores do odor desagradável. O aditivo, combinado com os dejetos de suínos, cama de maravalhas ou palhas, que pode ter uma espessura entre 40cm a 70cm, converte tudo em composto orgânico sem que haja qualquer produção do poluente liquame. O resultado, garantem os fabricantes, é um ambiente limpo e seco em benefício da qualidade e do aumento de produção resultantes de melhores condições de vida para o plantel. Além disso, tal manejo dá chance do porco "fuçar", ocasionando menos estresse e não há qualquer registro de canibalismo, sendo desnecessário o corte da cauda.

A acerola no Rio Grande do Sul

A localização geográfica do Rio Grande do Sul, abaixo do Trópico de Capricórnio, classifica o clima predominante do Estado como subtropical, com a presença de inverno frio, havendo a possibilidade de ocorrência de geada ou neve em alguns locais. Porém há uma intensa diversificação climática causada pela variação de altitude, latitude e relevo em algumas áreas de menor proporção, que distribuem-se desde o litoral até as fronteiras com o Uruguai e a Argentina.

Atualmente, o Rio Grande do Sul destaca-se principalmente na produção de maçã, pêssego, uva e outras frutas tipicamente de clima temperado. Contudo, a presença de microrregiões com verões quentes e invernos amenos, sem ocorrência de geadas severas, permite a produção não somente de frutas de clima temperado, mas também de espécies de clima subtropical, como os citros e o abacate, de grande importância para o Estado, e de espécies de clima tropical, incluindo-se o abacaxi, banana, goiaba, mamão, manga, maracujá e, atualmente, a acerola.

A acerola é uma fruta originária das Antilhas, América Central e norte e noroeste da América do Sul, com uma excelente adaptação e grande produção nas regiões brasileiras de clima tropical. No Nordeste do Brasil, a cultura da acerola vem se desenvolvendo rapidamente através da implantação de grandes pomares comerciais, com a finalidade de atender à enorme demanda do mercado brasileiro e, principalmente, para suprir o mercado externo, conhecedor há muitos anos do valor desta fruta na alimentação humana, devido à sua extraordinária riqueza em vitamina C, que varia entre 1g e 4g de ácido ascórbico para cada 100g.

A importância que a cultura está assumindo no cenário nacional e mundial motivou muitas empresas e produtores do sudeste e sul do Brasil a incentivar a sua produção, a exemplo do que ocorreu no nordeste. Atualmente, grande parte do mercado sulista consumidor de acerola está sendo abastecido por produções oriundas do Nordeste, principalmente da Bahia e Pernambuco.

Porém o cultivo da acerola no Sul do País, especificamente no Rio Grande do Sul, é muito limitado devido à ocorrência de geadas durante o inverno na maior parte do Estado. Deve-se ressaltar, no entanto, que em grandes áreas do litoral norte e no vale do médio Uruguai, como também no vale de outros rios, o cultivo pode ser realizado, uma vez que a planta perde as folhas durante os períodos mais frios do ano e não sofre grandes danos quando adulta, sendo, todavia, muito sensível às geadas durante o inverno, quando a muda ainda é muito pequena.

Foto: Ivo Mânica

Pé de acerola com estacas tutoras de crescimento

Foto: Ivo Mânica

Frutos bem conformados da acerola produzida no sul do Brasil

Com o aumento da temperatura na primavera (outubro-novembro) ocorre o primeiro florescimento, geralmente de pequena expressão e, após cerca de 21 a 25 dias do florescimento, os frutos estão maduros, caracterizando a primeira colheita.

Durante o verão, a planta tem apresentado, no Rio Grande do Sul, de um a dois novos picos de floração bastante intensa, permitindo uma grande quantidade de frutos colhidos, e de excelente qualidade.

No início do outono (março-abril), uma última floração, de menor significação, pode ocorrer. Porém, com o decréscimo da temperatura, verificou-se em Viamão uma grande queda de frutos em desenvolvimento, intensificada pela ocorrência de chuvas e ventos fortes.

Durante o outono e inverno, quando a temperatura média diária encontra-se abaixo de aproximadamente 18°, a planta cessa o florescimento.

Pelas observações realizadas em Viamão, o período de produção de frutos estendeu-se de novembro a março, com três a quatro florações, sendo que maiores quantidades foram colhidas durante os meses de janeiro e fevereiro.

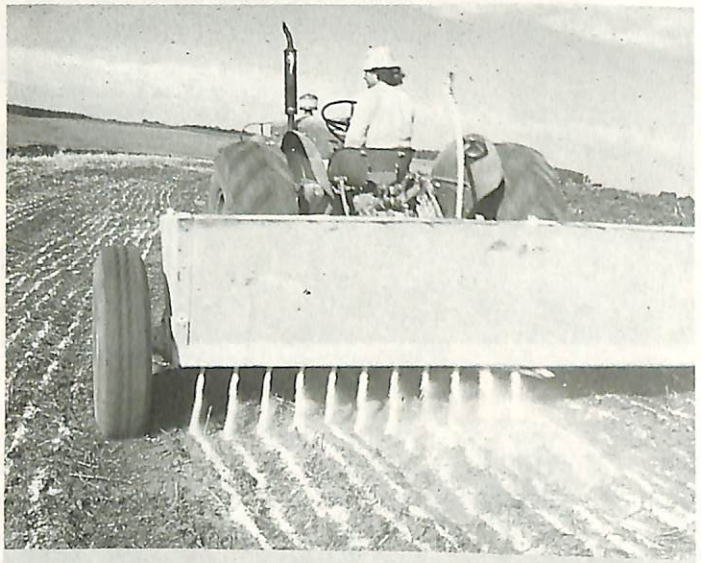
Além de seu plantio em microclimas com ausência ou pequena ocorrência de geadas leves, para uma grande produção de frutos, e de boa qualidade, a cultura da acerola necessita de adubação regular na planta, de água disponível no solo através da irrigação no período de seca, especialmente durante a primavera e verão, controle das plantas daninhas, das pragas, principalmente percevejos, pulgões e cochonilhas, de doenças, como a ocorrência de pontuações claras nas folhas, que chegam até a perfurar o limbo foliar, possível sintoma de antracnose.

A aquisição de mudas de primeira qualidade, provenientes de propagação vegetativa (estaquia ou enxertia), livres de doenças e pragas que são transmitidas por uma muda de condição inferior, a qual não teve um controle de produção, é uma regra básica para o sucesso com o cultivo da acerola.

Insumos para a soja devem ter novo estímulo em 1993

Um dos principais indicadores da saúde financeira da agricultura é a relação de preços entre um determinado produto e seus insumos, o que denominamos de relações de troca. O raciocínio das relações de troca na agricultura é exatamente o raciocínio do produtor, ou seja, com quantas sacas do produto pode ser adquirido determinado insumo. É nesse fluxo de informações que normalmente os produtores se baseiam para determinar as suas vendas e, principalmente suas compras de insumos, sejam de natureza química ou mecânica, ou mesmo qualquer outro tipo de produto. Através de uma análise histórica, percebeu-se que as melhores relações, ou seja, as mais favoráveis aos produtores de soja, são alcançadas durante os meses de entressafra (setembro até janeiro).

No lado oposto, temos as piores relações de preços para os produtores de soja entre março e junho, justamente o período onde se concentra o pico da comercialização, como ocorre em abril. O ano de 1992 foi considerado de recuperação para o setor soja e seus resultados em termos de relação de troca tiveram o perfil médio histórico, ou seja: utilizando um trator 61 HP como referência, tivemos a pior relação de preços acontecendo em abril, quando um trator chegou a custar 3,31 mil sacas de soja, contra a mais favorável ao produtor de soja, frente ao trator, em setembro, quando se atingiu apenas 2,37 mil sacas. O fato é que em 1992 houve uma recuperação de preços na soja e a comercialização foi bastante positiva, com a conseqüente capitalização dos produtores, principalmente em relação aos fracos desempenhos dos três anos anteriores, reativando, ao menos em parte, o consumo de insumos industriais.



Fotos: A Granja

Em dezembro, por exemplo, uma colheitadeira de 125 HP chegou a custar 4,68 mil sacas de soja, contra 6,99 mil sacas em abril do ano passado.

Sabemos que é grande a dificuldade com que os preços dos produtos agrícolas evoluem em relação aos seus insumos. Essa, aliás, é uma tendência histórica, da perda de poder de compra do setor primário em relação ao setor secundário. Neste caso, a explicação pode ser buscada na própria teoria do valor, ao afirmar que valor corresponde ao trabalho executado para produzir determinado produto. Como o trabalho aplicado ao setor industrial tende a ser maior e de maior especialidade, do que no caso do setor agrícola, agrega-se proporcionalmente mais valor no setor secundário e, gradativamente, a agricultura vai perdendo em suas relações de troca.

Um cenário para 1993 — Em princípio, teremos um ano de safra cheia na soja e, conseqüentemente, de pressão nos preços internos, que já começou a ser sentida a partir de fevereiro. Ao mesmo tempo, há um cenário positivo pelo lado da demanda externa, o que pode contrabalançar um pouco o lado negativo que uma grande produção exercerá sobre as cotações. Com isso, as melhores relações de troca para os produtores devem ser conseguidas novamente no final do ano, entre setembro e janeiro de 1994, acompanhando a evolução média desses últimos anos. A menos que surjam fatos novos no contexto mundial e mesmo nacional, os preços da soja estarão pouco competitivos entre os meses de março e junho deste ano.

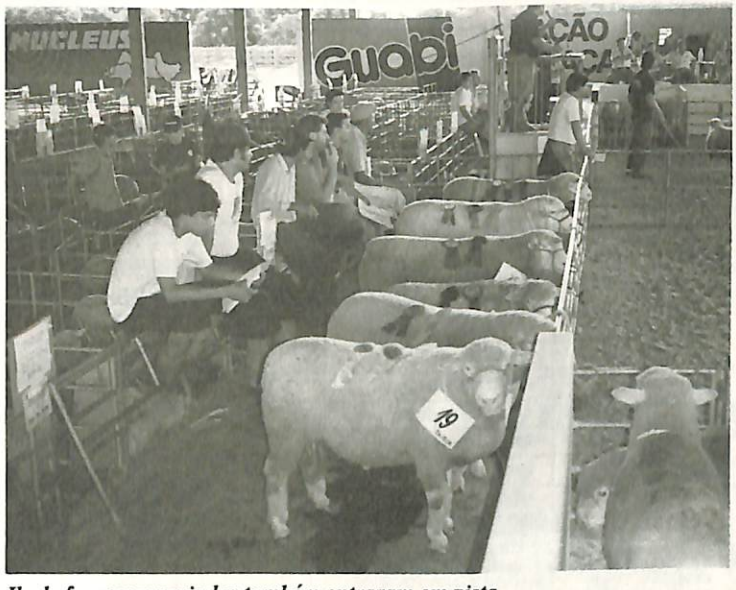
Silmar C. Müller

Ovinos-carne movimentam verão

A VI Exposição Feira Nacional de Ovinos Suffolk, realizada de 2 a 4 de fevereiro, em Esteio/RS, consagrou-se como a maior mostra especializada da América Latina. Cerca de mil animais foram inscritos, dos quais 212 para julgamento e o restante a leilão. A comercialização atingiu 95% da oferta e resultou num faturamento de Cr$ 666 milhões. O maior preço ficou para o cordeiro "PP Yapo" do criador Cláudio Henrique Kugler, de Castro/PR, que recebeu Cr$ 20 milhões do gaúcho Marcos Leite Corrêa, de Bagé.

O presidente da Associação Brasileira de Criadores de Ovinos Suffolk, Flávio da Cunha, considerou a mostra um grande sucesso, desde as inscrições que superaram todas as expectativas até a venda total dos machos pedigrees e rústicos. A pequena exceção foram as fêmeas pedigrees, isto é, os 5% que faltaram para fechar os 100% do total negociado. Duas empresas leiloeiras atuaram na feira, cabendo a Knorr Remates a soma de Cr$ 272 milhões, enquanto a Trajano Silva arrecadou Cr$ 394 milhões.

Ile de france — A Associação Brasileira de Criadores de Ile de France também promoveu a sua exposição nacional, em sua décima edição, de 10 a 12 de fevereiro, em Esteio e com os mesmos leiloeiros. Ao todo foram vendidos 69 animais, que somaram Cr$ 225 milhões.



Ile de france: premiados também entraram em pista

Cruza marchigiana-nelore vende bem

Uma oferta de fêmeas para recria, com idades entre oito e 15 meses, foram o destaque de uma série de leilões de gado de corte no último dia 4 de fevereiro, em Cornélio Procópio, no norte do Paraná. No total, foram vendidas 224 novilhas que obtiveram valores firmes para cruzados, com a oferta de 123 nelores, 70 marchigiana-nelore, dez charolês-nelore e 21 cruzas diversas. A média geral por cabeça ficou em Cr$ 1,9 milhão (US$ 120,37) e totalizou US$ 26.962,13.

As cruzas marchigiana-nelore, com sete a nove meses de idade, foram as mais valorizadas, alcançando a cotação média de US$ 148,56. Já as novilhas charolês-nelore (oito a dez meses) fizeram a média de US$ 110,67, um pouco abaixo do preço dos ventres de outras raças, porém de mais idade (12 a 14 meses), com US$ 112,96 por animal, e os ventres nelore (dez a 14 meses) US$ 106,37. Os negócios foram acertados para pagamento à vista, em dez, 15 e 20 dias, sob a responsabilidade da Programa Remates.

Paraná — A Associação Brasileira dos Criadores de Marchigiana está alertando os criadores que no início de abril acontecerá a exposição agropecuária de Londrina/PR. Essa praça sempre deu um destaque especial à raça por se concentrar neste estado um dos mais fortes e apurados núcleos de seleção, bem como pela qualidade, atestam os dirigentes da entidade.

Aculeo Veguero em oferta

Ventura liquida plantel vitorioso

No curto espaço de seis anos, o criador de cavalos crioulo Flávio Ventura arrecadou nada menos do que 484 premiações (40 grandes campeonatos e 11 classificações ao Freio de Ouro) resultante da participação em 36 exposições. E, esse plantel vitorioso, será liquidado no próximo dia 20 de março, em Porto Alegre, no Hotel Plaza São Rafael. Em pista, desfilarão animais da categoria de *Aculeo Tapaboca, Aculeo Veguero, Carulo Campita, Guampa Tarrudo, Ventura Resuelta, Aculeo Tranca* e muito mais. A oferta é para crioulista nenhum botar areia, pois há linhagens para todos os gostos. O leiloeiro Marcelo Silva vai comandar o espetáculo, cujas aquisições poderão ser acertadas em até 36 meses e a correção a escolha do comprador: TR, quilo de boi, dólar comercial ou turismo, saca de arroz, soja ou trigo, óleo diesel ou ainda IGPM.

ESCOLHA SEU TRATOR

	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO
AGRALE	4300	HSE 24 ST		293.844.054
	4300	HSE 24		306.044.954
	4100	HSE 24 ST		162.099.528
AGRALE/DEUTZ	BX-60			528.326.745
	BX-4.60			678.183.702
	BX-90			679.558.451
	BX-4.90			897.693.755
	BX.100			814.970.783
	BX-4.110			1.038.576.152
	BX-130			901.669.179
	BX-4.130			1.182.593.839
CASE	580H AX			1.061.992.000
	W 18			1.507.615.000
	W 20B			1.683.605.000
	W 36D			3.057.391.000
	80 CR			SOB CONSULTA
	80 P			SOB CONSULTA
CATERPILLAR				
	D4E-SR			784.274.498
	D6D-SR			1.524.098.879
	D5E			901.776.141
CBT	8240			582.287.732
	8440			597.854.521
	2105	TMM/STD		697.327.029
	8060	4x4		923.503.087
	8450	4x4		963.221.875
	8060			847.138.531
	8260	4x4		950.284.683
	8240	CC		715.332.261
	8440	CC		731.964.811
	2105	CC		741.025.635
ENGESA	1128-CF			1.936.184.821
	1428-CF			2.112.564.989
	923-CF			1.815.131.234
	815-CA			1.252.320.835
FORD	4610		14.9/13x28	478.349.768
	5610		16.9/14x30	536.460.554
	5610	4x4	18.4/15x30	755.108.488
	6610		13.6/12x38	607.623.813
	6610	4x4	18.4/15x34	794.867.125
	7610		18.4/15x34	731.195.159
	7610	4x4	18.4/15x34	924.226.630
	7810	4x4	18.4/15x34	1.064.694.838
FIATALLIS	7D			2.424.235.850
	FD9C0			3.336.056.751
	FD9E0			3.324.996.078
	FA120			3.461.540.699
	14CTC0			4.505.163.984
	14CTE0			4.454.529.619

	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO
KOMATSU	D30E			1.840.548.911
	D50A			2.489.741.034
	D60E			3.897.771.716
	D60F			4.143.387.994
	D65E			4.068.843.790
	D73E			4.563.158.351
MAXION	MF 235			430.474.152
	MF 235 E			416.618.448
	MF 265			533.314.565
	MF 265 E			518.493.293
	MF 265/4			719.696.239
	MF 275			626.673.757
	MF 275/4			779..121.063
	MF 272 E			596.714.573
	MF 290			733.986.180
	MF 290/4			911.641.138
	MF 290RA			713.711.922
	M 290 MS			603.265.682
	MF 292			784.345.133
	MF 292/4			966.955.954
	MF 297			869.996.514
	MF 297/4			1.042.592.747
	MF 299			980.828.334
	MF 299/4			1.225.430.598
	MX 9150			1.449.647.379
	MX 9170			1.575.354.115
MÜLLER	TM 12	c/teto solar simples		1.316.591.448
	TM 12	c/teto solar duplo		1.386.931.521
	TM 14	c/teto solar simples		1.465.244.823
	TM 14	c/teto solar duplo		1.597.030.513
	TM 17	c/teto solar simples		1.795.301.050
	TM 17	c/teto solar duplo		1.891.358.075
	TM 25	c/teto solar duplo		2.087.688.457
	TM 25	cabine/duplo		2.165.641.655
	TM 31	c/teto solar duplo		2.842.089.435
	TM 31	cabine/duplo		2.948.185.875
SANTA MATILDE				
	SM 370	C		740.002.230
	SM 400	CR		444.828.510
	SM 500	CR		451.404.900
VALMET	685	4		559.013.156
	685	4F		683.631.754
	785	4		860.752.352
	785	4F		782.803.842
	885	MILT		762.718.569
	885	PCR		571.526.265.
	885	4x4 MULT		977.431.299
	985	4x2 MULT		865.809.950
	985	4x4		1.127.302.172
	1180	4x4 MULT		1.273.300.965
	1280	4x2		960.198.397
	1280	4x4		1.299.422.448
	1580	4x4		1.611.583.888
	1780	4x4		1.806.173.687
YANMAR	TC 11			165.706.027
	1040 STD			388.043.849
	1050 STD			504.457.003

ESCOLHA SUA COLHEDEIRA

	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO
IDEAL	9075	grão		1.557.481.979
	9075	arrozeira		1.529.226.320
	9070	grão turbo		1.643.308.144
LAVRALE	L 300	arrozeira/direto		727.785.000
	L 300	p/cereais		738.328.000
	L 300	p/milho		827.113.000
LEILA	LEILA 2	esteira		375.000.000
	LEILA 2	roda		344.000.000
	LEILA 1	esteira		331.500.000
	LEILA 1	roda		306.000.000
MASSEY FERGUSON	3640	arrozeira		1.302.755.435
	5650	grão		1.277.998.875
	5650	arrozeira		1.352.764.806
	5650	grão turbo		1.458.022.895
	5650	arroz turbo		1.423.540.465
	MX 90	grãos		1.545.054.390
	MX 90	grãos turbo		1.609.649.744
	MX 90	arrozeiro		1.554.137.094
	MX 90	arrozeiro turbo		1.618.215.144

OBSERVAÇÕES:

1) Os preços são posto-fábrica, fornecidos em fevereiro
2) Preços para as regiões Sul e Sudeste
3) Não confirmaram preços: Caterpillar e Engesa

	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO
NEW HOLAND	8040	arroz irrigado		1.113.836.742
	8040	trigo e soja		1.145.914.258
	8040	arroz sequeiro		1.128.803.184
	8055	arroz irrigado		1.244.421.056
	8055	trigo e soja		1.299.562.427
	8055	arroz sequeiro		1.287.769.710
SANTA MATILDE				
	5105			768.893.634
	1200			721.606.958
SLC	6200	versão básica (S/PC)		785.314.431
	6200 turbo	c/motor turbo (S/PC)		860.940.786
	6200 H/4	transmissão hydro (S/PC)		939.083.334
	6200 H/4 T	turbo hidrostático (S/PC)		1.014.709.696
	6200	versão arrozeira (S/PC)		816.723.379
	6200 turbo	c/motor turbo (S/PC)		892.348.648
	6200 H/4	transmissão hydro (S/PC)		970.492.263
	6200 H/4 T	turbo hydro (S/PC)		1.046.118.621
	Série 200	plataformas		
	PC 213	corte 13 pés rígida		168.327.479
	PC 216	corte 16 pés rígida		170.095.527
	PC 273	corte 13 pés flexível		177.613.099
	PC 216	corte 16 pés flexível		179.678.508
		controle aut. p/flexível		31.415.079
	PM 3209	p/milho 3 linhas regul.		216.781.700
	PM 4209	p/milho 4 linhas regul.		294.832.924
	CE 6200	conjunto de esteiras 6R		344.846.026

PARA QUE BUSCAR LÁ FORA SE O MELHOR ESTÁ TÃO PERTO ?

Em diversos países do mundo, os SUPERTRATORES MÜLLER são aprovados por sua tecnologia e eficiência. Felizmente, você não vai precisar importar um MÜLLER. Consulte um dos nossos Distribuidores e escolha o modelo ideal para vencer seus desafios:

- Potência de 150 à 310 HP
- Tração 4x4 igual nos 2 eixos
- Rodado simples ou duplo
- Chassi articulado e oscilante

(*) A máquina apresenta alguns itens opcionais.

MÜLLER

MÜLLER S/A
(021) 390-7650

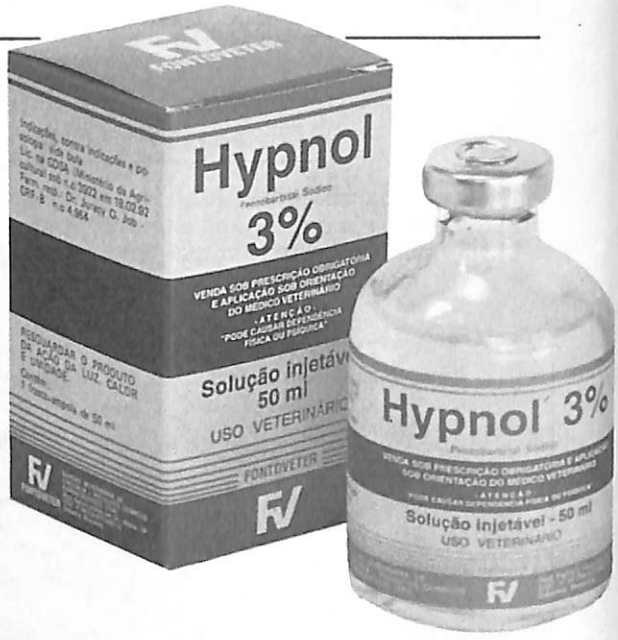
Adquira um MÜLLER e orgulhe-se de ter um Trator de qualidade internacional.

NOVIDADES NO MERCADO

Segadeiras adaptadas

Os engenheiros agrônomos Carlos e Ademir Honda lançaram no mercado uma adaptação para segadeiras de disco, em especial da marca Lavrale. Ela tem por finalidade esparramar a alfafa ou o capim, junto com a operação de corte, deixando a forragem cortada e distribuída de maneira uniforme sobre o solo, facilitando a secagem rápida. A desidratação acelerada de qualquer forrageira diminui as perdas do valor nutritivo. O objetivo de incrementar o processo de secagem, explica os Honda, é o de restringir os fatores capazes de provocar perdas e evitar os riscos de ocorrência de chuvas durante a secagem. **Itapuã Comércio e Representações de Produtos de Alfafa Ltda, BR 369, caixa postal 277, fone - fax (0437) 32-2080, CEP 86390.000, Cambará/PR.**

Anestésico & antiinfeccioso



Indicado como medicação pré-anestésica, anestésica em procedimentos cirúrgicos de moderada duração e como sedativo nos casos que requeiram o uso de barbitúricos, o Hypnol 3% é uma solução injetável apresentada num frasco-ampola contendo 50ml. As doses anestésicas recomendadas situam-se entre 15 a 30mg/kg de peso corpóreo, e o ajuste da dose varia de animal para animal, requerendo conhecimento dos reflexos por parte de quem administra o produto. E como sedativo são indicadas doses de 6 ou 8mg/kg de peso corporal. Em animais idosos gestantes e anêmicos a dose deve ser adequada e reduzida. Por outro lado, o Fontobiótico é uma associação antiinfecciosa polivalente, para animais de pequeno porte ou de tamanho normal, recomendado para infecções provocadas por germes sensíveis à penicilina, à estreptomicina ou ambos os antibióticos, bem como profilático das infecções secundárias nas intervenções cirúrgicas. A embalagem contém 25 frascos-ampola e diluentes. **Produtos Fontoveter, Praça Professor Resende Puech, 136, fone (011) 212-4544, CEP 05444-070, São Paulo/SP.**

Novo visual para pick-ups

Com modelos exclusivos em fiberglass, as capotas Logan's apresentam como características técnicas a peça em monobloco de fácil remoção, material não-corrosivo e resistente a impactos, tampa com fechaduras e amortecedores de dupla ação, aberturas laterais corrediças e basculantes, entre outros itens. O fabricante garante que são resistentes, aerodinâmicas e funcionais, estando em perfeita harmonia com um conjunto espaçoso e seguro, dentro da mais avançada tecnologia. Além disso, passam por um criterioso controle de qualidade, proporcionando segurança e proteção à pick-up. **Capotas Logan's do Brasil, Indústria e Comércio Ltda, Rua do Rosário, 220, bairro Medianeira, fone (054) 225-1770, CEP 95010-250, Caxias do Sul/RS.**

Medicamento baixa custos

O Oxiritard é um antibiótico de ação prolongada, à base de oxitetraciclina, que a Purina trouxe da Itália, onde é produzido pelo tradicional laboratório *Azienda Farmaceutica Italiana*. Com apenas uma aplicação, garante o importador, se consegue o tratamento completo das infecções em bovinos, ovinos e suínos. Assim, são reduzidos os custos com mão-de-obra e emprego de diferentes produtos, amenizando o estresse do animal e, ao mesmo tempo, proporcionando aos criadores uma substancial economia e praticidade na aplicação. **Purina Nutrimentos Ltda, Av. Nações Unidas, 13797, 18º andar,bloco III, caixa postal 22.591, cep 04794, fone (011) 531-7755, fax 542-1747, São Paulo/SP.**

Praticidade à mesa

O "Frango Classy Seara" é o mais recente lançamento da Ceval na área de carnes, sendo inicialmente comercializado na Grande São Paulo, Campinas e Rio de Janeiro, passando, em seguida, para o resto do País. O produto é diferenciado dos demais devido a três características: praticidade (já vem temperado, e os miúdos embalados separadamente e acondicionados no seu interior); saudabilidade (no preparo são empregados temperos naturais); e peso (entre dois a três quilos, dotados de peito e coxas mais carnudos). O frango, aposta a indústria, foi desenvolvido com a finalidade de atender às exigências do consumidor moderno, cada vez mais inclinado por alimentos práticos, saudáveis e com apresentação sofisticada. Ele vem acondicionado numa embalagem branca, leitosa, com detalhes em dourado e vermelho. O preço para varejo é 10% superior aos frangos tradicionais. **Ceval Alimentos, Rodovia Jorge Lacerda, Km 20, caixa postal 45, fone (0473) 32-0211, fax 31-2005, Gaspar/SC.**

Novos modelos de utilitários

O homem do campo e microempresário ganharam novas opções de compra em utilitários. É que a Kia Motors acaba de instalar sua primeira montadora em Manaus/AM e já está comercializando a perua e furgão Besta, a pick-up Ceres (versões 4x2 e 4x4 com opção para basculante) e o caminhão K 3500 S, com tecnologia de primeiro mundo e preços competitivos. E para que o público possa conhecer os veículos e sentir o desempenho no trabalho diário, o fabricante sugere a realização de um test-drive no campo, enfrentando as condições que esse ambiente oferece. **Kia Motors do Brasil Ltda, Av. Adilson Rodrigues, 77, fone (011) 732-4000, CEP 13.211-570, Jundiaí/SP.**

Produtor descobre *lobby* político

Norton Dorneles de Castro, presidente do Sindicato Rural de Alegrete, agropecuarista e economista

O Novo Ruralismo é um movimento contemporâneo de ligação política, mas sem ideologias, numa nova forma de organização social que busca os seus legítimos interesses. O campo, através das lideranças conservadoras, infelizmente, perdeu tempo, espaço, identidade e a força política de um setor que é hegemônico em toda zona sul do Estado, caso do boi e arroz. Nessa fatia, em termos de agribusiness, está representado algo em torno de 90%. A prática de *lobby* é democrática. Então, quando assumimos a defesa de uma forma de corporativismo, precisamos fazer um trabalho de relações públicas com a sociedade.

Em primeiro lugar, tentaremos organizar a classe em torno de objetivos comuns. Em seguida, mostrar às pessoas que estamos num mesmo barco. O interesse da lavoura de arroz ou da pecuária de Alegrete, por exemplo, é extremamente vinculado à comunidade local. Assim, desejamos retomar o espaço político que nos pertence.

O Novo Ruralismo é espontâneo, não tem chefe ou sequer sede. Em Rosário do Sul, surgiu há mais tempo, e atualmente há ligações em São Francisco de Assis, Dom Pedrito e Bagé. Na verdade, somos empresários que assumiram as funções de representar os anseios da categoria rural e, nessa ótica, conduzir de forma diferente os destinos dos sindicatos.

Basicamente desejamos incrementar a produção e produtividade. Para tanto, enxergamos dois caminhos para elevar a renda agrícola no Estado: o primeiro é o emprego de tecnologias melhores que incrementem a produção. No caso do arroz nem tanto quanto à produtividade, mas sim buscar a redução de custos e barganha política junto ao governo estadual em relação à tributação. A modernização dos canais de comercialização de todos os produtos para a bolsa, depois o mercado de futuros e, mais tarde, o especulativo; e em segundo, na pecuária, com apenas duas ou três práticas extremamente simples é possível duplicar a produtividade de carne gaúcha.

Existe, ainda, em nosso segmento, aquilo que Max Weber chama de uma economia tradicional, ou seja, quando o meio de vida se confunde com o modo de vida. Um exemplo típico é a pecuária tradicional, onde o meio de vida não é racional e se confunde com o modo de vida tradicional. A visão empresarial incita ao racionalismo voltado à produtividade, ao lucro e à eficiência. Essa é a diferença básica de nossa mentalidade para a conservadora, que ficou assim não por atavismo ou atraso da classe, mas em virtude de políticas governamentais.

A pecuária tradicional é produto da intervenção desastrosa que o Estado fez durante um século sobre ela. Exagerando nos tributos e mantendo políticas anticíclicas errôneas. A criação de bovinos vive de ciclos bons e ruins. O setor se modernizou elevando o custo variável por unidade de animal, então agregado à fazenda. Esse fator não permitiu que ela sobrevivesse aos maus momentos, levando à predominância do modelo tradicional extensivo e à eliminação das práticas modernas.

Desenvolvemos um programa de pecuária intensiva sem custos variáveis, num esquema de engenharia econômica, antes de ser agronômica, procurando o lado profissional. Até pela minha formação, investiguei por que o método tradicional era o dominante, já que em minha região existia tanto fracasso na pecuária com idênticos padrões de produção do início do século. Naquela época, o Marechal Deodoro da Fonseca fez o censo econômico da República e constatou em 11% o desfrute na pecuária, idêntico ao atual. E por que isso? Basicamente em função da intervenção desastrosa do Estado.

É fundamental realinhar a atuação oficial na produção de alimentos, superando um processo que vem desde 1914, da substituição de importações, onde a agropecuária pagou a conta da instalação industrial dentro do Brasil. Tal processo já caducou. Aquela fábrica incompetente deve fechar. Não podemos continuar por mais 70 ou 80 anos sustentando o ineficiente. Hoje com o arroz acontece um absurdo, onde somos obrigados a comprar os badulaques da indústria nacional, caros, ineficientes e arcaicos tecnologicamente, sofrendo a concorrência de Uruguai e Argentina, com menos tributação e acesso a equipamentos modernos. Estamos numa briga de foice com as mãos amarradas, o que não pode mais continuar. É todo um processo político, de racionalização econômica, de reorganização dos canais de comercialização e, acima de tudo, associativismo. Só conseguiremos fazer tudo isso se formos fortes para mostrar à comunidade que a nossa causa é a mesma. E tanto faz que o governador seja do PDT ou PDS, desde que atenda aos anseios da agropecuária. Queremos eleger prefeitos, influenciar a bancada de deputados ligados ao ruralismo entre outros políticos.

O LONGA AÇÃO.

COMPROVADO: ATÉ 42 DIAS[1] DE PROTEÇÃO.

[1] GASTROTESTINAIS *O OSTERTAGIA* 28 DIAS – PULMONARES *D. VIVIPARUS* 42 DIAS

CYDECTIN* AGE POR MUITO MAIS TEMPO. POR ISSO, É O CAMPEÃO EM GANHO DE PESO.

- EFEITO MAIS PROLONGADO CONTRA A VERMINOSE (ATÉ QUATRO VEZES MAIS QUE OUTROS INJETÁVEIS).[1]
- INIGUALÁVEL AÇÃO CARRAPATICIDA.
- MELHOR RELAÇÃO CUSTO/BENEFÍCIO DO MERCADO.
- CONFIRME COM QUEM JÁ APLICOU.
- AGORA, TAMBÉM PARA OVINOS – SEM O PROBLEMA DA RESISTÊNCIA.

CYANAMID
DIVISÃO SAÚDE E NUTRIÇÃO ANIMAL

*Marca Registrada de American Cyanamid Company. Wayne, NJ, USA

Pubblicità & Esquire

Deposite aqui o que você vai colher

Resultado de vários meses de trabalho e investimentos, mais uma safra começa a ser colhida e, com ela, surgem as expectativas por um retorno tranqüilizador. Nossos silos, secadores, sistemas de aeração e termometria, máquinas de limpeza e transportadores horizontais e verticais de granéis sólidos foram desenvolvidos para agroindústrias, maltarias e cervejarias, terminais portuários e complexos de armazenagem em geral, com múltiplas opções de capacidades e velocidades.

Assistência técnica permanente com peças originais de reposição fazem destes equipamentos os fiéis depositários do resultado do seu investimento. Eles proporcionam, além de tudo, vantagens como redução do desperdício e economia de combustível e energia, requisitos indispensáveis nos dias de hoje.

DISTRIBUIDOR
Gates
CORREIAS E MANGUEIRAS

KEPLERWEBER

SUA SAFRA MERECE ESTA MARCA

FONES: Panambi (055)375-2322 • Porto Alegre (051)341-1044 • Cascavel (0452)25-1099 • São Paulo (011)826-1093 • Goiânia (062)281-2888 • Campo Grande (067)742-3013 • Cuiabá (065) 627-1087

SONDER